



**Erinaldo Vicente  
Cavalcanti e  
Raimundo Inácio  
Souza Araújo**

**ORGANIZADORES**

**HISTÓRIAS  
QUE A  
HISTÓRIA  
NÃO CONTA:**

**Trajetórias de  
vidas e relatos  
discentes na  
Pan-Amazônia**



**EDUFMA**

**HISTÓRIAS  
QUE A HISTÓRIA  
NÃO CONTA**



## Universidade Federal do Maranhão

**Reitor** Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva  
**Vice Reitor** Prof. Dr. Leonardo Silva Soares



**SIBi**  
SISTEMA INTEGRADO  
DE BIBLIOTECAS

## Sistema Integrado de Bibliotecas

**Diretor** Prof. Dr. César Augusto Castro



**EDUFMA**

## Editora da UFMA

**Coordenadora** Irenilma Cadête Lima

**Conselho Editorial** Profa. Dra. Andréa Katiane Ferreira Costa  
Profa. Dra. Débora Batista Pinheiro Sousa  
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa  
Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva  
Profa. Dra. Jussara Danielle Martins Aires  
Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa  
Prof. Dr. Luís Henrique Serra  
Prof. Dr. Luiz Eduardo Neves dos Santos  
Profa. Dra. Luma Castro de Souza  
Prof. Dr. Márcio José Celeri  
Profa. Dra. Maria Áurea Lira Feitosa  
Profa. Dra. Raimunda Ramos Marinho  
Profa. Dra. Rosângela Fernandes Lucena Batista  
Bibliotecária Márcia Cristina da Cruz Pereira



**EDITORA  
ASSOCIADA  
À ABEU**  
abeu.org.br

Associação Brasileira das Editoras Universitárias



Esta obra está licenciada sob uma Licença

Creative Commons Atribuição–Não Comercial–  
Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

**Erinaldo Vicente Cavalcanti  
Raimundo Inácio Souza Araújo**  
ORGANIZADORES

# **HISTÓRIAS QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA:**

**Trajetórias de vidas e  
relatos discentes na  
Pan-Amazônia**

SÃO LUÍS



EDUFMA

2026

@ 2026 EDUFMA - Todos os direitos reservados

Revisão de Língua Portuguesa	Robert Silva Mendes
Projeto gráfico, diagramação e capa	Francisco Batista Freire Filho
Ilustrações	Francisco Batista Freire Filho

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Histórias que a história não conta [recurso eletrônico]: trajetórias de vidas e relatos discente na Pan-Amazônia / Erinaldo Vicente Cavalcanti, Raimundo Inácio Souza Araújo, organizadores. — São Luís: EDUFMA, 2026.

266 p. : il.

Modo de acesso: <[www.edufma.ufma.br](http://www.edufma.ufma.br)>

ISBN 978-65-5363-587-6

1. História de vida – Discentes - Pan-Amazônia. 2. Relatos discentes. 3. Relatos docentes. I. Cavalcanti, Erinaldo Vicente. II. Araújo, Raimundo Inácio Souza.

CDD 900.371 2  
CDU 930.2-052(8)

---

Bibliotecária Marcia Cristina da Cruz Pereira CRB 13 / 418

Editado no Brasil [2026]

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

| EDUFMA | Editora da Universidade Federal do Maranhão

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga  
CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil  
Telefone: (98) 3272-8157  
[www.edufma.ufma.br](http://www.edufma.ufma.br) | [edufma@ufma.br](mailto:edufma@ufma.br)

# **Apresentação**

O ato da escrita tem diferentes implicações. Implica produzir um registro pelos códigos semânticos e caracteres alfabéticos de uma língua. Assim, toda escrita é inscrição de registro. Como registro, a escrita também implica uma forma de lutar contra a ação inexorável do esquecimento do tempo, à qual toda ação humana está submetida. Desse modo, toda escrita é uma forma de prolongamento da vida e, como qualquer outro registro, tem intencionalidade. É produto e produtora do tempo e do espaço. Como produto do espaço, carrega as condições do seu local de criação, mostra as variáveis do espaço onde foi forjada. Carrega as marcas institucionais de sua fabricação. Como produto do tempo, igualmente traz em si as condições de possibilidades do momento em que foi gestada. Contém as condicionantes dos tempos, perceptíveis em cada ação representada. Como produtora do espaço, toda escrita é relato desse mesmo espaço, como nos ensina Michel de Certeau (1994). Toda escrita nomeia lugares. Como arte de nomear, a escrita cria, inventaria, atribui significado e existência aos espaços e aos tempos nomeados. Como produtora das experiências temporais, a escrita torna inteligível a existência do próprio tempo. Afinal, como nos ensina Paul Ricœur (2007), o tempo, para existir, precisa ser narrado, e, aqui, entenda-se a narração como uma das formas de escrita.

A escrita é também escrita de si. Quando nos metemos a colocar em escrita nossas ideias, pensamentos, reflexões, inquietações, estamos, queiramos ou não,

gostando ou não, escrevendo também sobre nós mesmos. Portanto, independente do tema escrito, do conteúdo narrado, do argumento usado, toda escrita carrega o DNA de sua autoria. Cada sujeito, cada sujeita, ao escrever, mostra sua condição de autor ou autora que seleciona cada palavra, que escolhe como narrar cada experiência, que escolhe os autores e autoras com quem dialoga e estabelece conexões.

Com essa aceitação de escrita, os relatos que compõem este livro criam mundos, nomeiam pessoas vivas, de carne e osso, amplificam a concepção de existência das histórias apresentadas em cada relato de cada estudante, futuro professor(a) de História.

A história desta obra começou através da dinâmica adotada nos componentes curriculares de Estágio Curricular Supervisionado I, II e III, no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Belém, no ano de 2020, ministrados pelo professor Erinaldo Cavalcanti. As escritas que compõem o livro foram sendo gestadas pelas experiências dos sujeitos(as), antes mesmo de sabermos que se transformariam em relatos escritos para a fabricação de um livro.

Entre as práticas desenvolvidas, havia, no plano de trabalho, espaços reservados para a socialização dos registros produzidos pelos estudantes durante as atividades na escola. Os momentos de partilha, nos encontros na sala de aula, à noite, foram se constituindo em experiências incríveis. Os estudantes iam mostrando

suas sensibilidades, a partir dos registros escritos – mais uma potência da escrita – durante as atividades na escola. Foram momentos extraordinários de reflexão. Eles estavam tendo a possibilidade de observar o universo da sala de aula e, ao mesmo tempo, analisar uma constelação de possibilidades que envolviam o ato de ensinar e aprender História na sala de sala da Educação Básica. As trocas partilhadas, as conexões estabelecidas, as reflexões promovidas nos momentos de partilha, nas aulas presenciais na universidade, foram muito energizantes. Os estudantes-autores iam mostrando um conjunto de questões potencialmente relevantes que envolviam o universo do ensinar-aprender História na Educação Básica. Durante o Estágio Curricular Supervisionado III, houve a discussão de um artigo no qual o autor analisava relatórios de estágio e destacava a presença de professores(as) que marcaram as trajetórias discentes, influenciando a escolha pela carreira docente. Naquele momento surgiu a ideia de os licenciandos construir uma parte do relatório apresentando suas trajetórias e o que os havia levado a escolher aquele curso.

A título de sugestão, propôs-se aos estudantes a utilização de suas lembranças escolares como tema preferencial. Mas, ao mesmo tempo, definiu-se que o objeto da narração seria de escolha livre, potencializando efetivamente o lugar de autoria dos graduandos.

O grupo de estudantes que aceitou a proposta escreveu seus relatos apresentando uma parte de suas

trajetórias<sup>1</sup>. Paulatinamente, diferentes universos de experiência foram sendo criados, representados e apresentados em cada relato, permeados de muita emoção, de afeto, como poucas escritas conseguem fazer. Eram vidas escritas e inscritas em palavras, trajetórias de vida, de luta, de escolhas, de afeto, de enfrentamento ao racismo, de decepção, também, mas de aprendizado, igualmente. Vivências pessoais, muito particulares, apresentadas nas escritas.

A experiência foi tão marcante a ponto de ser vivenciada também na Educação Básica, com estudantes do Colégio Universitário (Colun) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), ainda que numa escala menor. Isso foi possível graças aos projetos em parceria desenvolvidos pelos organizadores desta obra, que puderam assim vivenciar o compartilhamento dessas experiências em diferentes momentos, seja na cidade de Belém, seja na de São Luís.

A leitura dos relatos nos leva a perceber e a conhecer nossos(as) estudantes por outras lentes perceptivas, os quais, muitas vezes, pouco conhecemos, exceto eventualmente aqueles com quem construímos relações mais próximas, em virtude da participação em projetos espe-

---

1 Alguns dos estudantes-autores ficaram em dúvida se queriam tornar públicos aqueles relatos, seja para o relatório, seja para posterior publicação em livro. Para esses casos, foi facultada a possibilidade de usar um pseudônimo e manter a escrita do relato como forma de potencializar a trajetória escrita que poderia e pode também servir de inspiração.

cíficos. Mesmo nesses casos, a aproximação é ocasional e fortuita, deixando a conexão humana e o compartilhamento de nossas histórias e trajetórias como algo que não é imprescindível ao ato de ensinar e aprender. Os relatos presentes neste livro podem, então, nos levar a repensar essa percepção. O ato de educar, de construir, pode prescindir da narração de si e dos outros?

Esta obra é resultado de inúmeras variáveis: os registros produzidos pelos estudantes; sua disposição em compartilhar de forma pública experiências definidoras para sua escolha profissional; os diálogos, as parcerias e a amizade entre docentes de diferentes universidades. Portanto, essas escritas mostram a potência do ato de escrever.

Talvez a forma mais sincera de agradecer aos estudantes, que apresentaram uma parte de suas vidas, seja a apresentação de um pouco de nossas próprias trajetórias. Assim, escrevemos também um relato de nossos percursos, de nossas vidas, para compor este livro.

A obra está estruturada em quatro partes. A primeira é composta pelos relatos dos estudantes do Estágio Supervisionado III da UFPA que participaram da experiência. A segunda é composta pelos relatos de estudantes do Colégio de Aplicação da UFMA. Na terceira parte constam os relatos dos professores Inácio Araújo (UFMA) e Erinaldo Cavalcanti (UFPA). Por fim, na quarta parte, a obra conta com os relatos da trajetória de uma estudante da Universidad Pedagógica Nacional da Colômbia, que foram construídos a partir de uma entre-

vista realizada em 2023 e mostram igualmente dimensões de luta e enfrentamento, sobretudo ao racismo, elemento presente tanto nos relatos dos nossos estudantes da UFPA como no da estudante colombiana.

Esperamos que o público possa também ser afetado pelas escritas e histórias de vida presentes em cada relato. Esses fragmentos são energia pura, porque são relatos de vida presentes em cada palavra. Esperamos que as trajetórias narradas possam nos afetar e servir de aprendizado, inspirando a ouvir e a conhecer o outro, constituindo assim parte de cada um de nós, visto que há muitos pontos de contato e identificação; que essas escritas possam nos sensibilizar, pois são histórias de lutas, desafios e conquistas, e que possam nos inspirar a ouvir mais, principalmente por se tratar de narrativas que muitas vezes a História não conta. Esperamos que este livro seja um incentivo a que as histórias de nossos estudantes, em seus diferentes níveis de formação, possam ser escutadas e acolhidas e que funcionem como estímulo para transformações e reformulações no ambiente escolar e universitário.

ERINALDO CAVALCANTI E INÁCIO ARAÚJO  
ORGANIZADORES

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

RICCEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

# **Prefácio**

# **Para formar o profissional reflexivo**

MARGARIDA MARIA DIAS DE OLIVEIRA (UFRN)

Os professores Erinaldo Cavalcanti e Inácio Araújo, por meio das disciplinas de Estágio Supervisionado e nas suas docências e pesquisas, reuniram Bárbara Soares Pereira, Beatriz Verício Miranda, Júlia Loiola, Matheus de Albuquerque, Raíssa Santos Barbosa, Thomas Barreto, Vanildo Lopes Monteiro Júnior, Vitor Jacques Vital, Zack Moraes, Lyan Lídio, Nilmara Sampaio e Valentina Mosquera e coletaram registros dessas pessoas sobre suas relações com a escola e com a formação acadêmica, além dos seus próprios relatos.

O resultado é o livro que as leitoras e leitores têm em mãos e podem se deliciar e com ele provocar muitos questionamentos. Ao ler os relatos de todas as pessoas que se dispuseram a compartilhar os aprendizados, dores, fatos da vida e suas relações com a escola, fiquei extremamente impactada e não poderia deixar, também, de registrar alguns dos episódios que definiram meu ser e minha relação com a escola.

Por isso, peço licença às leitoras e leitores e aos que me confiaram o prefácio, para lhes explicar como me inseri na cultura letrada.

Levou muito tempo para eu entender e me convencer de que o silêncio não é uma opção ruim. Um dos momentos de maior carinho que eu recebi, durante a minha infância, era permeado de silêncio. Meu avô Manoel Dias Fernandes, a quem todos chamavam “Né”, ficou totalmente cego na velhice e não aprendeu a viver nessa condição. Vivia deitado e levantava-se unicamente para as necessidades de alimentação, banho e orações. Não era admissível para ele rezar, se não fosse em absoluta posição de respeito. Mas, quando minha vó Joana anunciava que seu filho José chegara, nas manhãs de domingo, e me levava, ele (meu avô) se levantava e se sentava em uma cadeira de balanço, de ferro, composta com fios, da qual também tinha um exemplar, em tamanho pequeno, onde eu me acomodava muito bem. Lá, ficávamos, grande parte da manhã, um ao lado do outro, sem diálogo. Quando meu pai anunciava que ia embora, meu avô instruía meu tio Pedro a me dar pipoca e bombons.

Aquele senhor idoso, de cabelinhos brancos, a quem todos tratavam com tanta reverência e cuidados, fazia essa deferência especial para uma menina de aproximadamente 7 anos, a quem ele nunca conheceu as feições. Apesar da minha pouca idade, ninguém precisou me explicar, mas eu sentia o profundo significado que

aquele ato continha, e a inexistência de falas nunca foi impeditivo para que eu assim entendesse. Ou, talvez, eu só esperasse as guloseimas naquele momento, mas hoje entendo que vovô não o fez por isso. Nunca saberei os motivos dele, mas essa é, com certeza, uma das memórias que marcaram a minha infância – nutro um carinho por aquele senhor, a quem nunca perguntei o que sentia, o que o afligia, o que o deixava feliz.

A convivência com ele e, depois, aos 14, 15, 16 anos, com vovó Joana Maria da Conceição, e toda a minha vida com minha avó Amélia, foi definidora da minha formação. Com minha avó Amélia Alves dos Santos não era o silêncio, mas a palavra que definia nossa convivência. Palavras escritas e faladas. Minha avó era analfabeta e, ao passar a residir em nossa casa, após a viuvez, e encontrar sua neta que, aos 7 anos, já lia, ficou encantada. Propôs uma negociação que definiu a minha vida: em troca das minhas leituras de histórias a ela presentes nos livros que havia disponíveis na casa, sobretudo nos livros didáticos de Língua Portuguesa dos meus irmãos, ela me contaria histórias. Minhas manhãs foram assim marcadas: eu lia histórias para ela – algumas eu acrescentava, criando mais uns parágrafos –, e ela me ensinava a narrar, contava a história de “Carinha de pau”: uma moça que foi com uma máscara de madeira para uma festa até ser descoberta pelo príncipe; algumas de Pedro Malasartes; e outras tantas.

Talvez, por isso, as tardes na escola, sobretudo quando saí da Escola Santa Inês, não tenham sido tão insti-

gantes. Nessa, eu era aluna de uma turma multisseriada, cuja professora, Dona Noêmia, usava um dos cômodos da sua casa como sala de aula. Uma mesa e um quadro-negro, que nunca era usado, pois, na escola, se fazia o ditado, e a cópia, em geral, era feita em casa, a partir de algum livro. A tabuada era decorada para ser recitada em sala; e as horas foram ensinadas com auxílio do relógio da casa, igual ao que meu pai, religiosamente, limpava, dava corda e marcava a hora certa em nossa casa.

Quando foi obrigada a ensinar história local, Dona Noêmia prescreveu um livro da história de São Paulo, e esse foi, com certeza, o primeiro livro comprado para mim. Lembro-me da história dos bandeirantes, do desenho da oca e de como me impressionou uma cidade inteira começar a partir de um colégio. Eu chorei nas primeiras semanas e recebi a promessa de um presente em troca do meu silêncio. Sonhei que iria ganhar um conjunto de xícaras de boneca, do mesmo modelo do brinquedo de minha irmã, do qual havia sobrado apenas um exemplar das xícaras. Ganhei uma nota 10 no comportamento e, a partir daí, não chorei mais.

A ida para a escola era uma aventura à parte, pois meu pai colocou um motor em uma bicicleta, que era acionado por meio de um botão, no guidão. Assim ele se locomovia para o trabalho, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). No caminho, ele me deixava na escola; para me levar, confeccionou um pequeno banco de madeira que encaixava no quadro da bicicleta. Para desligar o motor, ele ditava a hora exata que eu deveria

acionar o botão, parando a bicicleta para eu poder descer. Ficava lá, das 13h às 15h, não mais que isso. Por isso não havia lancheira, um dos sonhos de consumo, mas que nunca possuí.

Com a obrigatoriedade do ensino da Matemática Moderna e o fato de Dona Noêmia não ter licença para tal, fui levada, a fim de cursar a quarta série do então primário, pelo meu pai para o Instituto Paraibano Afonso Pereira, escola onde já estudavam minha irmã e meu irmão. Os pontos positivos dessa escola, na avaliação dos meus pais, eram ela ser perto de casa e eles conhecessem e confiarem no dono e diretor da instituição. José Cordeiro de Oliveira era advogado – provavelmente admirador do seu ex-professor, Afonso Pereira, pois assim denominou a escola, apesar de o patrono ainda estar vivo na época –, o qual, sozinho ou em sociedade com outras pessoas, chegou a ter mais de um colégio.

Eram escolas particulares destinadas à população pobre, que deram lucro aos seus possuidores, por meio dos repasses públicos, com compra de vagas, distribuídas como as famosas bolsas de estudo pelos vereadores e deputados estaduais. Essas escolas, em geral, eram conhecidas pela famosa e popular expressão “pagou, passou”; traduziam as corrupções envolvidas nesse negócio, que o regime ditatorial militar tão bem soube incentivar e manter. Era a educação privada e desqualificada destinada aos filhos da classe trabalhadora brasileira.

Eu não gostava da escola por muitos motivos: eu não era mais uma das poucas alunas com atenção da profes-

sora; eu sentia medo daquele ambiente novo; as aulas eram chatas e eu tinha que usar farda, coisa de que nunca gostei, e muito menos ainda quando passava na rua e a meninada (às vezes também alguns adultos) gritava: “Afonso Pereira, só dá peniqueira”. “Peniqueiras” era a tradução do preconceito para com as trabalhadoras que eram empregadas domésticas. Nossa farda, bege e verde, destoava dos tons de azul que, em geral, compunham as fardas escolares. Ela nos aproximava do fardamento dos policiais militares, que tinham a farda nos tons terra, e também nos marcava associando-nos aos grupos sociais mais populares que eram atendidos por esta escola.

Eu era acompanhada até a escola pelos meus irmãos e, muitas vezes, por algumas das primas mais velhas, pois sempre havia alguma morando em minha casa. Lourdes foi uma dessas e, para que aceitasse “brincar de escola” comigo após fazer as tarefas à noite, eu dividia com ela, no percurso até a escola, os 50 centavos que minha mãe me dava para o lanche. Minha prima comprava o cigarro no qual ela já era viciada, o que a levaria, na vida adulta, à tuberculose, mas naquele momento fazia a alegria dela e minha: a ela eu garantia o cigarro e a mim ela garantia a brincadeira, na qual eu era a professora e ela a aluna. Assim comecei a investir no que consideraria, na minha vida adulta, meu luxo.

Dona Cleonice foi minha professora da quarta série primária, quando passei a conviver com Mônica Madalena de Oliveira Cordeiro – que tinha a minha idade, era filha do dono da escola e também a frequentava – e com

Jaqueline Melo Ribeiro – neta de uma poetisa, amiga da família do dono da escola, ramo pobre de uma família tradicional do estado da Paraíba. Formávamos um trio. Minha mãe incentivava a convivência com Mônica, mas não gostava de Jaqueline, e eu comecei a sentir, muito criança, os preconceitos que minha mãe nutria.

Neste ano tive, pela primeira vez, a aproximação com a língua inglesa. Foi solicitada a compra de um livro de Inglês que seria utilizado. Parecia um livro “paradidático”: muito fino, uma introdução (não mais que isso) a esse novo saber. Ficou forte na minha memória, porque foi uma das primeiras vezes que se instaurou tensão na minha casa para “arranjar” o dinheiro que seria dispensado para aquela compra.

Os livros didáticos utilizados em minha casa eram – exclusivamente – os de Língua Portuguesa, preenchidos cuidadosamente em grafite por minha irmã e, no ano seguinte, apagados com borracha para serem reutilizados por meu irmão e, depois, por mim. Portanto, qualquer compra além dessa era muito bem pensada e pesada por meus pais, que, apesar de valorizarem a educação escolar, concebiam ser suficiente a que se assemelhasse à que receberam: com caderno, lápis, borracha, com o aprendizado do ler, escrever e contar. Qualquer coisa além disso não fazia parte do universo deles, e não havia quem os convencesse da necessidade. Mesmo assim, o livro foi comprado, e eu me senti com um tesouro em minhas mãos.

Minha rotina diária era ler histórias para minha avó Amélia e escutar as histórias que ela contava, tomar

banho, almoçar, ir para a escola. Na volta, após a janta, meu pai sentava os filhos em torno da mesa, me ensinava as tarefas e, com os meus irmãos, que já estavam no ginásio e no científico, ele somente fiscalizava se estavam dedicando horas diárias aos estudos. Em geral, havia também uma sessão de histórias contadas por meu pai, mas elas não eram histórias de entretenimento, e sim episódios da vida dele e da minha mãe, das nossas madrinhas, “Lalinha” e “Ló”, da migração para João Pessoa, do trabalho na recém-criada Faculdade de Medicina, do assassinato do Sr. João Simões, da expansão da cidade de João Pessoa, entre outras.

Naqueles momentos, meu pai, sempre tão sério e calado, iniciava uma narrativa minuciosa que intercalava risos, alegria e emoções de todos os tipos e dava a sensação de vermos um filme. Minha mãe sempre protestava contra o que ela qualificava de detalhismo e, ao contrário do meu pai, nunca organizou a capacidade ou teve paciência para narrar histórias, muito menos longas e/ou detalhadas.

As pessoas que chamamos a vida inteira de Madrinha Lalinha (Eulália Simões) e Madrinha Ló (infelizmente nunca soube o nome dela) compunham minhas maiores referências de amizade e família. João Simões, esposo de Eulália, foi comerciante em Pirpirituba, cidade do Brejo paraibano. Meu pai foi seu eleitor e cabo eleitoral, quando João Simões se candidatou a prefeito, mas, com a derrota na campanha eleitoral, Simões decidiu migrar para a capital, João Pessoa, e meus pais o

acompanharam. João e Eulália Simões, junto com seus filhos, Humberto e Roberto, e a empregada da família, Ló, vieram morar na Avenida Almeida Barreto, no centro da capital; meus pais ocuparam o quarto dos fundos, separado da casa, vieram à procura de novas formas de sobrevivência, além da agricultura, de onde provinham.

Contudo, pouco tempo após se instalar na capital, João Simões foi assassinado e sua viúva, que até então vivia em boa condição financeira, foi destituída das posses para pagar dívidas contraídas pelo marido. Meu pai, que então já se instalara como pedreiro, passou a dividir seus ganhos para sustentar sua esposa e filhos, que foram nascendo (e morrendo), e a família de Dona Eulália. Mas isso não era um estorvo, fazia parte das relações de amizade construídas. Madrinha Lalinha e madrinha Ló também procuraram formas de sobreviver: fizeram cocadas para vender, e a chefe da família conseguiu se alocar como professora da rede estadual, pois tinha o curso Normal. Não poucas vezes, alguns anos após esse fato, fui, a mando da minha mãe, à escola da Avenida Benjamin Constant, no mesmo bairro onde morávamos, e em que, numa única sala, via minha madrinha alfabetizar adultos no turno noturno. Era a escola concebida pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), um dos símbolos da ditadura militar brasileira.

Os muitos episódios daquela amizade, além desse início trágico, foram constantemente relatados por meu pai e, embora ele nunca tenha dito com essas palavras,

para mim, isso se tornou a maior e melhor tradução do que significa amizade: saber que você pode contar com alguém em qualquer circunstância, para qualquer ato. Por outro lado, as referências relativas às minhas madrinhas eram as de mulheres muito fortes e únicas. Minha madrinha Lalinha era professora, não tinha um homem ao seu lado, ou mandando nela, criou dois filhos e tinha forte posicionamento político. Conservadora (o marido foi ligado à União Democrática Nacional – UDN), invariavelmente a vi e ouvi falando sobre política partidária. Minha madrinha Ló, apesar de ser a empregada, por toda essa história, havia ganhado outra condição na família. Ela opinava sobre tudo e qualquer coisa da nossa vida, ninguém adentrava os espaços da casa que eram dela; além disso, era uma curandeira maravilhosa. Detinha os segredos das rezas, das ervas e das receitas das comidas para todos os tipos de doença. Gostava e cuidava de animais e plantas e, por causa dela, madrinha Lalinha os admitia dentro de casa.

Até 1975, eu havia morado na Avenida Senhor dos Passos, na Avenida Generino Maciel, e, no dia 25 de abril desse ano, me mudei para uma casa, na Avenida Vasco da Gama, que marcaria toda a minha infância, adolescência e início da vida adulta. Todas essas avenidas, localizadas no bairro de Jaguaribe, uma das primeiras periferias da cidade de João Pessoa, bairro que cresceu pontificado, de um lado, pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário e, do outro, pelo Círculo Operário. Em meio a eles, muitas associações de trabalhadores, nomes de

ruas referenciadas nas datas e líderes operários e uma vida cultural marcada pela religiosidade, pelo carnaval popular e pelos movimentos de vanguarda de música, além dos muitos ranchos que enfeitavam os terrenos baldios entre os meses de abril e junho para ensaiar as quadrilhas de São João.

Esse conjunto de referências e de pessoas moldou muito as escolhas que fiz ao longo do tempo, as condições que foram possíveis que eu selecionasse e, com certeza, um dos valores mais difíceis de carregar e de ensinar: o entendimento de que não devemos deixar os familiares e amigos pelo caminho, à sua própria sorte.

Concluo meu relato afirmando – categoricamente – que é necessário e urgente retomar a premissa defendida por Tardif e Lessard (2002) acerca da profissão docente como uma interação humana. É preciso escutar estudantes, sejam da Educação Básica, sejam das graduações. Eu ousaria dizer que, em nossos eventos acadêmicos, deveria haver mais espaços para relatos de trajetórias de vida, talvez, assim, compreenderíamos muito melhor os caminhos que tomamos em nossas pesquisas, escolhas e, até, em nossos comportamentos.

Ler sobre as trajetórias nas escolas públicas e privadas dos bairros, os encantamentos pelos estudos, as trajetórias de mães, pais, avós, às vezes escolarizados, às vezes não, as formações políticas, as crenças religiosas, doenças ou perdas dos cuidadores, assim como o fato de, durante a Educação Básica, gostar ou não gostar de His-

tória, gostar de outras disciplinas, os motivos para isso, as referências, sempre muito importantes, a professoras e professores, o modo como as professoras e professores estruturavam as aulas e como isso foi definidor de suas vidas; a atuação como docentes e seu relacionamento com os estudantes, as dúvidas sobre suas identidades, as relações com as famílias e colegas, tudo isso nos impulsiona a querer atuar nas instituições escolares.

A miríade de questões elencadas nesses relatos, que fazem da sala de aula um local com carnes, ossos e emoções, nos desafia a repensar sobre que escola queremos, o que estamos construindo e o que deixaremos para o futuro.

# SUMÁRIO

<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
<b>RELATOS DISCENTES (UFPA)</b>	<b>28</b>
Bárbara Soares Pereira	29
Beatriz Verício Miranda	41
Júlia Loiola	47
Matheus de Albuquerque	61
Professora Historiadora: Raíssa Santos Barbosa	79
Thomas Barreto	102
Vanildo Lopes Monteiro Júnior	117
Vitor Jacques Vital	132
Zack Moraes	141
<b>SEGUNDA PARTE</b>	
<b>RELATOS DISCENTES (UFMA)</b>	<b>146</b>
Lyan Lídio	147
Nilmara Sampaio	162
<b>TERCEIRA PARTE</b>	
<b>RELATOS DOCENTES (UFMA E UFPA)</b>	<b>177</b>
Raimundo Inácio Souza Araújo (UFMA)	178
Erinaldo Vicente Cavalcanti (UFPA)	198
<b>QUARTA PARTE</b>	
<b>Relatos discentes: entrevistas (UPN, Colômbia) - Entrevista</b>	<b>217</b>
Valentina Mosquera Ramírez	217

The background features a stylized, light-colored illustration of a tree with a person sitting on a branch. The tree's branches and leaves are rendered in a simplified, geometric style. The overall color palette is muted, consisting of light beige, cream, and pale yellow tones. The text is centered and presented in a bold, sans-serif font.

**PRIMEIRA  
PARTE**

**Relatos  
discentes  
(UFPA)**

# **Bárbara Soares Pereira**

PRECIPUAMENTE SERÁ DESCRITA, DE FORMA SUCINTA, minha trajetória de vida e os caminhos trilhados para eu chegar até hoje – perpassando o período da infância e da adolescência –, momento em que curso Licenciatura em História.

## **Caminhos até aqui**

Nasci no município de Turiaçu, Maranhão, e fui criada no interior de Santa Bárbara, uma ilhazinha com menos de 500 habitantes, sem infraestrutura, sem asfalto e energia elétrica direta, que, nas raras vezes que funcionava, era somente à noite, com horário máximo de funcionamento até as 22h. A população local vivia da pesca, sua principal fonte de subsistência, que, em algumas épocas, se tornava bem escassa, a ponto de muitos passarem necessidade, por falta de recursos para se proverem.

Minha estrutura familiar era formada por um pai alcoólatra, que gastava, com bebida, o pouco dinheiro

que conseguia; uma mãe jovem, com três filhos em casa, e sem nenhum meio de provê-los. Sofria violência doméstica constante; não tinha apoio dos familiares ou de qualquer pessoa que fosse, pois naquela época, em um interior pequeno e isolado, isso era normal. Das poucas lembranças de que consigo me recordar, de quando morava com eles, a de que mais me recordo é a de minha mãe chorando, pedindo para que eu e meus irmãos fôssemos para a casa da minha tia, e lembro-me nitidamente de nós três, de mãos dadas, atravessando o campo que tinha bem em frente da nossa casa, caminhando, sem ter a menor noção do que estava acontecendo.

Apesar de todo esse panorama turbulento e da precariedade em que vivíamos, íamos sobrevivendo, porém ocorria que minha genitora era muito violenta comigo. Não nego, pelas histórias que me contavam dessa época, que eu era muito sapeca, o que se configurava um fato; contudo, a forma com que eu era punida, por meio de violência física e psicológica, era muito... como posso dizer... extremamente violenta, a ponto de ser necessária quase sempre a intervenção de terceiros para me tirar dos braços dela. Em determinada noite, não me lembro o motivo, minha mãe me trancou no quarto e disse que eu só poderia sair quando ela mandasse, porém a vontade de sair e de sumir daquele ambiente opressivo fez com que eu pulasse a janela e ficasse andando pelas ruas; não me recordo se eu voltei, ou se ela foi me buscar; só sei que a surra que ela me deu foi tão grande que meu tio teve que me tirar dos braços dela. Pouco tempo

depois minha tia paterna veio e disse que, se eu quisesse morar com ela, era para eu pegar minhas coisas e ir, e assim fiz, sem pensar duas vezes. Nessa época, eu tinha por volta dos 4 anos de idade; fui criada pela minha tia até os 10 anos, à qual sou grata eternamente por ter me criado como uma de suas filhas.

Por volta dos meus 10 anos, minha genitora mandou me buscar, ela já não morava mais nesse interior, tinha ido atrás de emprego na cidade. Já tinha outro marido e até outro filho, uma outra vida, minha irmã mais velha e meu irmão já estavam residindo com ela. Quando me informaram sobre a notícia de que ela queria que eu fosse morar com ela, minha tia e familiares me aconselharam a não ir, pois sempre enfatizavam que ela não gostava de mim e que me maltratava muito quando eu era pequena. Entretanto, mesmo considerando esses contrapontos, eu estava decidida a ir, já que sempre nutri em mim o desejo de cursar o ensino superior, sonho esse que se tornaria inviável, caso eu permanecesse naquele lugar, pois ali não havia nada para mim, não tinha estudo e nem emprego.

Desde muito pequena eu adorava estudar, comecei a ler cedo e ajudava outros colegas que tinham dificuldade nos estudos; levantava e ia com empolgação para a escola diariamente (a saudade e a nostalgia dessas lembranças de infância são tão boas!), embora, em termos de infraestrutura, a escola fosse bem precária: não tinha ventiladores, os professores só possuíam o ensino médio (um ou dois tinham o ensino superior), a me-

renda escolar sempre faltava, por descaso da instituição governamental com os interiores; quando o alimento escolar era enviado, o diretor levava todo ele para sua casa para consumo próprio. Assim, no tempo de intervalo das aulas, tínhamos que ir para nossas residências lanchar; na maioria das vezes, em casa não tinha nada e acabávamos voltando de estômago vazio para a escola. Outro elemento essencial que também não tinha era uma biblioteca. Os livros com que tive contato ou eram romances, inapropriados para minha idade, ou infantojuvenis, ganhos de uma tia que morava aqui em Belém e que também mandava material escolar para mim e minhas primas. Nossa, como eu amava ler, podia passar horas e horas lendo. Dizem que sempre temos um livro muito importante que nos incentivou a entrar no mundo da leitura, no meu caso foi *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, um livro infantojuvenil que pode ser considerado fútil para alguns, mas que, para mim, foi de suma importância, me orgulhava muito de tê-lo lido, pois naquele momento era o livro com maior quantidade de páginas que eu já tinha lido até então.

Assim, dando continuidade, fui morar com minha mãe em Abaetetuba (PA), pois, como já citei, queria melhores oportunidades e, futuramente, entrar em uma faculdade, o que, para mim, parecia coisa de televisão – na minha família ninguém tinha cursado o nível superior ainda, além de que, no lugar onde eu estava residindo, não tinha nem ensino médio, realidade que perdura até os dias atuais, e, se eu quisesse avançar nos estudos,

teria que ser mantida em outro lugar, porém a condição financeira não permitia.

Desse modo, fui morar com minha mãe, que me recebeu bem, e assim passamos a conviver novamente. Continuei os estudos cursando o antigo quinto ano; minha adaptação na nova escola foi difícil, considerando-se o abismo entre a escola atual e o ensino que tinha tido, com muitos assuntos básicos que eu não sabia, o que fazia com que me sentisse atrasada em relação aos outros colegas. Contudo, sempre fui muito esforçada nos estudos, gostava muito de aprender, tendo como consequência notas sempre altas. Recordo o quanto me orgulhava e ficava feliz comigo mesma em relação a minhas notas altas.

Enquanto no espaço escolar tudo corria bem, em casa, por outro lado, era um verdadeiro terror, tudo que eu fazia era motivo de implicância; além das violências física e psicológica constantes, eu me sentia extremamente triste, como se tivesse algo de errado comigo, me sentia perseguida e sufocada, e, como não aguentava mais, fugi de casa por volta dos 12 anos. Lembro-me de que procurava uma ponte que atravessava o mar para me jogar de lá, porém acabei me perdendo, pois não conhecia a cidade; no caminho fui para a casa de uma estranha, que, para minha sorte, me acolheu e ligou para a rádio da cidade, que anunciava o meu desaparecimento. Assim, fui encontrada e voltei para meu lar, recordo-me de que minha mãe me recebeu nos braços, aos prantos, feliz por eu ter sido encontrada em segurança.

Após toda a comoção inicial, voltamos à rotina normal, que, para minha infelicidade, se tornou muito pior que antes, por eu ter fugido.

Após a conclusão do ensino fundamental, segui para o médio, no qual tive outro choque – novas matérias, maiores exigências, novos colegas e professores. Dentre todas as matérias e professores, durante esse período, o que mais me marcou foi a disciplina de História e a professora que a ministrava, como se diz: a aula dela era um show! Ela conseguia nos tocar e prender nossa atenção na aula de forma única, utilizando para isso alguns elementos que cabe aqui destacar: uma linguagem que se aproximava da dos estudantes e uma forma cômica de dar aula, fazendo com que tivéssemos facilidade em entender a sua explicação e as reflexões propostas, tornando o momento em sala paradoxalmente divertido e reflexivo.

No início dessa disciplina foi dada ênfase na temática de África antiga; pela primeira vez eu não estudava sobre a África e os africanos por meio de velhos estereótipos de pessoas escravizadas e dominadas, colocadas em posição de inferioridade em relação aos brancos, pelo contrário, conheci reinos africanos riquíssimos, sua cultura, economia e religião de forma aprofundada e imersiva. Só a partir de então, passei a olhar para o continente africano com outros olhos, que brilhavam de alegria e orgulho, por eu descender de um povo tão forte e rico, em diversos sentidos. Pela primeira vez em uma vida de autonegação de identidade, bati no peito e

disse: “Sou preta, com orgulho!”. A partir de então, passei a me ver de verdade.

Essa professora trabalhava também no projeto Educar pela Pesquisa, projeto de sua iniciativa em conjunto com um professor de Arte, no qual propunham apresentações artísticas voltadas para as culturas africana e indígena, incluindo danças africanas, por exemplo, *lundum marajoara*, que tem raízes nessa matriz, teatro com poesia negra, pinturas, dança dos orixás, entre muitas outras. Inscrevi-me no projeto, no decorrer dele era como se um mundo novo se estendesse para mim, o mundo da cultura africana; fiquei totalmente deslumbrada com isso, que me transformou e me ressignificou de forma tão intensa e profunda – o que a arte não faz em nossas vidas?!

Dando uma quebra na narrativa, cabe aqui destacar a razão desse meu deslumbre. A Bárbara, que na época tinha 15 anos e cursava o primeiro ano do ensino médio, se odiava em todos os sentidos do termo. Tenho ciência da força desse sentimento para alguém tão jovem. As lembranças de estar chorando por me mandarem pentear meu cabelo crespo, da dor que causava, da baixa estima por sempre usá-lo preso, pois, desde criança, fui ensinada que meu cabelo era “ruim”, que cabelo bonito era aquele liso, tudo isso criava o desejo que hoje me parece um disparate, mas era real para mim: querer ser branca e ter cabelo liso. Não gostava do meu cabelo crespo, da minha pele escura, de ser chamada de preta, e de tudo que remetesse a isso, por

eu entender como algo negativo, fazendo com que eu me sentisse inferior a pessoas brancas, de pele clara, cabelo liso; eu queria ser como elas, queria ser aceita e me sentir bonita.

Assim, desde pequena, eu sofria muito com meu cabelo, não gostava dele, e comecei a alisá-lo aos 8 anos de idade, só deixando ficar natural a partir dos 12 anos, contra a minha vontade, por conseguinte passei dois anos de transição capilar; depois cortei e passei a usar os cabelos soltos, no começo foi difícil, sentia que todo mundo ficava me olhando e me julgando, alguns mandavam alisar de novo, chamavam de palha de aço, bombril. Entretanto, passei a gostar do meu cabelo natural, mas não me reconhecia como mulher preta e nem possuía autoestima como tal. Recordo-me de uma frase dita por minha mãe: “Além de ser preta, pobre, tu ainda é assim?”. Sempre dizia que eu ia ter muita dificuldade na vida por ser preta e ter esse cabelo, que devia andar com ele preso, não estando errada de certa forma, mas o jeito de ela falar me fazia pensar que tudo que estivesse relacionado a isso não era só desvantagem, mas também um peso.

E, agora, volto ao projeto: quando conheci a história dos povos africanos, sob uma nova ótica, passei a me orgulhar de quem eu sou e das minhas características, a me reconhecer como mulher preta e a valorizar isso. Foi a partir da experiência nesse projeto que decidi cursar História, pois desejava conhecer e entender tudo aquilo que ainda não tinha visto, queria transformar, através da História, os alunos, queria que esse conhecimento

fosse algo que fizesse diferença em suas vidas, assim como fez na minha.

Desse modo, após a conclusão do ensino médio, fiz o Enem e entrei no curso de licenciatura em História, no ano de 2020, ano da pandemia da covid-19. Como na cidade em que eu morava não possuía o curso, precisei escolher estudar em Belém (para minha sorte, a minha prima com quem fui criada junto na casa da minha tia já morava na cidade). Conversei, então, com ela para eu ficar lá enquanto estudava; porém, no primeiro dia em que fui para a aula, a universidade teve suas atividades paralisadas, devido ao agravamento da covid-19, e, assim, tive que retornar para casa. No entanto, a situação com minha genitora se agravou ao extremo, após discussão acalorada entre nós, iniciada por eu me intrometer na conversa dela com meu irmão, na qual ela afirmava que queria que ele se casasse com uma mulher branca, pois ela queria netos brancos. A discussão se agravou, a ponto de ela vir com uma faca para cima de mim, não me ferindo por interferência de familiares. Após isso, eu ficava no quarto o dia inteiro evitando a presença dela e, todas as noites, ao dormir, eu chorava amargamente, sentindo-me um lixo descartável, uma vez que minha própria mãe tentou tirar minha vida. Uma semana depois do ocorrido, ela veio até mim e me disse que não tinha mais como convivermos juntas, que era para eu dar um jeito de ir embora de casa; nem consigo descrever o quão fiquei sem chão e desnor-teada, sem saber para onde ir, sem fonte financeira, emprego e ninguém a quem recorrer.

Nesse período eu estava sem celular, usava o da minha irmã, emprestado; entrei em contato com minha prima, citada anteriormente, para perguntar se eu poderia morar com ela; expliquei a situação delicada na qual me encontrava, e ela me aceitou de braços abertos, mesmo estando em dificuldades financeiras. Assim, despedi-me dos meus irmãos, peguei minhas coisas e fui para Belém em pleno ápice da pandemia da covid-19, momento em que o país inteiro se encontrava em lockdown. Eu ficava isolada em casa com a mente desestabilizada, me restava apenas chorar e me odiar por todos esses acontecimentos. Apesar de superada a fase de maior infecção e transmissão na pandemia, não houve o retorno das aulas presenciais; por isso foi implantado o ensino a distância, com redução do conteúdo das disciplinas em 50%, o que se tornou para mim uma experiência bem negativa, considerando a defasagem dos conteúdos e as dificuldades por eu não possuir as ferramentas adequadas para tal, impactando diretamente na qualidade do ensino e aprendizagem, sempre me trazendo o questionamento de como teria sido se eu tivesse tido a experiência na faculdade, desde o início, de forma presencial. Em decorrência desses acontecimentos e de uma série de problemas pessoais, a experiência com aulas presenciais, tão ansiadas a princípio, encontrou uma Bárbara muito doente psicologicamente, com crises de ansiedade, sonolência excessiva na sala de aula, déficit de atenção, nada me interessava ou estimulava, estava ali por estar, me sentia vazia, como se estivesse

morta por dentro, nada me alegrava: somente o sentimento de tristeza e o de existir por existir se faziam presentes, quantas vezes já tinha pensado em suicídio, a ponto de esse se tornar um pensamento diário. Um quadro que se agravou ainda mais durante as aulas presenciais, pois vinham as cobranças inerentes ao curso, as quais eu não conseguia cumprir devidamente. Desse modo, eu ia me autodestruindo, me sentindo inútil por não conseguir fazer nada, desde as coisas básicas até os cuidados pessoais.

Nesse cenário doloroso e sem perspectivas, consegui, com muito apoio e insistência de pessoas queridas, atendimento psicológico pelo SUS. Apesar de demorada, tive a primeira consulta com a psicóloga, que me deu diagnóstico de depressão; a partir de então passei a fazer psicoterapia e a tomar medicamentos indicados por uma psiquiatra. Embora tais medicamentos, sozinhos, não curem, têm me auxiliado muito no tratamento, que sigo fazendo há mais de um ano, um tratamento lento e a longo prazo, que salvou minha vida e, consequentemente, melhorou vários aspectos, incluindo a faculdade.

Ao finalizar esse breve relato proposto, cabe ressaltar que decidi fazê-lo, de boa vontade, para que os docentes se lembrem de que, relativamente a cada discente e em diferentes níveis – seja de estudantes engajados com a disciplina, ou estejam mais adiantados, seja de outros que aos olhos dos professores parecem mais ou menos desinteressados –, existe, por trás de tudo isso, mais que

um discente que aos olhos de alguns deve “cumprir” com a obrigação de graduando, pois tem uma pessoa com uma história, uma trajetória que reflete nos seus estudos. Assim, agradeço ao professor Erinaldo, pela sensibilidade e interesse em conhecer um pouco mais seus alunos, ficam aqui meus sinceros agradecimentos! Também não poderia deixar de concluir sem agradecer a algumas pessoas que, graças ao seu apoio, me permitiram e me deram forças para viver, digo sem atenuantes que lhes devo minha vida: minha amada irmã, Yara; minhas queridas amigas Morgana e Roberta; minha prima, Joyce; e meu estimado amigo e colega de curso Manoel. Graças a essas pessoas, encontro-me aqui, hoje, escrevendo esse relato, sem desistir das batalhas diárias e dos desafios da vida. Quão grata sou por ter tido esses seres de luz em minha vida, os quais não permitiram que eu me afundasse no abismo da escuridão, mesmo me sentindo solitária e consumida pela solidão; sempre que passava por uma fase tão difícil, tinha alguém ali para me apoiar e ajudar a superar esses períodos, sem eles eu não teria chegado até aqui.

## Beatriz Verício Miranda

NASCI E CRESCI EM UMA FAMÍLIA DIVERSA, DE PESSOAS majoritariamente negras e raramente interessadas em questões religiosas. Com 7 anos de idade, minha mãe sai de Pernambuco, com meu tio, minha avó e avô, e muda-se para o bairro da Terra Firme, em Belém. Logo, fui criada em um espaço periférico. Sou filha de uma mãe autodeclarada parda e de um pai autodeclarado preto, ambos de cabelos crespos. Minha mãe fez o ensino médio completo e meu pai parou de estudar no 6º ano do ensino fundamental II. Assim, estudar sempre foi a prioridade da minha família para mim. Por isso, quase toda a minha trajetória no ensino básico foi estudando em escolas particulares, pois meus pais acreditavam que a “melhor educação” se encontrava no ensino privado. A maior parte das escolas em que estudei eram localizadas no bairro onde eu morava ou em bairros nas redondezas; nesse sentido, a limitação a alguns recursos era uma realidade, por se tratar de instituições situadas na periferia.

Com exceção do ensino infantil, cursei o ensino fundamental em escolas privadas, todas tinham diretoras/

es protestantes, o que influenciava no ensino ao qual tínhamos acesso dentro e fora de sala de aula. Orações, festividades comemorativas cristãs, leituras bíblicas foram situações constantes em minha vida até os 13 anos de idade. Fiz, nesses espaços, muitos amigos, que, não por acaso, também moravam próximo da escola, uma vez que a localização e os serviços oferecidos – limitados – diminuíam o valor das mensalidades, permitindo a acessibilidade ao pagamento pelos pais e/ou responsáveis pelos alunos. No entanto, nunca me perguntei sobre como o tipo de educação a que tive acesso, ao longo do meu desenvolvimento, impactou diretamente o indivíduo que sou hoje, até adentrar o curso de Licenciatura em História, em uma universidade pública. Eu também não soube mensurar como a educação ligada a uma religião cristã impactava diretamente nas experiências que tive. Por ser uma mulher preta, sofri, como criança, diversas situações de racismo e bullying, principalmente por conta do meu cabelo crespo e volumoso, por conta das regiões mais escurecidas do meu corpo e por ser muito magra e alta. Comecei a fazer curso de inglês com 12 anos, também pago pela minha mãe, e, felizmente, eu gostava muito da aprendizagem no curso de línguas estrangeiras.

Essa foi minha realidade ao longo de vários anos; hoje percebo que nunca discuti, em nenhuma das escolas que frequentei até o fim do ensino fundamental, o que era racismo e como ele estava presente no ambiente escolar. Dentro de uma escola privada, essa não era uma cobrança a ser feita nem para a coordenação nem para

as/os professoras/es, o que diminuía consideravelmente minhas chances de lidar e denunciar as situações que eu sofria por parte de alguns alunos e por parte, algumas vezes, das/dos docentes. Por conta das experiências nessas escolas, a criação de preconceitos e estereótipos foi algo que, aos poucos, desenvolvi; somente ao estudar em uma escola pública, no 1º ano do ensino médio, iniciei um processo de desconstrução (ressalto que, no período de conclusão do ano letivo da última série do ensino fundamental, alisei o cabelo e passei a ter interesses diversos).

Quanto a essa etapa de desconstrução, estudei em uma instituição pública, localizada no centro de Belém, na primeira série do ensino médio, o que foi extremamente necessário, apesar de sua atuação ter sido insatisfatória, no sentido de não visualizar problemas de muitos adolescentes e jovens como eu. Sendo a maior parte da minha turma composta por alunos etnicamente diversos e com mais de 16 anos, eu notava a desigualdade social presente e sua influência direta no desempenho escolar. Faltas, ausência de atenção, fugas, distrações eram situações diárias que ocorriam. Considerando o choque de realidade sofrido, passei a ser mais tolerante com diversas situações sociais. Tinha poucos amigos na escola e fiquei, durante 8 meses, junto com a turma, sem aulas de língua portuguesa.

No 2º ano, por meio de convênio, retornei à escola particular, pois minha mãe achava que eu havia sido

prejudicada no 1º ano do ensino médio, quando estudei em uma escola pública. Fui para uma escola onde havia uma quantidade considerável de alunos, localizada no bairro de Nazaré, em Belém. Fiz muitos amigos, me inseri em diversas atividades fora do espaço de sala de aula, como feiras de cultura e jogos internos. A escola era extremamente voltada para o vestibular e Enem, preparando os alunos desde o 1º ano. Registro que, aos 17 anos, passando do 2º ano para a última série do ensino médio, finalizei, após 5 anos, meu curso de inglês (incluindo o nível avançado). Somente em 2019, depois de não ter conseguido aprovação no Enem e de ter passado a frequentar cursinho pré-vestibular em outra escola privada, comecei a enxergar na educação novas possibilidades, a me ver mais como mulher negra e a tentar compreender qual era meu dever social nos espaços em que me inseria. Lembro-me de que, a partir do convênio, passei a ter afinidade com os professores da disciplina de História; entre eles, o que mais me chamava a atenção era um docente que havia se formado na USP e que, segundo ele, após viajar para Belém, decidiu não retornar para São Paulo. Esse professor utilizava diversos documentos históricos para abordar os processos históricos que ocorreram na história brasileira, diferindo-se dos demais a quem eu havia tido acesso até então. Logo, ao iniciar o cursinho pré-vestibular, percebi que já havia ali a raiz de algo que se desenvolveu ao longo daquele ano. Em suma, ao manter contato com os temas abordados no cursinho, tive a certeza de que

queria cursar História e, mais que isso, queria ser professora de História. Quanto à minha família, que sempre prezou pela minha educação, inicialmente questionou a escolha, mas fui insistente e não recuei. Realizei a prova do Enem em 2019 e fui aprovada na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Licenciatura em História, e na Universidade Estadual do Pará (UEPA), em Línguas – Inglês, minha segunda opção, com resultados liberados no mesmo dia. Logicamente escolhi o que queria e agradeço a mim mesma por não ter desistido, pois a formação em História em nenhum momento me causou baixas expectativas; na verdade, tornou-me uma pessoa socialmente e politicamente melhor em vários sentidos: por exemplo, incentivou-me a realizar transição capilar que durou 1 ano (2020 – 2021), isso porque, a partir do conhecimento histórico e das leituras sobre questões raciais recebidos, compreendi o real sentido da existência do meu cabelo, da minha cor, do bairro onde cresci e do local social que ocupo.

Levando em consideração as situações que enfrentei, os diálogos que eu não tive, as lacunas, os preconceitos desconstruídos, afirmo que, como estagiária, o que mais observei e tentei aprender, durante esses semestres de estágio em uma Escola de Aplicação, foi a diversidade de pessoas, de conhecimentos, de vivências e de aprendizagens. Para além da experiência docente, recaem sobre mim principalmente as experiências humanas e, tendo em vista minha trajetória de vida, sofrimentos e libertações, não me chama a atenção uma educação que não

seja compromissada com o antirracismo e com o respeito aos direitos humanos. Nesse ímpeto, ser orientada por alguém que me auxilia no processo de luta para ser uma pesquisadora ativa contra as diversas discriminações e rupturas com os direitos humanos, por meio do exercício da pesquisa, ajudou-me a entender qual o meu papel como pessoa inserida em um ensino superior, compreendendo que uma pesquisa comprometida com a mudança positiva da nossa realidade se encontra para além dos intramuros da universidade.

## Júlia Loiola

*“Mas o mundo é assim! Tem que aceitar”:  
relato de uma pessoa inconformada e sua  
escolha pela docência.*

EM ALGUM MOMENTO DA VIDA, UMA ESTUDANTE DE biologia e um estudante de odontologia começaram a se relacionar. Desse relacionamento, houve o meu nascimento, e, desde então, a educação fez parte da minha vida. Uma das primeiras lembranças que tenho, lá por volta dos meus 3 ou 4 anos de idade, são dos sábados e domingos na Universidade Federal do Pará (UFPA), nessa época minha mãe cursava o mestrado em Imunogenética, e eu a acompanhava, mesmo aos fins de semana: “Tem que colocar os reagentes para correr” – até hoje não sei o porquê de esses reagentes correrem tanto, mas minha mãe tinha que vê-los correr. E o que normalmente se espera de uma criança é que ela fique

entediada em um espaço cheio de adultos trabalhando; no entanto, comigo era o extremo contrário, eu amava ir ao laboratório com a mamãe, ficava muitíssimo empolgada quando me deixavam colocar um jaleco, uma máscara e uma luva para ver as bactérias coloridas – as rosas e as roxas eram minhas preferidas. Eu acompanhava também a frustração de minha mãe quando os reagentes não corriam direito, e era sinal de que eu não teria as bactérias roxas e rosas para olhar. Desse espaço, lembro-me ainda das primeiras respostas complexas que faziam com que eu viajasse no mundo da imaginação para entender o funcionamento do mundo. “Mãe, o que é uma bactéria?”. A resposta para a maioria das crianças era simples, como, por exemplo: “Um bichinho muito pequeno que vive por aí”. Mas as respostas da minha mãe eram sempre muito complexas: “Então, existem vários tipos de forma de vida no planeta Terra. Nós, seres humanos, somos um tipo de vida, os cachorros são outro tipo de vida, as bactérias são outro tipo de vida. Elas são muitas vezes minúsculas; para vermos, precisamos de um microscópio. Elas podem nos fazer bem, como a *Penicillium*, que usamos como remédio, ou podem nos fazer mal, como a *Helicobacter pylori*, que causa uma doença chamada gastrite...”. E aquela criança, que sempre foi muito curiosa e que sempre recebia respostas que lhe faziam pensar e refletir sobre todo o mundo em sua volta, não aceitaria qualquer resposta, por exemplo: “Mas o mundo é assim! Tem que aceitar”. E eu não aceitei quando ela veio.

Como uma regra, o tempo passou, mas as influências deixadas por uma infância envolvida com respostas complexas continuaram: em junho de 2013, ocorreu um novo momento na conjuntura política do nosso país, As Jornadas de Junho de 2013, período que marcaria aquela garota de 11 anos; agora as perguntas se voltavam para um “Por que as pessoas estão indo para a rua?”, “O que é capitalismo?”, “O que são contradições de conciliação de classe?”, “Por que tem que ter um terceiro campo?”. E novamente as respostas eram complexas, quase nunca encontradas na sala de aula, talvez pelo fato de que a escola onde eu estudava fosse uma escola tradicional da elite paraense, mas, ao que me parece, as respostas não vinham pelo caráter das perguntas. Algumas delas chegavam aos sábados e domingos, que já não eram mais de idas para a UFPA, e sim para as reuniões de bairro da Corrente Nascente Socialista, organização interna do recém-criado Partido Socialismo e Liberdade – PSOL. Lá, junto com a minha mãe, pude novamente ser municiada de informações, que, na maioria das vezes, não entendia muito bem, no entanto me fizeram entender que água, comida, energia elétrica, transporte, educação e todos os outros itens de necessidade básica não são mercadorias; que todas as pessoas deveriam ter acesso a eles; e que, naquele momento (junho de 2013), as contradições de um governo de trabalhadores em um sistema capitalista vinham à tona, um momento de denúncia pela inexistência de políticas públicas, ou pela ineficiência delas.

Após As Jornadas de Junho, meu interesse por questões relativas às disciplinas de História e Geografia se exacerbou, em especial pelos conteúdos de geopolítica, ministrados pelo professor Francisco Franco. Guardo dois episódios na memória com grande carinho, o primeiro aconteceu durante o sétimo ano do ensino fundamental. Refere-se à apresentação de um seminário sobre “A questão de Israel”, que valia 2 pontos na nota de avaliação do 4º bimestre. Todos os meus colegas já estavam em recuperação em Matemática, então, como forma de ajudá-los, assumi a organização do trabalho, e que ação boa foi essa minha! Lembro-me de passar quase quatro dias direto lendo materiais relacionados ao conflito entre Israel e Palestina; fiquei extremamente empolgada com o assunto; mandei para cada integrante sua parte do trabalho e montei um slide que terminava com a seguinte frase: “Palestina Livre”, e uma foto de um punho cerrado nas cores da bandeira da Palestina. Com esse trabalho pude compreender uma frase que sempre ouvia nos espaços por onde eu circulava: “Trabalhadores do mundo, uni-vos”, refletindo que, enquanto alguém no mundo sofrer perseguição, passar fome, for explorado, não seremos completamente livres.

Apesar de um pouco diferente dessa primeira memória que envolve o professor Franco, a segunda também se refere a um trabalho proposto no final do ano letivo, dessa vez em 2016, no nono ano do ensino fundamental, pós-impeachment da presidenta Dilma. Nesse ano, minha vida foi bastante movimentada no sentido polí-

tico, lembro-me de ir a vários atos de rua pela permanência da Dilma e contra o golpe institucional que ela estava sofrendo. No término do ano letivo, o trabalho final da disciplina Geografia foi desenvolver debate sobre algumas políticas públicas, por meio de um sorteio que, nada me tira da cabeça, foi fraudulento. O professor escolheu para mim o tema “Bolsa Família”, naquela época eu já entendia que meus colegas de turma eram de uma classe social diferente da minha: eles eram os capitalistas, a burguesia; e eu, filha da classe trabalhadora, de uma mãe professora e neta de uma empregada doméstica. Assim, nossos interesses não confluíam, eram inimigos de classe, aquela gente representava os patrões que humilharam minha avó, que a trouxeram do interior de Cametá para viver em situação análoga à escravidão. Portanto, na minha cabeça não tinha como eu fazer um trabalho final falando do Bolsa Família sem denunciar o que os pais daquela gente faziam com os meus, e assim foi. Fiz um trabalho em que denunciava a fome, a situação de miséria, mostrando que a maioria dos casos atendidos pelo Bolsa Família era para que as pessoas não morressem de fome, que tirar a Dilma do poder colocava essas pessoas em risco, já que o referido programa era resultado de um projeto dos governos petistas. Naquele dia vi o olhar de ódio dos filhos dos meus inimigos de classe, vi também um professor, da mesma classe que eu, batendo palma, e novamente entendi os caminhos por onde eu queria andar: queria andar com os meus e não com eles. Recordo-me de pensar: “Se um

dia eu for professora, quero promover isso, quero trazer essas discussões”; contudo, nesse período da vida, a ideia da docência passava longe.

Desse momento em diante, minha vida foi marcada pela luta. Ao completar 15 anos, em 2017, tive a tradicional festa de debutante, muito influenciada pelo contexto em quem estava inserida. Falei para minha mãe que queria comemorar a chegada dos 15 dessa forma tradicional, e assim fizemos, passamos cerca de quatro meses organizando, escolhendo a cor da decoração da festa, os vestidos, o cardápio, as lembrancinhas, a lista de música, a maquiagem, fazendo de tudo para que a festa acontecesse e fosse mágica. De fato, foi uma festa para guardar na memória, tudo muito bonito, comida gostosa, reunião animadíssima, muito afeto sendo recebido de familiares, amigos e vizinhos, uma noite espetacular. No dia seguinte, com muita empolgação, fui abrir os presentes, como era de esperar; ganhei diversos perfumes, semijoias, maquiagem, roupas, mas um deles me chamou bastante a atenção, um livro de título intrigante: *Memórias de uma Moça Bem-Comportada*. De longe, foi o presente que mais me instigou, queria ler aquele livro para ontem. “O que um título daquele poderia trazer?!” , “Quem é Simone de Beauvoir?”, “Por que ela é uma moça bem-comportada?”. Essas perguntas rondavam minha cabeça no dia seguinte à festa, queria que o almoço acabasse logo para eu poder ir para meu quarto ler aquele livro, queria ler o que aquela mulher tinha a me dizer sobre ser uma moça bem-comportada. Dois

dias após a festa, abracei a leitura daquele livro, um dos que mudam completamente nossa vida, sabe? Simone, na primeira parte de sua autobiografia, descreve seus traumas para “se tornar mulher”, descreve, de uma forma muito pessoal, os processos machistas de poda para se atingir a feminilidade. Depois desse primeiro contato com textos feministas, não parei de ler esse tipo de obra; as autoras mais frequentes em minha estante de livros daquele momento foram Bell Hooks, Lélia Gonzalez e Djamila Ribeiro.

Ao seguir essa linha de leitura, deparei-me com o chamado Feminismo Classista, nele a luta de classes é atrelada à luta feminista, colocando assim a mulher da classe trabalhadora em primeira ordem. Em seguida, entraram outras pensadoras em minhas leituras, Angela Davis, Alexandra Kollontai, mas, em especial, Rosa Luxemburgo. Lá pelo mês de setembro de 2017, encontrei um livro intitulado *Reforma ou Revolução?*. Nele Rosa debatia se o Estado deveria passar por reforma até se tornar socialista, ou se o socialismo deveria vir por meio de um revolução; de longe, esse foi um dos livros mais complexos a que tive acesso naquele período, não conseguia compreender qual debate estava traçado nos escritos de Rosa, e, novamente, minha cabeça estava repleta de perguntas: “O que é uma internacional comunista?”, “O PT é uma social-democracia?”. E, mais uma vez, a escola não me respondia tais indagações. Então abandonei a leitura do livro, fui buscar outras leituras que me permitiram fazer a leitura do *Reforma ou Revo-*

lução?. No entanto, certo dia, ao chegar à escola, agora uma de classe média baixa de Belém, me deparei com um grupo de jovens, a maioria homens gays, distribuindo panfletos na frente da escola. O conteúdo dos panfletos era um chamado para o Congresso Nacional da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (CONUBES); estavam fazendo campanha para indicar delegados para participarem do congresso e, no dia seguinte, seria a eleição para os delegados. Peguei um panfleto, com certa desconfiança, li durante a espera do segundo horário, já que quem chegava atrasado não poderia entrar em sala, tinha de esperar a aula do primeiro horário terminar. Concordei, em parte, com aquele panfleto, na verdade concordei com 90% dele. Em 2017, o presidente era o Michel Temer, em seu governo várias foram as políticas neoliberais aplicadas. Ele tinha assumido, por meio de golpe; as ruas gritavam: “Fora Temer” ou “Não vamos temer”. No dia seguinte, o da eleição, parei para conversar com aquele grupo de jovens, a conversa rendeu, passamos quase uma hora conversando – o período do segundo horário e uma parte do terceiro também. Trocamos celulares e marcamos de continuar aquela conversa, e assim fizemos: uns três dias depois nos encontramos na sede da Corrente Socialista de Trabalhadoras e Trabalhadores, a CST-PSOL, essa era mais uma das correntes internas do PSOL. Quando cheguei lá, vi um banner com a foto de Rosa Luxemburgo e prontamente tirei um livro chamado *Vida e Obra: Rosa Luxemburgo*, mostrei para os futuros companheiros de partido.

A reunião, que deveria ser sobre o CONUBES, passou a ser sobre Rosa Luxemburgo: os companheiros pegaram um texto de uma escritora argentina, chamada Mercedes Petit, que desenvolvia reflexão sobre a *Reforma ou Revolução*, do ponto de vista de Rosa, e fizemos um debate; depois desse dia, pude voltar para o livro que eu tinha abandonado e passei a entender as colocações de Rosa. Nesse dia também entendi que queria estar organizada em um partido político e que seria na CST-PSOL.

Após o primeiro contato com a CST-PSOL, as reuniões passaram a ser semanais, os debates eram os mais diversos: os ataques que o Temer fazia contra a classe trabalhadora, a possível eleição de Bolsonaro, a terceira onda do movimento feminista, a situação sindical do país. E assim confluiu até o fatídico ano de 2018, momento em que eu estava no segundo ano do ensino médio. Os receios em relação ao futuro eram constantes: Lula, do Partido dos Trabalhadores, que estava na liderança da corrida eleitoral, havia sido preso; seu principal adversário, Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal, apoiava abertamente a ditadura, era contra os direitos das mulheres, das pessoas LGBTs, racista; assim, um cenário de catástrofe, com sua possível vitória, era dado. Então algumas questões rondavam minha cabeça: “Como eu vou me preocupar em frequentar um espaço que não responde a minhas dúvidas?”, “Por que vou estar em um lugar que não acolhe meus anseios?”, “Para que serve a escola na minha vida?”. Decidi que minha prioridade seria fazer o possível para que Bol-

sonaro não fosse eleito, mesmo que isso resultasse em uma reprovação de ano na escola; a partir daí, minhas idas ao colégio eram pontuais: pelas manhãs serviam para fazer panfletagens, passar em outras escolas, ajudar na fundação e/ou na refundação de grêmios, ir a sindicatos conversar com os trabalhadores, ir a feiras dialogar com a população e, desse esforço, surgiu uma candidatura representando o coletivo de juventude do qual eu fazia parte. Como fruto das conversas desenvolvidas, lançamos Eduardo Protázio para deputado estadual, uma candidatura coletiva, construída por muitas mentes e mãos, financiada por vaquinhas; enfim, uma candidatura verdadeiramente nossa! Ali me sentia plena, acreditava que era possível mudar o mundo, que nada seria como antes, acreditava que a revolução era possível, uma outra sociedade para além das migalhas do capitalismo estava sendo construída.

Contudo a realidade choca: “Mas o mundo é assim! Tem que aceitar”. Essa foi a frase dita por um professor em uma das poucas aulas que frequentei em 2018. Frase que mudaria todo o rumo da minha trajetória, como uma estudante do segundo ano do ensino médio; antes disso, preparava-me para prestar o vestibular para o curso de Medicina; naquele ano, o curso tinha sido um dos mais concorridos da Universidade Federal do Pará, universidade na qual eu pretendia ingressar. Talvez não tenha sido a frase propriamente dita que tenha mudado os rumos da minha vida, mas, sim, o contexto em que ela foi verbalizada, ou seja, em uma sala de aula em que

determinado professor defendia que homens tinham o direito de assediar mulheres na rua, em razão das roupas que elas vestiam, ressaltando que mulheres que se davam respeito não usavam calça legging, shorts curtos, vestidos colados, decotes, que mulheres que não se vestiam com modéstia não deveriam ser respeitadas. Aqui não coloco entre aspas, como deveria ser, a reprodução dessa fala, pelo fato de a situação ter ocorrido há mais de cinco anos e de minha memória falhar, falhar pelo sentimento de repulsa que senti naquele momento e que sinto a cada vez que relembro tal situação. Com enorme sentimento de revolta, a ação que pude fazer, no auge dos meus 16 anos, e sendo somente uma estudante do ensino médio, foi gritar do fundo da sala, mas gritar com força: “Assediador! Tu és um estuprador em potencial! Homens como tu deveriam estar presos e não dando aula!”. E o choque foi a única reação possível da turma e daquele homem, que se colocava como professor de Educação Digital e que, diga-se de passagem, nunca frequentou um curso de licenciatura. Em seguida veio a frase: “Mas o mundo é assim! Tem que aceitar”. Nessa hora entendi que minha função no mundo não era salvar pessoas que estavam entre a vida e a morte em algum hospital, mas, sim, lutar por uma educação em que mulheres não tivessem que ouvir, em uma sala de aula, que elas seriam assediadas por causa da roupa que estavam usando, e não tivessem que sofrer qualquer outro tipo de violência em um lugar onde elas deveriam ter segurança, a escola.

Além dessa violência sofrida em sala de aula, outro fator que foi decisivo na minha escolha pela docência foi o que aconteceu, em uma quinta-feira de outubro de 2018, quando fomos para mais uma panfletagem do “vira voto”, período em que houve uma movimentação nacional, estimulando o ir para a rua a fim de se debater com as pessoas sobre a importância de não se eleger Bolsonaro. Era literalmente isso, fomos para as ruas virar os votos daquelas pessoas que não votaram em Haddad; pois bem, naquele dia parecia que seria só mais uma das muitas panfletagens que ocorriam, mas o incomum aconteceu: uma senhora de cerca de 50 anos chegou, com a polícia, nos acusando de tê-la roubado; segundo ela, teríamos roubado 500 reais de sua bolsa “Porque éramos do PT” e “Gente do PT era tudo ladrão”. Os policiais, claramente a favor de Bolsonaro, nos levaram, de camburão, para a seccional de São Brás, onde passamos por revista envolvendo forte truculência. Depois de provada a inocência dos sete estudantes que estavam lá, fomos liberados; no entanto, a notícia correu a cidade e, para comemorar, fomos a um batuque que estava rolando no Mercado de São Brás. Antes de ir ao festejo, fui em casa tomar banho e dar uma descansada, afinal tínhamos sido detidos às 16h e fomos liberados às 21h. Ao chegar ao Mercado, deparei-me com o professor de História da escola onde eu estudava, que, ao me cumprimentar, me puxou pelo braço, de forma agressiva, deixando-o roxo. Na sequência, tentou me dar um beijo na boca, mais uma vez o ódio subiu, ele só largou meu bra-

ço quando falei que, além dos meus companheiros de partido, eu estava com a minha família ali. Assim, outra violência partindo de um professor; naquela hora um sentimento de impotência me bateu, não consegui comentar com a minha família ou com os companheiros de partido, tampouco com a coordenação da escola. Na segunda-feira tínhamos aula com ele, durante a aula, comecei a sentir enjoo, não conseguia olhar para aquele homem, então fiquei no celular, não queria estar ali, queria um lugar seguro para ficar, longe daquele homem; no entanto, o assunto da aula era ditadura civil militar. E, no momento em que se falou sobre o movimento estudantil, durante “os anos de chumbo”, alguns colegas me citaram como referência de militância, ainda mais porque alguns dias atrás eu tinha sido detida militando. Percebi que aquele homem não parava de querer que eu interagisse com ele na aula, e a minha única reação possível era a de não olhar para ele, a de não responder-lhe. Desse modo, eu o ignorei, fingindo estar mexendo no celular, e, por isso, fui tirada de sala por não querer enfrentar aquele homem que havia poucos dias tinha me assediado em praça pública. Na coordenação, comecei a chorar, e novamente não falei sobre o que tinha acontecido, mas pensei comigo: “O que depender de mim, meninas, nenhuma vai passar pelo que eu passei, eu me tornarei professora de História para falar da luta das mulheres, da classe trabalhadora, para que nenhuma menina sofra violência, dentro ou fora da escola”.

No ano seguinte, minha vida escolar e pessoal foi atravessada pela morte da minha avó, minha frequência escolar, que já era baixa, ficou inexistente, mas o propósito de entrar em um curso de Licenciatura em História seguiu comigo, até ele se concretizar, em janeiro de 2020. Hoje curso Licenciatura em História, na Universidade Federal do Pará, e posso afirmar, com toda a certeza, que o mundo não é assim; ele pode estar assim hoje, mas estamos construindo o amanhã desejado e, no amanhã desejado, não terá espaço para violência contra mulheres, nem exploração da classe trabalhadora, não haverá nenhum tipo de exploração da classe trabalhadora.

## Matheus de Albuquerque

*“Pra quem já mordeu um cachorro por comida, até que eu cheguei longe...”*

*– um relato de trajetória discente.*

NUNCA PENSEI QUE FOSSE TÃO DIFÍCIL A TAREFA de relatar minha própria trajetória. Admitindo que com toda escolha vem, também, uma renúncia, como eleger os pontos importantes a serem destacados de uma trajetória de 22 anos? Desde muito jovem tenho apreço pela leitura e pela escrita, e sempre pratiquei bastante essas duas atividades. Mas escrever sobre mim parece ser uma dificuldade, um obstáculo que costumeiramente evito, ao máximo, enfrentar. Escrevo sobre quem amo, escrevo sobre minha pesquisa, escrevo sobre qualquer outra coisa ou sobre outro alguém que não eu. Quando ainda uma criança, com não mais que 9 anos de idade, comecei a escrever sobre mim, sobre meus sentimentos, mas

esse é um costume que ficou no passado. Ao longo da adolescência, desenvolvi outros meios para (não) lidar com minhas próprias sombras. Com dor no coração pelas pessoas, coisas e acontecimentos que ficarão de fora deste ensaio, eu o fracionarei em três seções, estabelecidas por ordem cronológica e a partir de momentos que considero “viradas de chave” fundamentais na minha trajetória e na constituição de quem sou hoje.

O título deste relato faz referência ao álbum homônimo do rapper, cantor, compositor e apresentador brasileiro Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido pelo nome artístico Emicida. O álbum foi lançado no dia primeiro de maio do ano de 2009, pela gravadora Laboratório Fantasma, e é considerado um marco na história do rap nacional. A antologia trata de temas como depressão, racismo, solidão, fome, desamparo e de outros que, infelizmente, são comuns nas experiências de vida de pessoas negras no Brasil. Ilustra diversos aspectos de minha trajetória, com uma referência especial à faixa *Oorra*, que fecha o projeto e que proporciona uma inevitável identificação com todos nós que conhecemos as dores da fome, do luto, da solidão, da violência, do preconceito e da discriminação. Emicida, por meio de suas músicas, conversas, entrevistas, e de seu trabalho como um todo, salvou, salva e ainda salvará muitas vidas. Incluindo a minha.

Eu já passei fome, já apanhei calado  
Já me senti sozinho, já perdi uns aliado  
Eu já dormi na rua, fui desacreditado  
Já vi a morte perto, um cano engatilhado  
Eu já fugi dos homem, bati nos arrombado  
Quase morri de frio, eu já roubei mercado  
Já invejei quem tem pai, já perdi um bocado  
Eu sofri por amor, eu já vi quase tudo chegado  
Fragmento da canção Ooorra, do rapper Emicida, 2013.

### **Nasce uma estrela**

No dia 12 de setembro de 2001, nascia, no bairro da Pedreira, Matheus de Albuquerque Fonseca, que aqui vos fala para uma vida de altos e baixos. Até os 9 anos de idade, residi com minha família em diferentes bairros da região metropolitana. Morei no bairro da Pedreira, alguns meses após meu nascimento, e, então, passei por Paar, Cidade Nova VI, Cidade Nova IV e Cidade Nova VIII, bairros do município de Ananindeua.

Cresci morando com mãe, pai e avó materna. Filho único, tinha todos os mimos que minha avó, Dona Célia, aposentada pelo Banco da Amazônia, poderia me oferecer. Os meus pais, Braz e Jaqueline, não tinham empregos fixos e dependiam em grande parte da contribuição financeira de Dona Célia. Maria Célia de Albuquerque foi também professora de Língua Portuguesa e de Piano, renomada entre a classe média de Belém na segunda metade do século XX. Célia é uma das maiores

inspirações de minha vida. Ser humano ímpar, inteligentíssima e de caráter inabalável, ela me deixou como herança duas das coisas que considero mais importantes para a definição do meu ser: amor pelos estudos e paixão pela música. Foi fundamental para que, ainda na infância, eu pudesse criar hábito e, por consequência, apego às práticas de leitura e escrita. Apesar das dificuldades, minha família sempre me proporcionou condições básicas para que eu pudesse me dedicar aos estudos. E assim o fiz. Desde a etapa de Alfabetização até a última série (hoje, último ano) do Ensino Fundamental I, fui destaque em todas as turmas que integrei, sendo frequentemente agraciado com premiações internas nas escolas que frequentei. Além disso, fui inúmeras vezes o vencedor do prêmio Aluno Nota 10, da Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua (SEMED). Além do excelente desempenho em sala e nas avaliações, o ambiente escolar no geral sempre foi, para mim, um ambiente familiar, confortável. Sempre tive facilidade para me integrar com colegas da minha turma e de outras, assim como com professores, servidores e outros funcionários das escolas. Muitas vezes a escola me era mais familiar que minha própria casa, por conta de situações que aqui não devem ser o foco.

Guardo, com muito carinho, diversas memórias de atividades escolares das quais participei, desde o Jardim de Infância até o Ensino Médio. Atendo-me ao Fundamental I, eu me recordo de pelo menos três edições de Festas Juninas da Escola Municipal de Ensino Fun-

damental União e Fraternidade, localizada na Travesseira WE 42, no bairro da Cidade Nova (IV). Lembro-me também de excursões realizadas para diferentes locais e me lembro, principalmente, de professoras, como a querida Regina Célia Teixeira Pereira. Esse é um nome de que nunca vou me esquecer. Depois de minha avó, essa foi, certamente, a professora que mais me marcou na infância. Tive com ela diálogos incríveis, para além dos conteúdos das aulas. Eu, de fato, nunca tive dificuldade com os conteúdos. Mas escutar de uma professora negra, àquela altura, sobre questões raciais que me afetavam – e ainda muito me afetariam – teve indubitável impacto na constituição do Matheus cidadão. Além disso, constituí nessa escola afetos de amizades que carregou comigo até os dias atuais, mesmo que as amizades em si tenham se desfeito. Considero que, na minha vida, poucos laços são realmente rompidos. Talvez seja uma falha minha, algo que precise trabalhar, mas só sei que sou assim, pelo menos em matéria de amizade. Dificilmente deixo de amar alguém que já amei um dia, o sentimento só fica, ali, adormecido.

No meu último ano no Ensino Fundamental I, em 2011, eu me sentia o máximo! Cercado de bons amigos na escola e na rua da minha casa, ótimo aproveitamento nas matérias escolares, benquistado por todos os sujeitos que constituíam o ambiente escolar e alvo do afeto de uma ou de duas garotinhas da minha turma, além de ter uma família que, acima de tudo, me amava e fazia de tudo pelo meu bem-estar. Sentia-me abençoado,

grato por ser uma estrela que brilhava no universo, o qual, naquele tempo, se resumia ao ambiente familiar e ao ambiente escolar. Eu já sonhava alto, sem ter noção do que era a vida, de como ela iria se expandir ao meu redor, e de tudo que estaria por vir. Esse era o clima do início do ano. No dia 29 de maio, no entanto, ocorreria o segundo grande marco deste relato de trajetória. Nesse dia, enquanto assistíamos pela televisão a uma partida entre Corinthians e Coritiba, válida pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino, minha avó, Dona Célia, sentiu fortes palpitações e foi levada com urgência ao hospital, já pelo fim da tarde. Dona Célia tinha se acidentado, anos antes, ao descer de um ônibus; o motorista arrancou cedo demais e ela quebrou o fêmur direito, perdendo o movimento da perna direita e precisando se locomover com o auxílio de muletas. Depois, sofreu um AVC e, apesar de ter sobrevivido, ficou com sequelas, perdendo parte da mobilidade do lado esquerdo do corpo, passando, assim, a ficar permanentemente sujeita ao uso de cadeira de rodas. Meu pai, Braz, havia saído no horário do almoço para beber com amigos, então minha mãe, Jaqueline, com a ajuda de um motorista particular que nos prestava serviço, se encarregou de levar Célia ao Hospital Pronto Socorro Municipal Mário Pinotti, popularmente conhecido como “PSM da 14”. Fiquei em casa, sob os cuidados de uma amiga de minha mãe, chamada Michelle, com a qual sempre tive boa relação. Pela considerável distância de nossa casa, em Ananindeua, ao PSM, em Belém, não estranhei o fato

de minha mãe chegar em casa apenas no meio da noite. Ela me disse que minha avó se encontrava em estado de saúde estável e que havia voltado para casa apenas para buscar roupas e documentos. Somente no dia seguinte descobri que, quando minha mãe voltou para casa naquela noite, minha avó já havia falecido, em razão de negligência no atendimento por parte de médicos e enfermeiros do hospital.

Nós não conseguimos contatar meu pai. Não no mesmo dia, nem do dia seguinte e nem no dia após. Um grupo de homens que andava com meu pai apareceu, tarde da noite, na nossa casa. Eu estava estudando no quarto, minha mãe foi atender. O tom da conversa foi suspeito; queriam me ver e falar comigo a todo custo, mas minha mãe não os deixou entrar e inventou que eu estava dormindo no momento. Depois de muito relutar, foram embora, contrariados. Mas, ainda assim, minha mãe sentia que não estávamos seguros, então saímos, no meio da noite, com uma bicicleta, mochilas com roupas e outros artigos pessoais em direção à casa de parentes, na Cidade Nova VIII. A casa ficou para trás, trancada, com todas as nossas coisas. Apesar de eventualmente termos voltado para retirar nossos pertences de lá, naquela madrugada nós saímos e eu não mais voltei a entrar na casa. Tudo isso aconteceu muito rápido, e existem dimensões que eu preciso sonegar deste texto, pois não conseguiria explicar e fugiria da proposta do trabalho, mas acredito que seja possível compreender que aquele Matheus, que antes andava no auge dos seus

9 anos de idade, foi acometido, então, por sensações de insegurança, incerteza, medo e tristeza muito maiores do que jamais ele havia experimentado. Esses acontecimentos conformaram uma mudança completa no meu modo de vida e na minha trajetória e demarcam o fim de uma fase para o início de outra.

*Cabeça, ombro, joelho e pé*

A mudança para a Cidade Nova VIII foi o primeiro ponto decisivo para a transformação dos caminhos da minha vida. Conhecer e me conectar com pessoas diferentes, de uma rua diferente, que carregavam costumes diferentes daqueles com os quais eu já estava habituado em minha antiga localidade, foi um tanto desafiador no início, especialmente porque eu ainda frequentava a mesma escola, mas residia em um conjunto habitacional diferente. Considero que isso tenha retardado, até certo ponto, minha conexão com as crianças da nova rua (WE 40), que se conheciam desde muito pequenas e, em vários casos, estudavam nas mesmas escolas. No entanto, esse cenário foi contornado em alguns meses, a partir da socialização em brincadeiras na rua – afinal, era uma época diferente, na qual apenas os adultos possuíam celulares, alguns jovens tinham videogames e, geralmente, ninguém tinha wi-fi em casa, o que fazia com que todas as crianças da rua, a partir das 15h, se reunissem na frente da casa de fulano ou de sicrano para brincar.

Meu pai, que havia sumido no dia da morte de minha avó, permaneceu desaparecido no mês seguinte.

Minha mãe tentava de todas as formas descobrir o paradeiro dele, infelizmente sem sucesso. No fim do mês de junho, minha mãe se dirigiu ao Instituto Médico Legal, onde fez o reconhecimento do corpo de meu pai. Ele havia sido morto no mesmo dia do sumiço, no mesmo dia de minha avó, cruelmente assassinado e sem possíveis suspeitos, como de costume, nos casos de vítimas pretas. Meu objetivo, elegendo como informação importante essa tragédia familiar, é encaminhar uma reflexão sobre o impacto que a violência causou na minha vida e na minha forma de enxergar o mundo e as relações que o compõem. Eu nunca estive realmente alheio às violências que eu sofria em decorrência da minha raça, mas, a partir desse momento, comecei a me conscientizar de que o problema era geral. À medida que a vida e os círculos pelos quais eu transitava iam se expandindo, eu percebia cada vez mais o “tamanho das coisas” – não só das violências, mas do amor, do sexo, dos vícios, dos problemas e das lutas para solucioná-los –, o que acredito que seja normal e comum a todas as pessoas.

Foi a partir desse período que passei a ter consciência de mim mesmo, me entender como pessoa e sujeito em um contexto mais amplo do que o de minha casa e o da escola. Conheci, na Cidade Nova VIII, pessoas que viriam a se tornar meus amigos, que viriam a frequentar minha casa, e eu as delas, e nesse convívio fui adotando e influenciando comportamentos e pensamentos que acabaram criando uma identidade comum entre nós, uma identificação única entre os membros desse grupo

restrito. Ali, fui me conformando como jovem, como adolescente.

Em 2012 ingressei no Ensino Fundamental II e, por um erro da Secretaria de Educação, fui matriculado em uma escola próxima ao meu endereço antigo, ou seja: nada de estudar com os amigos vizinhos. No entanto, apesar de, no início desse novo ciclo, a convivência com meus amigos vizinhos ter sido minha principal válvula de escape para os sentimentos e pensamentos negativos que permeavam minha mente e meu coração, logo voltei a encontrar um porto seguro na escola. Em um ambiente novo, com pessoas novas, consegui fazer amizades bem rápido e, mais uma vez, transformei aquele local no “meu lugar”. Os laços que criei na (e com a) Escola Municipal de Ensino Fundamental João Paulo II, na Cidade Nova VI, foram fortes e cheios de carinho e fraternidade, o que me causou sensação de pertencimento ainda em meu primeiro ano ali. Meu desempenho escolar se manteve mais que satisfatório, e eu tive, mais uma vez, a sorte de encontrar pessoas boas na comunidade escolar. Nessa escola, assim como na anterior (talvez até mais), fui extremamente participativo e presente nas atividades propostas, dentro e fora da sala de aula. Das Festas Juninas aos Jogos Internos, das Gincanas de Matemática ao Projeto Mais Educação, o nome “Matheus de Albuquerque” sempre esteve presente, e sempre com destaque, humildemente falando.

Minha mãe, que, assim como eu, estava lidando com o luto de duas pessoas que eram bases de suporte em sua

vida, continuamente me incentivava a participar de diferentes atividades, dentro e fora do espaço escolar. Escolinha de futsal, futebol de campo, projeto de slackline, cursos diversos, enfim. Até fazer parte da Guarda de Honra do Corpo de Bombeiros, eu fiz! No projeto Mais Educação, fiz parte dos minicursos de Jornalismo e Redação, que foram fundamentais na minha trajetória na escola e reverberaram também no restante do meu percurso formativo. O incentivo da minha mãe ia além da minha participação nos eventos da escola: ela também era muito presente. Destaco aqui os Jogos Internos, nos quais ela participou como treinadora dos times de futsal e de futebol, dos quais eu fazia parte. Jogadora profissional de futebol e futsal, ela sempre me estimulou a trilhar o caminho dos esportes e sempre amou participar dos eventos da escola, em especial dos que envolviam a prática de esportes. E ela era amada por todos, tanto pelos alunos quanto pelos professores e pelos outros funcionários. Durante todos os anos em que estudei na escola, ela foi agraciada, em uma premiação interna, com o título de Responsável do Ano, pela participação nas dinâmicas do ambiente escolar. Essa presença constante me foi, sem dúvidas, importantíssima para fortalecer ainda mais os laços com o ambiente escolar e me fazer perceber cada vez mais a escola como parte da comunidade na qual estava inserida, e vice-versa, e não como um lugar isolado da comunidade, com dinâmicas “encasteladas e encurraladas” (se o querido professor Erinaldo me permitir o uso da expressão) em seu inte-

rior. Mais uma vez, fiz ali diversas amizades que carrego até hoje, cada uma com suas especificidades, mas todas permeadas de amor e consideração.

No Ensino Médio, porém, a coisa não foi tão boa assim. Na altura dos meus 15 anos de idade, em 2016, ingressei no 1º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Agostinho Monteiro, localizada na Cidade Nova II, próxima à famosa Praça da Bíblia. Nesse período, apesar de ainda estar cercado de boas amizades e praticando atividades saudáveis, a situação financeira na qual nos encontrávamos, eu e minha mãe, não era nada boa. Ela trabalhava na limpeza do Tribunal de Contas do Estado, situado na esquina da Rua Quintino Bocaiúva com a Avenida Nazaré, no centro de Belém. Como eu estudava pela manhã e o turno de trabalho dela iniciava às 14h, eu passava o dia inteiro sozinho em casa, depois de chegar da escola, e ficava esperando-a chegar do trabalho à noite, com o coração apertado, afetado por diversos traumas sofridos anteriormente. Mais uma vez, desde o falecimento de minha avó e de meu pai, eu lidava com muita pressão e muita preocupação. Minha etapa de amadurecimento e, principalmente, a rotina de trabalho de minha mãe a impediram de manter o mesmo nível de participação nas atividades escolares. Isso fez com que os problemas com os quais me deparava na escola não fossem suavizados. E eles não foram poucos, como será dito a seguir. A questão é que, já no ano de 2016, as dificuldades que nós passávamos fizeram com que reacendesse em minha

mãe um desejo antigo: mudar-se para São Paulo em busca de melhores oportunidades de emprego e condições de vida. A iminente ida de minha mãe para São Paulo me afetou bastante, porque também se tratava da minha ida para São Paulo. Sair do lugar onde cresci e cultivei todas as minhas relações para ir morar em outro estado, do qual eu sabia pouco mais que “é tudo cinza”, e onde eu não conhecia ninguém, era uma ideia que me assustava e me entristecia.

Além disso, a escola em que eu estava não tinha boa infraestrutura e os professores e administradores da instituição pareciam não saber – ou não querer – lidar com problemas graves e recorrentes, como bullying e racismo, dos quais fui diversas vezes vítima. Eu realmente não cheguei a desenvolver afeto por essa escola, nem por colegas que tinha nela. Meu único amigo era Ruan Macedo, que, na verdade, era um dos meus amigos vizinhos, que conheci ainda em 2011, quando me mudei para a Cidade Nova VIII. Essas circunstâncias fizeram com que o 1º ano do Ensino Médio (2016) tenha sido meu pior ano escolar. Tive notas baixas, quase precisei fazer recuperação das provas finais e meu interesse pelo ambiente escolar esteve extremamente desnutrido; esse era o cenário no fim do ano. Mas, como sabemos, não existe nada suficientemente ruim que não possa piorar. No início do ano seguinte, 2017, consegui me matricular em outra escola, mais próxima de casa e onde outros dos meus amigos vizinhos estudavam. Parecia que tudo se encaminhava para uma volta por

cima. No entanto, no dia 28 de julho daquele ano, minha mãe partiu para São Paulo, em uma empreitada da qual ela até hoje não voltou. Esse foi o acontecimento que demarcou a segunda grande virada de chave da minha vida. Após essa data, começo a me aproximar mais de quem sou hoje.

*The fresh prince (of Belém)*

Os dois primeiros bimestres letivos do ano de 2017 foram bons para mim, especialmente do ponto de vista do aproveitamento nas disciplinas escolares. No que diz respeito à convivência com meus colegas de turma, no entanto, as coisas não andavam muito bem. Não sofri agressões, nem nada do tipo, mas não consegui estabelecer nenhum vínculo forte de amizade. A partir do fim de julho, contudo, as coisas desandaram de vez. Sempre fui muito ligado à minha mãe e nunca me imaginei morando longe dela, mas morar em São Paulo era um sonho dela, e não meu. Minha vida ocorria aqui, e meu futuro vinha se constituindo aqui. Por isso, ela foi sozinha e eu fiquei, sob os cuidados de minha madrinha, Elyene.

Minha madrinha é amiga de minha mãe há mais de 25 anos e é, com toda certeza, uma das melhores pessoas que já conheci na vida. Um coração enorme, no qual cabem muitas pessoas e muitos gatos. Por conta da minha vontade de ficar e das incertezas sobre como seria essa primeira experiência na capital paulista, minha mãe decidiu me deixar com minha madrinha, pelo menos até que eu me mudasse para São Paulo para ficar junto

com ela. Minha madrinha, sempre muito compreensiva – o que eu já esperava dela, que é psicóloga –, entendeu logo de cara que eu precisava ficar.

Apesar de todo o apoio e incentivo que minha madrinha me proporcionou, a ida de minha mãe me afetou profundamente. Mais uma vez, não vi na escola um refúgio, e acabei negligenciando minha própria educação. Andava sempre muito deprimido, alheio à maior parte das coisas. Mesmo morando com minha madrinha no centro de Belém – mais especificamente no bairro da Campina –, continuei estudando na Escola Estadual de Ensino Médio Pitágoras, na Cidade Nova VIII. Era uma forma de continuar me sentindo ligado àquele local e àquelas pessoas que foram tão importantes para meu desenvolvimento e, não menos, à minha mãe. Mesmo assim, no segundo semestre letivo, passei a matar muitas aulas, porque não conseguia lidar com minhas emoções, e isso me atrapalhava na tentativa de focar nos estudos. Do outro lado, os professores e funcionários, com os quais eu tinha, como de costume, uma boa relação, não percebiam que eu estava passando por dificuldades, ou, se percebiam, não estavam dispostos a me dedicar uma atenção especial, uma conversa ou algo do tipo. A soma desses fatores fez com que eu ficasse reprovado no 2º ano do Ensino Médio. Na época fiquei triste por ter que dar essa notícia à minha mãe e à minha madrinha, mas fui até compreensivo comigo mesmo. Entendi que, apesar de extremamente negativa para meu percurso formativo,

foi uma escolha que eu tinha feito, e uma escolha que, se não tinha justificativa, ao menos tinha explicação, pelo menos para mim.

No ano seguinte, sim, eu superei as dificuldades. Voltei a ser o bom e velho Matheus de Albuquerque, na melhor combinação entre desempenho, carisma e lazer. Obtive ótimas notas em todas as disciplinas, participei de eventos extraclasse e fiz amizades primorosas, dentre as quais destaco a de Beatriz Lelis, uma menina doce, inteligente, linda e companheira, que se tornaria, três anos depois, minha namorada.

No 3º ano do Ensino Médio, eu e minha madrinha decidimos que eu iria estudar em Belém, por conta da logística e do desgaste. Mudamo-nos para a Travessa dos Tupinambás, no bairro da Batista Campos, próxima à Rua dos Mundurucus. Por sorte, conseguimos vaga em uma escola localizada bem perto de nossa casa, que era a finada Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Tiradentes II, localizada na Travessa Presidente Pernambuco, na esquina com a Rua Conselheiro Furta-do. O ano passou bem rápido, mas posso dizer que vivi bastante e aproveitei. Foi um ano de coisas novas. Clima de estudo para o Enem, primeira vez namorando de fato (ainda não com Beatriz) e primeiro ano vivendo (considero que antes eu apenas residia) na cidade de Belém. As amizades que fiz na escola foram muito importantes para mim, pois eram as únicas pessoas da minha idade que eu conhecia na cidade. Eu não cresci no bairro da Batista Campos nem no da Campina e, diferente do que

ocorre nas periferias, a convivência entre vizinhos era bastante limitada.

Embora eu tivesse boas condições de vida, proporcionadas por minha madrinha, eu não fiz cursinho pré-vestibular. Estudei apenas em casa, pela plataforma YouTube e na escola, onde dei a sorte de encontrar professores extremamente dedicados e comprometidos com o processo de aprendizagem dos alunos. Acreditando no melhor e me preparando para o pior, fiz a prova, e, alguns meses depois, o feliz resultado: meu nome no listão da maior universidade do Norte do país! Na época, não tinha clareza, mas hoje percebo que minha escolha pela Licenciatura em História não foi por acaso. A convivência e a admiração pela minha avó, os professores incríveis que encontrei pelo caminho e minha vontade de desempenhar um papel importante para as transformações pelas quais nossa sociedade necessita passar me fizeram escolher, sem titubear, este curso no qual me encontro. E a ideia de que eu preciso ser professor só foi confirmada ao longo desses quatro anos de graduação. Ainda falta um ano para eu me formar, mas, quando penso nas avaliações que fiz, nas discussões de que participei até aqui, na regência que ministrei neste semestre, tenho certeza de que estou no caminho certo e de que tenho potencial para somar nas lutas pela educação de qualidade, pelo trato com a diferença, pela inclusão e a pluralidade de ideias e sujeitos em diversos âmbitos da sociedade, saindo da marginalização que sofremos – me incluo nessa.

No fim deste relato de trajetória, não posso deixar de registrar meu agradecimento aos melhores professores que a UFPA me proporcionou: aqueles que, talvez sem ter dimensão da importância que têm, de formas diferentes, me ajudaram a encontrar o caminho que quero seguir. No quinto semestre da graduação, tive aula com os professores Mauro César Coelho, Erinaldo Vicente Cavalcanti e Taíssa Cordeiro Bichara. Sem dúvida, decisivos para trazer alegria e forças a um jovem que até então trabalhava e estudava, se via cansado e sem reais perspectivas para o futuro na docência e na pesquisa. Hoje, sou muito orgulhoso de poder dividir espaço de trabalho com todos, por meio do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (GERA/UFPA). Por me ajudarem a encontrar o caminho, muito grato!

# Professora Historiadora: Raíssa Santos Barbosa<sup>1</sup>

*Parafraseando Paulo Freire, digo:  
“Eu, como um ser histórico, inserida  
num permanente movimento de procura,  
faço e refaço o meu saber”.*

PARAENSE, CASADA, MULHER, BRANCA, 29 ANOS, BACHARELA em História, mestra em História Social da Amazônia e agora graduanda do curso de Licenciatura em História, mais uma vez na Universidade Federal do Pará. Narrarei aqui cronologicamente alguns eventos da minha vida que, atualmente, consigo relacionar ao proposto por esta publicação. Certamente, minha história de

- 
- 1 Este texto surgiu através de uma proposta do Professor Erinaldo Cavalcanti, durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, que ele ministrou, no ano de 2023, para a turma de 2020 do curso de Licenciatura em História da UFPA. Sobretudo, porque nessa ocasião muitos dos discentes pela primeira vez realizariam a regência de uma aula de História na escola onde ocorria a prática de estágio.

vida não foi organizada e coerente, nenhuma história de vida o é, como aponta Pierre Bourdieu (2006) em seu texto *A Ilusão Biográfica*. O que apresento aqui é uma narrativa inspirada na preocupação em dar sentido lógico e cronológico às minhas memórias, ao modo como rememoro a minha vida, sobretudo a escolar, para que o leitor consiga acompanhar os principais eventos que me trouxeram para o que vivo agora, uma paixão pela pesquisa, pelo ensino, pela teoria, pela historiografia, por tudo o que a História representa para a sociedade e por todas as coisas que eu conquistei por meio e causa dela.

### **I – A Copa do Mundo de 1994**

Hoje a Seleção brasileira é pentacampeã pelo torneio de futebol mais importante organizado pela Federação Internacional de Futebol, a FIFA. Nenhum outro país tem tantos títulos como o Brasil nesse torneio. Todavia, os brasileiros que assistiam ao jogo entre Brasil e Suécia, no dia 13 de julho de 1994, uma semifinal de Copa do Mundo, nem sequer sabiam se a seleção canarinho, como é carinhosamente chamada, conquistaria o título do tetracampeonato. Naquele dia, às margens do canal ou igarapé São Joaquim, no bairro da Sacramenta, em Belém, um casal recém-casado assistia aflito ao jogo que poderia eliminar o Brasil da Copa de 94.

Ele, Ezequiel, ou, como gosta de ser chamado, Fio, era um portelense e ex-jogador de futebol da Tuna Luso Brasileira, time futebolístico importante na capital do Pará. Ela, Renata, uma belenense, órfã de mãe, criada

pelos avós cametaenses apenas para estudar, era também uma excelente dona de casa. Nove meses antes, a vida dos dois havia mudado, tornaram-se pais de uma criança, da qual, até a noite daquele jogo, não se sabia o sexo e nem o nome. Mas de uma coisa Ezequiel tinha certeza: se fosse um menino, ele se chamaria Romário; se fosse uma menina, ela se chamaria Raíssa – uma homenagem a dois jogadores da Seleção de 94. Ao fim do dia, o Brasil ganhou da Suécia com um gol justamente de Romário, foi uma festa no bairro da Sacramenta; contudo, no meio da comemoração, Renata sentiu dores e teve que ir para o hospital Santa Bárbara, no bairro do Marco.

Por volta da meia-noite, já dia 14 de julho, nasceu uma menina, logo nomeada Raíssa, em homenagem ao jogador da Seleção brasileira Raí, que havia sido capitão do time no início daquela copa. A menina era eu. Três dias depois do meu nascimento, em uma final emocionante, o Brasil tornou-se tetracampeão de futebol, eu trouxe sorte à Seleção – quem me disse isso foi o próprio jogador Raí, quando nos encontramos em um Círio de Nazaré, no ano de 2010, e lhe contei a história do meu nome. Em 2002, prestes a completar 8 anos e na mesma casa, no bairro da Sacramenta, assisti à Seleção brasileira se tornar pentacampeã do mundo, uma das melhores memórias que minha cabeça é capaz de recordar. Até hoje me emociono ao torcer pelo Brasil em Copas do Mundo, mesmo que o hexacampeonato pareça cada vez mais distante.

## II – A Matinta na Cidade de Deus

Com 3 anos de idade, tive meu primeiro contato com a escola, ainda no bairro da Sacramento. Era uma escola de educação infantil, localizada na Passagem São Benedito, chamada Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Tenho algumas lembranças do que vivi lá, como a da vez em que minha irmã mais nova, Raquel, rabiscou e rasgou um de meus desenhos. Em meados de 1997, ocorreu uma mudança abrupta, de que me lembro com clareza, apesar de ter vivido isso muito nova. Minha família saiu da casa de meus avós, no bairro da Sacramento, para morar em um lugar que nem sequer era ainda um bairro.

O loteamento Boa Esperança II, entendido como uma “invasão”<sup>2</sup>, localizava-se entre o (ainda hoje não

- 
- 2 Durante o período de Ditadura Militar (1964-1985), o governo federal destinou à Região Amazônica projetos focados em colonização que incentivaram a vinda de migrantes de vários estados brasileiros. Essas migrações, somadas aos grandes projetos e ao modelo agrário de latifúndio, acirraram a luta por terras e moradia na região. Essas lutas refletiram-se na região metropolitana de Belém, com a chegada de posseiros que haviam perdido suas terras no interior do estado e transformaram Belém, Ananindeua e Marituba em palcos da luta por moradia. Novas periferias se originaram em um movimento de ocupações de terras ociosas por parte de pessoas excluídas do mercado imobiliário formal e de políticas habitacionais promovidas pelo Estado. Com maior intensidade, nas décadas de 1980 e 1990, essas ocupações, pejorativamente chamadas pelo estado e pela imprensa de “invasões”, foram criminalizadas e muitas pessoas, nelas envolvidas, foram vítimas da violência policial ou privada, contratada pelos donos das terras, como também ocorria no interior do estado. Em grande parte, foram ocupadas fazendas ou terrenos de empresas particulares, originando novos bairros periféricos, porém sem a infraestrutura adequada para abrigar lares de famílias, isso inclui a falta de

reconhecido no mapa de Belém) bairro do Sideral e o bairro da Cabanagem. A nova casa era de alvenaria, diferente da antiga, que era de madeira. Era um imóvel muito simples, possuía apenas dois compartimentos: uma cozinha, onde também ficava o banheiro, e um pequeno quarto. Ao seu redor havia um grande quintal, cercado por arame farpado (como é comum em áreas de ocupação para limitar os terrenos), coberto por uma linda graminha, ao lado da qual havia outra área ainda desocupada.

O terreno baldio era repleto de açazeiros e de outras árvores frutíferas, onde eu passava a maior parte do tempo brincando de elástico, taco, fura, cemitério, pira-pega, pira-se-esconde, pira-maromba, pira-garrafão, dentre outras piras<sup>3</sup>. Havia também nesse terreno uma árvore que me intrigava, era um ingazeiro, muito alto e folhado, em que minha irmã e eu, junto com as outras crianças da vizinhança, acreditávamos viver uma Matintapereira<sup>4</sup>, por conta do assovio que vinha da

---

escolas. O Loteamento Boa Esperança II era um desses lugares de ocupação. Sobre o tema, ver Petit (2003).

- 3 Não sei dizer ao certo o porquê, mas certa vez, em um simpósio na Associação Nacional de História (Anpuh), aprendi que o termo pira, relacionado às brincadeiras, só existe no Pará.
- 4 Sobre a Matinta, o antropólogo Mark Harris (2008, p. 50) escreve: “Embora não exista lobo na Amazônia, a convivência com outros seres das águas e dos ares (pássaros) e o imaginário indígena subjacente a toda a realidade cultural da região permitiram a criação de outras figuras semelhantes à do lobisomem: a matinta pereira (pessoas que batem à porta e vêm pedir um pouco de tabaco e se transformam em

árvore à noite e de um fato que aconteceu. Não aguentando mais o assovio, certa noite, minha avó Joana, ao visitar-nos na casa nova, gritou para a árvore parar de assoviar e para a Matinta ir buscar café e tabaco no outro dia de manhã lá em casa. Como dito, foi feito: ainda umas seis horas da manhã seguinte, uma senhora, conhecida por Índia, bateu em casa, mas não pediu café, e sim um tíquete de vale-transporte, o que não diminuiu o medo que senti dessa vizinha a infância inteira. Esse evento até hoje é lembrado em família e, principalmente, depois de eu ter lido *Uma Comunidade Amazônica*, de Charles Wagley, no mestrado. Eu ainda acredito em Matinta como um bicho visagento e como entidade que existe, real.

Essas lembranças de brincadeiras e fantasias eram o meu ponto de vista sobre o novo lugar, mas existia uma realidade que só consigo analisar agora. Naquele lugar não tinha saneamento, havia muito mato, muita lama, sem nenhuma escola do governo por perto, muito pobre e muito humilde. O meu pai, naquela época, trabalhava na construção civil, era pedreiro em uma das grandes empresas de construção de edifícios em Belém. Minha mãe não podia trabalhar e ficava comigo e minha irmã,

---

pássaro), as pessoas que viram ‘porco’ ou ‘cachorro’. Os conceitos e o papel cultural desses seres mágicos indubitavelmente sofreram mudanças, desde o final do século XVIII. Embora não saibamos exatamente o que esses outros seres são, podemos, com uma boa dose de certeza, especular que eles derivam da imensa panóplia de criaturas encantadas, de formas em constante mutação, que existem nos tempos contemporâneos”.

mas voltou a estudar para terminar o Ensino Médio (antigo Segundo Grau) e logo depois começou a trabalhar como empregada doméstica nos condomínios da rodovia Augusto Montenegro. Meus pais nos matricularam em uma escolinha de Educação Infantil chamada Menino Jesus, na verdade era o pátio e a sala de uma casa com cadeiras e quadro. Lá estudei parte da minha Educação Infantil, os Jardins 1 e 2, demonstrando aos meus pais que eu era diferente, que eu era inteligente, ao aprender a ler e a escrever cedo.

Outro fator da realidade difícil do lugar em que morei na infância era a violência. Tratava-se de um loteamento extremamente perigoso. Todo fim de semana ocorria uma morte violenta que se tornava um espetáculo, porque vinha a imprensa e os famosos repórteres dos programas criminais da televisão, rapidamente todos os vizinhos ficavam ao redor daquele corpo sem vida, dilacerado e ensanguentado, que era filmado e fotografado para os jornais, sem ética nenhuma. Eu parecia viver dentro do filme Cidade de Deus (Brasil, 2002), de Fernando Meirelles, o tempo todo.

Hoje, como historiadora, eu reflito sobre o que esperar daquele lugar abandonado pelo Estado, sem escola, sem praça, quase sem rua, sem iluminação pública. A violência era a única coisa que tinha, que fazia aquelas pessoas aparecerem e se assistirem na TV. Foi uma infância e adolescência inteira vendo amigos morrerem, serem presos, tornarem-se assassinos, ladrões, traficantes, prostitutas e dependentes químicos. Ape-

sar disso, eu amo e sinto saudades dessas pessoas e desse lugar, odeio quem criminaliza a periferia, mas vi o tráfico de drogas avançar sobre o bairro do Sideral e da Cabanagem, vi os filhos das vizinhas que eram ladrões de galinha tornarem-se os maiores chefes de facção criminosa do Norte do país. A escolha pela violência e criminalidade não é decisão unicamente individual, a ausência de oportunidades influencia. É bastante problemático quando o único agente do Estado que você vê no seu bairro é o policial militar, você perde referências: você não brinca de escolinha, de médico, de bombeiro, tampouco de músico, pintor, escritor, as únicas ocupações que viram brincadeira são policial e ladrão (a famigerada brincadeira “polícia-ladrão”). E era só o que conhecíamos.

### III – O líder cabano

Cabanagem não era somente o nome do bairro, foi também umas das maiores revoluções sociais que ocorreram na América durante o século XIX: foi a primeira vez que homens e mulheres negros, indígenas e mestiços tomaram o poder administrativo de uma Província, outrora ocupada por homens brancos ligados ao Império brasileiro. Fui estudar, no ano 2000, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Cônego Batista Campos, localizada na “invasão” do Jibóia Branca, longe demais da minha casa, mas era a melhor escola da região (só tinha duas escolas, o Cônego e o Almirante João Farias de Lima; os pais consideravam o Cônego melhor).

O padre Batista Campos deu trabalho para o Império brasileiro, era um dos líderes cabanos e morreu sem que ninguém o prendesse ou matasse. Aquela escola foi revolucionária na minha vida, estudei lá da alfabetização à 6ª série (atualmente 7º ano). Até a 2ª série estudei em um anexo, como se fosse uma versão particular da escola, o que deve ter sido ilegal, porque não faz sentido você cobrar mensalidade em um prédio escolar do governo, mas os meus pais pagavam. Quando eles não mais conseguiram pagar, minha irmã e eu passamos alguns meses estudando no João Farias de Lima, a outra escola da região, que não era tão boa. Na 2ª série de lá, eu era uma das poucas crianças da sala, os demais alunos tinham 15 ou 16 anos. Quando viu a realidade da nova escola, a minha mãe resolveu que eu e minha irmã voltaríamos a estudar no Cônego.

Na alfabetização fui aluna da professora Vera; na 1ª série, aluna da professora Ana Lea; na 2ª, aluna da professora Eni; na 3ª, fui aluna de uma professora que me marcou muito, Iranilde; e, na 4ª série, foi a vez da professora Lílian. Todas elas gostavam de mim, eu era uma aluna aplicada, fazia as lições, perguntava, conversava pouco, me sentava na cadeira da frente, tirava boas notas, lia e escrevia muito bem. Participava de feira de cultura, clube de leitura, clube de cinema (a sala de vídeo era o meu lugar favorito na escola).

Certa vez, meu pai me aconselhou dizendo que eu estudasse, que nunca parasse de estudar, que me formasse, que fizesse faculdade, que virasse doutora, que

ele faria o possível e o impossível para que eu nunca tivesse que parar de estudar. Ele sabia que sua filha tinha facilidade com estudos, mas havia um limite. Minha inteligência era voltada para as letras, para as artes, para os livros de História, para a curiosidade sobre o passado; eu era péssima em matemática, ainda sou.

#### IV – Entre Diego e professora Feio

As 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries ficavam em um bloco específico de salas de aula no Cônego Batista Campos, diferente das demais turmas da escola. Estudar naquele bloco era símbolo de status, porque se estudava com meninas e meninos mais velhos, que já beijavam e namoravam, e eram os mais populares também. Na prática, isso significava que você não era mais criancinha. Passei a ter vários professores para cada disciplina, três marcaram minha memória: a professora Jocilene, de Inglês (eu odiava e odeio Inglês até hoje), a professora Josiane, de Geografia e Estudos Amazônicos, e a professora Dineide Feio, de História.

Adorava as aulas da professora Dineide Feio, tinha curiosidade pelo passado e pelo conhecimento que minha espécie, *Homo sapiens sapiens*, havia acumulado até ali. Era como se minha professora de História fosse uma máquina do tempo, eu perguntava como eram as caravelas, como eram as roupas, como era Belém na Belle Époque e tantas outras coisas. Para mim História naquele momento do Fundamental era como a narrativa dos livros que eu gostava de ler. Por falar em livros, eu me

apaixonei pelos livros *Pollyanna* (EUA, 1913) e *Pollyanna Moça* (EUA, 1915), de Eleanor H. Porter, e por todos os gibis da Turma da Mônica. Nenhuma das outras disciplinas tinha esse ar de literatura, apenas História e Estudos Amazônicos, nesta última eu estudei sobre a Adesão do Pará à Independência do Brasil e a Cabanagem. Eu habitualmente costumava dar sentidos literários e imaginativos a eventos históricos dentro de minha própria cabeça. As respostas subjetivas nas provas eram impe-cáveis, porque eu não parava de imaginar.

Embora na História e nos Estudos Amazônicos tudo continuasse lindo, comecei a tirar notas vermelhas em outras disciplinas, sobretudo em Matemática e Ciências. Em busca de pontos para não ser reprovada, participei dos Jogos da Amizade do colégio, o qual, como já dito, tinha um anexo onde se cobrava mensalidade para estudar. Os Jogos da Amizade envolviam alunos do Cônego particular e do Cônego público, foi assim que conheci Diego, um menino da minha idade; embalados pelas canções do primeiro disco da banda mexicana RBD, começamos a gostar um do outro. Foi a primeira vez que já não prestava atenção nas aulas, mesmo nas de História.

Quando fui para a 6ª série, tive que mudar de turno e estudar de tarde, visto que, naquele ano, a escola não ofereceu essa série no turno da manhã. Por conta disso, já não via Diego com frequência, e minha irmã, que ainda estudava de manhã, me informava sobre cada passo dele. Nós nos comunicávamos por bilhetinhos, e eu conseguia vê-lo nas missas dos domingos. Preciso mencio-

nar minha atividade na Igreja Católica do bairro, a Paróquia da Natividade, em que participei, desde a primeira comunhão, de várias atividades: equipe de liturgia, teatro, coral, crisma e, por fim, grupo de jovens. A escola e a paróquia eram toda a sociabilidade que eu tinha.

A 6ª série foi meu último ano no Cônego; descobri, no fim do ano, que Diego precisava tirar 10 para passar em História e que, se ele não passasse, ficaria de dependência, isto é, seria reprovado apenas nessa disciplina. Descobri também que ele iria mudar de escola, iria para o Nagib Coelho Matni, no conjunto Ariri Bolonha, no Sideral, a escola tinha um ano e possuía quadra de esportes (nenhuma das escolas existentes na região tinha quadra). Diego se matriculou no turno da tarde e eu, no turno da manhã; não o ajudei a passar em História, porque, se ele ficasse de dependência, eu iria vê-lo uma vez por semana, pela manhã. Nunca mais tive notícia da professora Dineide Feio, mas agradeço por ela ter me apresentado o quão prazerosa a História pode ser no Ensino Fundamental.

## V – Jornal Check

Estudei a 7ª e 8ª séries na Escola Estadual Nagib Coelho Matni, criada por volta de 2004 ou 2005, no bairro do Sideral. Nagib foi um professor muito importante na história da Educação Física no Pará, é o seu patrono no estado. Por conta disso, a escola era totalmente voltada para a prática esportiva, na farda eram estampados os arcos olímpicos; possuía uma quadra com arquibanca-

da (a primeira nas redondezas com quadra) e times de tênis de mesa, basquete, futsal, artes marciais, e a galeira do skate.

De imediato fiz novos amigos, minha irmã, inclusive, chegou a participar do time de futsal, no entanto eu nunca fui chegada à prática de esportes (embora no Cônego tenha feito parte do time de handebol, não o considerava um esporte, e sim uma brincadeira, porque, sem quadra, nós jogávamos handebol na rua, e sem bola apropriada).

Os novos amigos eram os mais populares da escola; a maioria, do Ensino Médio. (É importante destacar que o Nagib era a primeira escola da região a oferecer turmas de Ensino Médio; geralmente, quando as pessoas do bairro chegavam ao Ensino Médio, iam cursá-lo em escolas fora do bairro) Todos os novos amigos ouviam músicas em inglês (eu continuava a odiar Inglês), a maioria assistia animes e eu gostava só de *Dragon Ball Z*, e grande parte deles tinha computador. O Nagib não ficava localizado na invasão, e sim no conjunto habitacional, isto é, moradias planejadas pelo governo estadual. A classe econômica era diferente. Foi quando descobri que, para os novos amigos, eu morava na baixada do Sideral.

Durante o tempo em que estive no Nagib, namorei Diego. Ganhei um celular de Natal, frequentei os cybers do bairro, onde acessava as redes sociais da época, como Orkut e MSN, bem como o YouTube e o site da minha banda preferida, o RBD. Tive acesso ao mundo informacional e tecnológico, mas estava sempre atrás. Não joga-

va os jogos online famosos da época, como Ragnarök; os animes que eu assistia eram os que passavam na TV aberta. Eu estava cada vez mais ligada à Igreja Católica, tão envolvida que quase não parava em casa, passava a maior parte do meu tempo na igreja. Embora não gostasse de praticar esportes, fui repórter esportiva do jornal da escola, o *Jornal Check*, que tinha um concorrente feito por outro grupo de alunos. Foi a primeira vez que eu realizei e transcrevi entrevistas, ainda não fazia ideia de que esse seria meu método de pesquisa na futura profissão.

No Nagib, o meu professor de História era o Sílvio (não me lembro do sobrenome). História factual nem sequer com alguma curiosidade. Que saudades de Dineide Feio senti! Por outro lado, nas aulas de Geografia, da professora Glória, lemos um livro de quadrinhos sobre *O Capital*, e então conheci Karl Marx. Aquilo me fascinou porque eu já entendia o conceito de classe, sabia que, em sociedade, alguns detêm meios que outros nem sequer sabem que existem. Entendia que a tecnologia e o conhecimento que acumulamos como espécie ficavam com alguns e não com todos. A escola nova era, para mim, o exemplo mais claro de como a sociedade funcionava.

Na 8<sup>a</sup> série fui confrontada a escolher uma profissão, todo mundo queria que eu fizesse a prova para a escola técnica, para fazer o Ensino Médio na escola técnica e sair de lá com uma profissão. Tentei o curso de Eventos, na Escola Técnica Federal (na época CEFET, hoje IFPA), e de Informática, na Escola Técnica Estadual; passei

apenas na segunda. Fui estudar informática sem nunca ter tido um computador e me sentia uma farsa, sabia que havia escolhido a profissão errada, mas, pelo menos, era o orgulho dos meus pais.

## VI – O Édipo e Emília

A Escola Técnica Estadual Magalhães Barata, no bairro do Telégrafo, outrora conhecida apenas como ETEPA, era uma tradicional escola de ensino técnico no estado. Fui estudar lá em meio a uma reforma que durou 1 ano. O projeto de escolas tecnológicas do governo estadual, em 2009, havia transformado várias escolas em tecnológicas; prometiam que sairíamos do Ensino Médio já com uma profissão, prontos para o mercado de trabalho. Era uma realidade muito diferente de tudo que eu havia vivido, pela primeira vez estudava sem minha irmã comigo. A modalidade de ensino era o Médio Integrado, isto é, ao lado das disciplinas próprias do Ensino Médio, eu estudava disciplinas do curso de Informática. Ao mesmo tempo que estudava Linguagem de Programação, o que odiava, estudava História, Geografia, Filosofia e Sociologia, o que mais amava.

A professora de História logo me conquistou, chamava-se Ana Emília Lobato, o meu maior passaporte para o curso de História da UFPA. No primeiro ano, no conteúdo de Antiguidade clássica, montou uma peça com base na história de Édipo, O Rei, originalmente escrita pelo dramaturgo grego Sófocles. Pediu que adaptássemos a trama

para os dias atuais, com coisas comuns ao nosso cotidiano. Nunca me esqueci do que era o destino para os gregos.

Vendo meu interesse e as boas notas na disciplina, a professora Ana Emília me presenteava com revistas de História, sobretudo da série *Aventuras na História*, da editora Abril – guardo-as com carinho até hoje. Ao mesmo tempo, nas outras disciplinas de Ciências Humanas, discutimos meio ambiente, lemos vários livros, de Maquiavel a Marx, produzimos documentários, intervenções, recitais de poesia, oficinas de arte e muita leitura. O que eu descobri é que queria fazer vestibular, e não ser técnica em Informática, mas, quando falava isso para alguém, sempre ouvia que era para eu só fazer para Ciências ou Engenharia da Computação.

Dois professores foram fundamentais para que eu decidisse minha profissão, a professora de História e o professor de Programação – ainda me lembro de ele me dando a prova que eu havia tirado zero e dizendo: “Raíssa, você está no lugar errado, estudar é um prazer, quando você estuda o que gosta”. Já a professora Ana Emília me falava do curso, dizia que era o último ano, que bacharelado e licenciatura eram ofertados juntos e que, quando eu fosse fazer vestibular, eu deveria escolher.

É muito interessante, agora, refletir sobre o quanto o ensino de História havia me mudado como pessoa, o quanto ele havia transformado a minha vida, fazendo-me ver a sociedade, a forma como me orientava no tempo. Se antes a História alimentava minha imagina-

ção criativa, agora ela me revoltava. Para uma prova sobre os Estados totalitários europeus, no século XX, tivemos que ler *A Revolução dos Bichos* (Reino Unido, 1945), de George Orwell, e o *Manifesto do Partido Comunista* (Alemanha, 1848), de Karl Marx e Friedrich Engels. E, sim, lemos os livros inteiros. O *Manifesto*, de Marx, me indignou, escancarou a hipocrisia do capitalismo na minha cara e, com 16 anos, eu queria mudar a sociedade, era a primeira vez que sentia algo assim. Se naquela época eu conhecesse Jörn Rüsen, diria que eu era o experimento perfeito de que a aprendizagem histórica era possível, bem como a consciência histórica.

A Feira de Ciência e Tecnologia que ocorreu na escola, acredito que em 2011, foi decisiva para mim. Tínhamos que montar projetos, alguns colegas da sala montaram um IPTV, em que era possível transmitir sinal de televisão pela internet, outros montaram um nobreak com uma placa de miriti. Eu montei um projeto de história da ciência, junto com outros colegas, sob orientação da professora Ana Emília. Fomos do mito de Prometeu a Copérnico, Newton, Galilei. Reproduzimos o universo em maquetes pela sala, falei sobre História com representantes das indústrias do Pará, que foram à feira ver os projetos de tecnologia. Eu me encontrei, vi que nada foge à História e que, se bem contada, ela encanta.

Em 2013, escolhi o vestibular para bacharelado em História, a ênfase em pesquisa me interessou. Vinha de uma escola técnica, estava mais próxima da pesqui-

sa, do experimento, do que da regência (essa concepção com o tempo mudou). Mas não passei de primeira. Somente em 2014, passei no vestibular.

## VII - À beira do rio

A Universidade Federal do Pará (UFPA) e seu belo campus, às margens do rio Guamá, é o sonho de muita gente. Foi o meu e sou muito grata por ter conseguido estudar lá. Bacharelado em História, antes de tudo, foi também a realização de um sonho. No Pará, mais que outros lugares, o vestibular é uma festa, nada mais deixa um pai e uma mãe feliz do que um filho estudar na “maior do Norte”, como dizemos.

2014 foi um dos melhores anos da minha vida (não fosse pelo 7x1 que o Brasil levou da Alemanha na Copa do Mundo). Passei no vestibular e ouvi meu nome pelo rádio. Na época eu trabalhava como auxiliar de cabeleireira, minha irmã também trabalhava no mesmo salão de beleza como recepcionista. Eu estava lavando o cabelo de uma cliente, quando minha irmã me avisou que eu havia passado. Vale mencionar que aqui estou contando minha trajetória relacionada à vida escolar, não cabe a parte de que sempre trabalhei: quem é filho de pobre não somente estuda. Fui babá, fiz diárias e fui ambulante, dentre outros bicos.

No entanto, nada me desmotivou. Ainda era caloura de bacharelado em História, no ano de 2014, quando, na disciplina Oficina da História II, descobri um tema de pesquisa e o meu futuro orientador. O professor Antô-

nio Maurício Costa, historiador da cultura e antropólogo urbano, ministrou a disciplina e, como avaliação, disse que precisaríamos construir quatro artigos, cada um utilizando tipologias de fontes diferentes para tratar de um mesmo tema de pesquisa.

Em dupla, meu melhor amigo, Felipe Brito, sugeriu que estudássemos algo relacionado a cinema, talvez o Cine Olympia, de Belém, fundado em 1912 e o mais antigo em funcionamento no Brasil. Mas, na minha cabeça, todo mundo conhecia o Olympia, ele, inclusive, é patrimônio tombado do município. Eu buscava algo mais “excluído”, “visto de baixo”, foi aí que um outro cinema de rua me chamou a atenção: o Cine Ópera, fundado em 1961 e que, desde 1985, exhibe filmes pornô *hardcore* em Belém. Logo passei a dialogar com alguns temas: o cinema, a pornografia, a ditadura militar e a comunidade LGBTQIA+ (que frequentava, em grande maioria, esse cinema). Publiquei meu artigo de conclusão de curso na *Revista Livre de Cinema*, em 2018, sob a orientação do professor Maurício.

Vivi coisas memoráveis como aluna da UFPA. Participei do movimento de ocupação, que foi nacional, nas universidades, em 2016; lutávamos contra uma PEC de corte de “gastos” na educação durante o governo Temer (fruto de um golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff, naquele ano). Ocupamos o bloco B de História, morei na UFPA por 2 meses, fazíamos oficina de teatro; os professores da Faculdade de História nos ajudavam com alimentação e faziam palestras para nós; limpávamos a

universidade e eu passeava por ela de bicicleta todos os dias. Ela é o lugar mais lindo, para mim, que existe em Belém, e mudou a minha vida. Na ocupação eu conheci um calouro, de licenciatura em História, que também queria estudar a história do cinema, João Victor, namoramos e hoje ele é meu marido/ melhor amigo/ historiador e professor de História preferido.

Formei-me em 2018 e logo tentei a seleção para o mestrado, no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, da UFPA. Passei e, desta vez, pesquisando outros cinemas que exibiam filmes pornô em Belém, onde encontrei sujeitos(as) gays, travestis e bissexuais, pouquíssimos estudados na historiografia daqui.

No meio da pandemia, em 2021, fiz vestibular para História novamente, agora na modalidade licenciatura, e não mentirei: só me interessava o diploma, até eu ter contato com a primeira escola. Tenho algumas críticas, como historiadora, ao currículo de licenciatura, percepções minhas, mas a licenciatura tem me revolucionado.

### **VIII - Conclusão ou historiadora professora**

Até aqui pude demonstrar que minha escolha pela História foi por afinidade, pela influência de alguns professores, pela consciência do que ela me deu ainda durante minha vida escolar. Sinto que o campo do ensino de História mudou um pouco, antes se discutia muito o ensino de História na sala de aula, os diferentes métodos e linguagens que o professor deveria utilizar para tornar o conhecimento histórico cognoscível ao aluno.

Agora se discute mais a cultura escolar, isto é, para o professor de História, a sala de aula já não basta, é preciso considerar a escola, todos os seus códigos e agentes como objetos de pesquisa (esta é outra diferença para mim, ao escolher bacharelado não compreendia que, no ensino, também há pesquisa).

Na escola, qualquer intervenção que ali se faça repercute diretamente na sociedade, como um dia repercutiu em mim. O contato com a escola, com a sala de aula e com os alunos me faz lembrar de mim. Lembro-me do que percorri, da curiosidade que sentia pelo passado e da minha escolha por ser uma historiadora professora. Lembro-me dos meus professores. A historiadora que pretendo ser não consegue ir além se não considerar a escola e o peso de sua influência sobre a vida de um indivíduo, bem como o da história para a sociedade. Formar crianças e adolescentes para a cidadania, para a empatia com o outro, para o pensamento crítico e, sobretudo, saber orientá-los no tempo para que este os ajude a atribuir sentido às questões cotidianas, influenciando suas decisões na vida prática e formando sua consciência histórica (Rüsen, 2001, p. 60), é o que tentarei fazer.

Lembrança da 5ª série na escola Cônego Batista Campos, 2005.



Fonte: Acervo pessoal.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína; PORTELLI, Alessandro. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. p. 183-191.

HARRIS, Mark. O lobisomem entre índios e brancos: o trabalho da imaginação no Grão-Pará no final do século XVIII. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 47, (set. 2008), p. 29-55.

PETIT, Pere. *Chão de promessas: elites políticas e transformações econômicas no Estado do Pará pós-1964*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

# Thomas Barreto<sup>1</sup>

*De um bom (excelente) professor a uma bolsa acadêmica: a importância das pessoas que passaram na minha vida para a minha formação em História.*

EU NUNCA TIVE UM RELACIONAMENTO MUITO BOM COM a História. Posso dizer que passei quase todo o meu ensino básico me perguntando: “Por que eu tenho que aprender sobre coisas que já aconteceram e que não me ajudam em nada agora?”. Na verdade, em quase todas as matérias, sempre me questioneei sobre isso. Eu não conseguia enxergar um uso prático para todas aquelas informações e coisas que eu tinha de passar horas do meu dia, sentado, escutando. Depois tinha de voltar para casa só para me dedicar mais ainda a tais coisas, porque saber o suficiente ou não me custaria ter ou não

---

1 Pseudônimo usado pelo autor.

ter uma nota boa. Em resumo: eu não tinha um professor ou uma professora que dedicasse, pelo menos, cinco minutos da sua aula, para fazer com que fosse possível entender o motivo de passarmos a manhã dentro de quatro paredes.

Durante a minha infância, eu dizia que iria ser milhares de coisas quando crescesse: jogador de futebol, ator, músico, médico, engenheiro, cientista... E mais outros milhares de profissões sem nunca chegar perto de algo que fosse relacionado à docência; era difícil me imaginar fazendo o que eu via meus professores fazendo todos os dias, não conseguia me enxergar estando naquela posição. Ensinar nunca foi algo que me chamasse a atenção ou que me enchesse os olhos.

Durante o Ensino Fundamental sempre tentei ser um bom aluno: não conversar em sala, estudar sempre que podia, entregar os deveres no prazo e, principalmente, em hipótese alguma, tirar uma nota abaixo da média em alguma prova. Foi justamente esse último tópico que transformou a minha relação com a História – que já não era das melhores – em um verdadeiro casamento, em que tudo que falta para terminar é assinar os papéis de divórcio. Essa assinatura veio em consequência da minha primeira reprovação: 7º ano, primeira avaliação, assunto: as reformas religiosas na Europa. Até aquele momento, eu nunca tinha tirado nota abaixo de 8 e, agora, teria que conviver com o fato de não ter conseguido tirar 8 e, muito menos, alcançar a média estipulada pela escola.

Depois disso, as coisas só pioraram. Foi como se eu tivesse criado um bloqueio que me impedia, de todas as maneiras, de reter algum conhecimento e até mesmo entender os conteúdos de História. Foi reprovação atrás de reprovação, nota baixa atrás de nota baixa e o constante fantasma do questionamento: “Para que estudar isso?”. “Por quê, para quê?”. Chegou a ponto de eu não insistir mais, havia apenas desistido e aceitado que só não tinha aptidão para aquela matéria, porque, em relação às outras, as coisas estavam dentro da normalidade, sem muitas dificuldades.

Passei todo o meu Ensino Fundamental pregando a palavra contra a História, desenvolvi basicamente uma aversão a qualquer coisa que me obrigasse a ficar horas lendo, porque meu bloqueio era tanto que realmente eu não conseguia abstrair nada. Essa dificuldade de entender e de me manter em uma leitura de um texto muito longo fez com que meus olhos passassem a brilhar para as matérias que possuíam o oposto daquilo: Matemática e Física.

Na minha família por parte de pai, boa parte seguiu pela carreira militar. Muitos são do Exército, alguns são da Polícia e outros, da Marinha. Por motivos de saúde, meu pai acabou não conseguindo realizar seu sonho de ser da Aeronáutica, foi reprovado no último teste em decorrência disso. Então, desde criança eu convivi nesse meio “militarizado”, por assim dizer, e meu pai também acabava refletindo muito esse sonho não alcançado em mim. Quando ele começou a notar

uma crescente nas notas que eu recebia nas provas da área de exatas, logo tentou implantar em mim a sementinha de tentar seguir, no futuro, a carreira militar e, como a porta da decisão sobre qual carreira eu iria seguir já estava se fazendo cada vez mais clara, acabei por deixar a semente crescer dentro de mim e aceitei trocar de escola para uma onde eu estaria em uma turma que seria preparada especificamente para prestar os vestibulares militares.

O salto que dei acabou por ser bem maior do que as minhas próprias pernas. Caí em um mundo novo, completamente diferente e fora da realidade que conheci por tanto tempo. A sala de aula era hostil, no sentido literal e cru da palavra. Todos os dias em que passava pela porta e sentava na cadeira mais escondida possível, eu me sentia em um lugar totalmente “descolado da realidade”. Era tudo muito confuso, rápido demais, duro, sem emoção. Contudo, diferente das outras vezes, eu entendia o que os professores queriam, entendia o porquê de ter que aprender todas aquelas informações que eles passavam em um intervalo ínfimo de uma hora e meia: eu tinha que ser o melhor e passar nos melhores vestibulares do país, ponto final. O questionamento passou, então, a ser outro: “O que eu realmente quero para a minha vida?”.

Tenho em minha lívida memória o momento em que essa pergunta levou a indícios de uma resposta e, como o destino sempre é irônico, a resposta nasceu em uma aula de História. Foi em uma manhã de quarta-fei-

ra, quando eu achei que não tinha mais para onde correr e que tinha feito uma das piores escolhas em nível educacional para mim mesmo. Ao ver no horário que o que vinha pela frente seriam três aulas seguidas de História, quase desisti de permanecer ali. Faltou pouco para que eu pegasse minhas coisas e fosse embora; se a Matemática e a Física não estavam mais fazendo sentido nenhum para mim, imagine a disciplina que eu mais odiava e tinha dificuldade?

Sou grato a mim mesmo por não ter me levantado antes de o professor chegar, porque foi naquele momento que o caminho que agora sigo finalmente se abriu. Durante duas horas e meia, aquele professor conseguiu fazer meus olhos brilharem, e justamente com o assunto mais sensível que poderia ser dado dentro de uma sala cheia de alunos que almejavam a carreira militar: Capitalismo, Socialismo e Comunismo. Até aquele dia, nunca tinha sentido tanto gosto em escutar algo, em ver um professor dando aula, em assistir à arte de ensinar ao vivo na minha frente. Naquele momento, percebi que tinha entendido a História de modo errado, o tempo todo, e, como consequência, tinha estudado a disciplina de modo errado também. Foi preciso uma manhã, em uma sala de aula preparatória militar, no meu 2º ano do Ensino Médio, depois de tanto tempo, para que um único professor conseguisse reconstruir tudo o que eu achava já estar sólido.

É relembrando esse momento na minha trajetória como aluno da Educação Básica que me dou conta do

peso que é ser Professor/a (escrevo aqui com a inicial maiúscula de maneira intencional) e do quão importante é o seu impacto na vida de seus alunos e de suas alunas. O/a professor/a é capaz de mudar vidas com o poder das palavras e com o poder do seu conhecimento, não somente em sala de aula, mas também para além das quatro paredes e do quadro. Vale dizer que não foi a partir daquele momento que decidi que queria me tornar professor. Naquela quarta-feira eu me apaixonei pela História, pela matéria, pelo conteúdo, mas não pela prática da docência. Esse ponto crucial começou a fazer sentido no meu último ano escolar e, mais uma vez, a partir de um Professor de História.

Ele entrou na sala quieto, colocou a sua mochila sobre a mesa e retirou os pincéis, sem falar absolutamente nada. A aula era logo após o intervalo, então a turma estava dispersa, era um entra e sai de alunos, vozes altas, risadas, cadeiras fora do lugar, e ele, ali, parado, apenas olhando como se esperasse que notassem a presença dele e se fizessem civilizados. Demorou um pouco, cerca de uns dez minutos, até todos se acalmarem e a sala cair em completo silêncio, aí, sim, ele finalmente falou. Ele se apresentou, falou seu nome, a metodologia que iria usar ao longo do ano à frente da disciplina, pediu que nos apresentássemos e depois disso se virou para o quadro e começou a escrever. Minha turma era considerada uma das “piores” do Convênio, sempre havia reclamações acerca de muito barulho e conversas paralelas em todas as aulas, mas, naquele momento,

com aquele professor, a sala estava na mais completa calma, todos prestando atenção e copiando o que era escrito no quadro.

Então, a explicação sobre o assunto começou. A turma continuou em silêncio, nada de conversas de fundo ou necessidade de que o professor parasse a aula para reclamar de barulho, era apenas a voz dele e o som do ar-condicionado. Ele começou e terminou de explicar o que queria sem maiores interrupções, e, diferente de outros momentos, os alunos e as alunas interagiam, quando requisitados, levantavam questões, dúvidas e respondiam aos questionamentos do professor, até mesmo os debates, a meu ver inevitáveis em uma aula de História, eram controlados. Ele parecia um maestro regendo sua orquestra, sempre sabendo o que fazer e como fazer, instigando e acalmando os alunos e as alunas na mesma proporção e conduzindo a aula do início ao fim, terminando o que era necessário até antes mesmo do final do horário, de tão organizado.

Por um pequeno momento da minha vida, quis seguir uma carreira artística, mais especificamente dentro da música. Tinha um desejo encapsulado no peito de ser maestro, estar à frente de uma orquestra e conduzir todos aqueles instrumentos apenas com as minhas mãos, mas, depois dos diversos choques de realidade sobre o que é ser musicista neste país, deixei esse sonho de lado, como vários outros. Contudo, ao ver aquele professor fazer o que julgo até hoje um milagre dentro daquela turma, percebi que o ser maestro, apesar de estar

originalmente relacionado à música, não necessariamente estaria delimitado ao campo musical, pois seria possível atuar com maestria em outros espaços. Assim, colocando-me no lugar de um maestro (não no sentido literal), eu, como professor, não estaria à frente de grandes músicos, mas à frente de, quem sabe, alguns futuros músicos, médicos, engenheiros, biólogos, professores, psicólogos... Para além disso, eu seria aquele que os ajudaria a ser o futuro que almejavam, do mesmo jeito que aquele professor estava sendo para mim.

Em um período de dois anos, encontrei-me duas vezes, mas encontrei-me no mesmo lugar. Foi dentro da sala de aula e dentro da História que o que não fazia sentido passou a ter e o que não era completo se completou. Meu futuro não estava somente *na* História, mas também em *ensinar a* História. Foram necessários dois professores e algumas horas de aula para que a janela finalmente fosse escancarada e o meu futuro brilhasse diante de mim.

Entretanto, para além do exercício de relembrar meus momentos antes de “me encontrar”, acredito que também seja importante compartilhar os meus momentos vivendo o que aquela aula de História me proporcionou. Depois daquela manhã de quarta-feira, as coisas começaram a fazer sentido e a janela para o meu futuro se abriu um pouco, não completamente, porque isso, percebo no momento em que escrevo esta segunda parte, só foi possível quando finalmente coloquei meus pés na Universidade.

Passei na UFPA em 2020, na primeira chamada, em um momento em que minha vida não estava lá essas coisas, por conta de problemas pessoais que advinham da primeira experiência com um coração partido na adolescência. Porém, passar na Federal foi como um sopro de ar fresco, de um novo ar que me esperava, e eu não poderia estar menos animado para aquilo, para viver novas experiências e conseqüentemente ocupar minha mente o suficiente para não pensar em outras coisas. Aproveitei a primeira semana, que, como tradição, é dedicada aos calouros, sem arrependimentos. Vivi. Fiz algumas amizades, conheci pessoas diferentes, aprendi a andar em mais de um ônibus e a me virar voltando tarde da noite, pela primeira vez, para casa. Mas aí, 2020, covid-19, dois dias de aula e o decreto de uma “pequena pausa” de 15 dias cortaram a criação de um novo universo na minha vida.

Os 15 dias se transformaram em 1 mês, 2 meses, em quarentena e, quando pisquei meus olhos, já era setembro e eu estava sentado na frente do computador tendo aula virtualmente. Semana sim, semana não, eu tinha que passar 2 horas em frente a uma tela, sem interação nenhuma, apenas escutando, e, para ser sincero, acredito que não tenha aprendido nada durante o período em que as atividades foram completamente feitas através de uma tela estática.

O novo se tornou um novo bem diferente daquele que eu esperava, foi decepcionante, frustrante e totalmente desanimador. Os três inevitáveis semestres que

tive que fazer de modo remoto quase foram o suficiente para que eu desistisse de continuar no curso, tanto que acabei por fazer a prova da Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante (EFOMM). Mais uma vez eu me sentia perdido, a faculdade não fazia sentido e a “magia” que senti na primeira semana foi se dissipando junto com a vontade de continuar me esforçando. Pensei várias vezes em trancar os semestres e esperar que o mundo voltasse ao normal para que finalmente eu pudesse ter as aulas presencialmente, mas não havia uma previsão de quando isso aconteceria e, dentro de casa, existia aquela pressão velada para eu me formar no tempo correto (ironicamente, ou não, agora as Universidades Federais estão em greve, colocando a possibilidade de a minha turma se formar só no início de 2025). Por esse motivo, eu me “arrastei” durante dois anos, tudo para não me tornar uma decepção, tanto para mim mesmo quanto para a minha família.

Eram desgastantes todas aquelas horas de videoaulas que alguns professores enviavam semana sim, semana não, para depois fazer plantões de meia hora para “sanar dúvidas”. As aulas acabavam sendo improdutivas e eu tinha certa dificuldade em fazer perguntas para tentar dirimir minhas dúvidas, até mesmo porque era difícil ter dúvidas sobre algo que mal tinha entendido ao ler os textos indicados. Além disso, era quase que uma tarefa de Sísifo para mim manter-me atento por mais de 15 minutos, tanto por conta da questão do meu Transtorno de Déficit de Atenção, o famoso TDA, que foi

diagnosticado justamente durante esse período das aulas virtuais, quanto pela questão do ambiente da minha própria casa, que não era um dos melhores para estudar ou focar em algo: meu irmão mais novo sempre estava fazendo algum barulho e meus pais pareciam não entender que eu estava em aula, sempre me pedindo para fazer as coisas de casa ou exigindo minha presença no jantar. Tentar estudar em casa durante a pandemia se mostrou um caos e algo totalmente improdutivo.

No começo do ano de 2022, chegou, no meu e-mail institucional, uma informação de que havia uma oportunidade de bolsa remunerada para os estudantes de História que estavam cursando a partir do 4º semestre; mesmo achando que meu currículo não seria bom o suficiente para ser escolhido, tentei a sorte. Fui chamado para a seleção presencial e, para além de uma primeira experiência dentro das possibilidades de profissão que o curso de História poderia me oferecer, foi a primeira vez, em dois anos, que tive contato com outras pessoas da faculdade, inclusive da minha própria turma. Foi uma experiência muito enriquecedora. Quando fui selecionado para a bolsa, em termos práticos, foi como se eu tivesse passado no Enem outra vez.

A partir dessa bolsa, além de ganhar dinheiro com meu próprio trabalho, pude me apaixonar, mais uma vez, pela História, dessa vez, mais especificamente, pelo ofício do *historiador* dentro de um acervo. Era divertido ver todos aqueles processos, catalogar as informações, digitalizá-las para serem disponibilizadas para o públi-

co, virtualmente, mas, para além disso, era divertido estar com os outros bolsistas, ali, dividindo uma parte do dia, que, depois, passou a ser quase que um dia completo. Depois de tanto tempo em isolamento, dentro de casa, sem contato nenhum com outras pessoas, a não ser através de uma tela, ter interação pessoalmente, e principalmente com alunos e alunas do curso, foi outro divisor de águas dentro da minha trajetória acadêmica. A bolsa não somente me enriqueceu academicamente, mas também possibilitou que eu permanecesse no curso e me proporcionou amizades que foram basilares para isso.

Quando criança, não tive muito sucesso em fazer parte de grupos de amigos dentro do ambiente escolar, eu era aquela criança que ficava quietinha no canto e não falava muito, bem tímido mesmo. No Ensino Fundamental fiz algumas amizades que poderiam se configurar como um grupo, mas tinha dificuldade em manter contato suficiente e por vezes acabava ficando de fora das coisas; os trabalhos em grupo sempre eram um terror, principalmente quando o limite do número de pessoas era a premissa para que eu não fosse incluído. Amizades também são parte importante da formação acadêmica, principalmente para pessoas introvertidas como eu, e, como na bolsa eu e os outros bolsistas passávamos basicamente o dia juntos, desde as 9 horas da manhã até o fim da aula, às 21 horas, foi inevitável que todos acabassem se aproximando e criando fortes laços de amizade. Sem perceber e naturalmente, comecei a

fazer parte de verdade de um grupo dentro de um ambiente acadêmico.

As amizades feitas durante o período em que estive com a bolsa se estenderam para além dos muros do Arquivo, e assim o grupo foi aumentando cada vez mais. Não eram só colegas, eram amigos, companhias nos ônibus “Satélite–UFPA” (lotados todas as noites), “Padre Eutíquio” e “Cremação”, que nos levavam, depois do trabalho, para a Universidade; eram pessoas com quem conversava na fila quilométrica do Restaurante Universitário, com quem passava algumas horas ociosas na beira do rio, jogando conversa fora, com quem conversava sobre as disciplinas, com quem tirava dúvidas, ajudava e era ajudado em alguma prova. Era muito bom, principalmente, por eu estar rodeado de pessoas que falavam a “mesma língua”.

Quando o mundo voltou ao seu “normal”, tive o privilégio de também conhecer pessoas com quem eu pude compartilhar uma parte da graduação, o que fez com que ela fosse mais leve. A essas pessoas eu sempre serei grato, e também àquelas que não fazem mais parte desse universo, por consequências da vida, porque, assim como os dois professores que, sem saber, me mostraram o meu futuro, foram elas que me ajudaram a *manter esse futuro vivo*.

Entretanto, é importante frisar que minha trajetória não foi feita somente por meio de outras pessoas, elas foram sim de suma importância, mas o principal de tudo isso fui eu mesmo. Eu e minha insistência em não desistir, mesmo quando era só isso que minha ca-

beça me falava diariamente, eu e minha paixão de estar na frente de uma turma e ter a capacidade de fazer com que quase todos e todas ali se interessassem pelo que eu estava explicando, eu e minha vontade de provar que conseguiria.

Digo que me encontrei completamente dentro da História. Geralmente as pessoas possuem suas afinidades e preferências, claro que tenho as minhas, mas tudo dentro do curso me encanta, mesmo aquelas coisas mais “chatinhas” de compreender. Tenho gosto de saber mais e mais, conhecer autores com visões diferentes, novos conceitos e principalmente pesquisar para poder ensinar depois. Aprender me deixa feliz. Pensar que no fim disso eu poderei fazer com que outras pessoas também aprendam o mesmo que eu é gratificante e motivação suficiente para que eu continue caminhando.

Concluo, depois de todos esses parágrafos, que, no fim, a *minha* trajetória na História não é somente minha, mas de todas as pessoas que a construíram junto comigo: é dos meus dois professores do Ensino Médio – mas, claro, não somente deles, mas também dos outros docentes de História que tive o privilégio de ter –, os quais abriram o caminho; é dos amigos, amigas e amores feitos e tidos dentro da graduação, que me ajudaram a caminhar; é dos professores que acompanhei, durante meus estágios obrigatórios, e que me proporcionaram a experiência de dar aula pela primeira vez. Enfim, é de todas as pessoas que, inconsciente ou conscientemente, me ajudaram a estar onde estou e a ser quem sou.

Por muito tempo me senti perdido dentro de mim e a História foi o caminho que fez com que eu me encontrasse no mundo. Posso não ter começado com ela, de pé direito, mas agora ando com os dois e com a certeza de que, independentemente do que aconteça, a História sempre será minha melhor amiga e eterna companheira de viagem.

## Vanildo Lopes Monteiro Júnior

*“Elevação de consciência”*: como a cultura hip-hop impactou no meu ímpeto para me tornar professor.

### *A armadilha da memória*

ANTES DE MAIS NADA, GOSTARIA DE FRISAR AOS MEUS colegas professores de História – como graduando do curso de Licenciatura em História – que não buscarei seguir à risca o ofício do historiador nem lançarei mão de diversas referências, ou algo do tipo, pois esse não é o meu objetivo. Peço essa pequena licença poética para poder apresentar a todos a vida de um jovem adulto, que ainda sente o turbilhão de incertezas que o início de uma carreira apresenta. Porém, uma grande certeza está incrustada na minha mente: acredito, com todas as minhas forças, na educação.

Produzir um relato pessoal de trajetória parece fácil, no primeiro momento; contudo, o revisitarmos toda a nossa caminhada nos leva a um universo de lembranças

que acabam se emaranhando e nos convidam para um exercício matemático: quando completamente tomados pelo sentimento nostálgico de determinado ponto da vida, as lembranças se multiplicam por dois, que, por sua vez, se multiplicam por quatro e nos fazem adentrar um labirinto, onde, ao contrário de Teseu<sup>2</sup>, não conseguimos seguir o fio para fazer o caminho inverso.

Buscando as memórias mais empoeiradas e opacas da minha mente, consigo lembrar-me dos primeiros anos na escola, creio que, ainda na Educação Infantil, em algum dos Jardins, o I ou o II. A escola era próxima da minha casa, na rua transversal. Nesta memória em específico, a minha mãe me levou até a casa onde funcionava o chamado Baby Sauro – sempre deixo escapar um sorriso, ao me lembrar desse nome –, quando percebi que, supostamente, a minha mãe havia me deixado em um lugar onde eu não conhecia ninguém e, em seguida, partiu. Eu me desesperei, saí correndo em direção ao portão de ferro da escola, escalei uma altura considerável para o meu tamanho (eu deveria ser uma criança de uns 4 anos de idade) e comecei a chorar aos berros, balançando-me e gritando – não deve ter sido uma cena tão legal de presenciar. Logo em seguida, fui amparado pelas professoras, e é só do que consigo me recordar desse período.

Creio que esse comportamento era uma prévia do aluno que eu viria a me tornar, mais adiante posso expli-

---

2 Lenda de Teseu e o Labirinto.

car melhor. O Baby Sauro foi a pequena escola de bairro em que estudei até a alfabetização, e uma lembrança de ternura que possuo é de uma professora, em específico, que eu chamava de tia Marizete ou então “tia Malizete”, como minha mãe sempre relembra. A ternura ainda continua, pois a encontro pelas ruas do bairro uma vez ou outra e sempre reflito sobre como profissionais da educação conseguem ficar tão marcados em nossa trajetória, tão marcados que ainda consigo me lembrar de uma canção infantil que ela me ensinara, sobre um jacaré em uma lagoa<sup>3</sup>.

Após ser alfabetizado no Baby Sauro, fui para outra escola particular do bairro, onde minha tia era (ainda é, na data deste ensaio) professora da Educação Infantil, e, por essa razão, meus pais conseguiram o famigerado “desconto camarada” para minha matrícula. Essa escola se chama Intelecto, localizada em uma das ladeiras do meu amado bairro, o Curió-Utinga. Cursei todo o Ensino Fundamental nessa unidade de ensino, pelo mesmo motivo possuo várias recordações extremamente carinhosas. No Intelecto foi onde tive contato com professores que também me marcaram bastante, foi onde a semente da docência foi plantada na minha cabeça e um professor, especificamente, destaca-se bastante em minhas recordações; e, por incrível que pareça, foi um professor da área de exatas, da Matemática, Joe Luís.

---

3 A letra da canção é a seguinte: “Jacarezinho, passeante pela lagoa / Jacarezinho, quando viu um peixinho / Fez nhac. nhac, nhac, nhac!”.

Para que se compreenda a razão do Joe ser tão marcante para mim, primeiro preciso contextualizar outros aspectos que permeavam e ainda permeiam minha vida. Creio que escolhas de “vocação”, do que seguir, são resultado de um amálgama de acontecimentos em nossas vidas, então convido o leitor para outro ambiente onde uma criança do meu bairro – e também de outros – está em constante contato: a rua.

### **Esquinas, canções e labor**

Crescer no bairro Curió-Utinga, no início dos anos 2000, me rendeu muitas histórias que não cabem neste ensaio, então buscarei apenas dar pinceladas para tentar ilustrar o ambiente e como as dinâmicas das diversas pessoas no bairro funcionavam. Preciso, antes de tudo, citar a minha moradia, pois a minha casa tinha uma mística particular: durante toda a minha infância e adolescência, era onde funcionava o bar do meu pai, o bar do Vanildo, um dos bares mais frequentados do bairro na época, o que acabou proporcionando uma tranquilidade material por determinado tempo. A descrição é de um boteco tradicional: três mesas de bilhar, um balcão, dois freezers, algumas bebidas destiladas em prateleiras (meu próprio pai fez as prateleiras), grades de cerveja empilhadas nas paredes. Um ar de boemia e diversão, fumaça de cigarros, conversas das mais diversas, pura filosofia da cevada; mas não se deixe enganar, leitor, algumas vezes havia um clima de tensão por conta de desafetos estarem no mesmo ambiente ou por con-

ta de discussão sobre qualquer desentendimento durante uma partida de bilhar (as brigas foram a razão para o meu pai fechar o bar). O ritmo era ditado por uma caixa amplificadora de som, CDs e DVDs, sempre com samba, pagode, rock nacional e internacional, brega e outros; aqui foi quando surgiu outra paixão em mim: a música.

Justamente com a ajuda da música – minha companheira fiel, que está sempre ao meu lado, desde antes de qualquer memória que eu consiga resgatar –, pretendo explicar outros aspectos de minha trajetória, assim como a vontade de ser professor de História surgiu.

Figura 1: Bar do Vanildo.



Fonte: Acervo pessoal.

Eu só queria ter moral e mais nada  
Mostrar pro meu irmão  
Pros cara da quebrada  
Uma caranga<sup>4</sup> e uma mina de esquema  
Algum dinheiro resolvia o meu problema  
(Racionais, 1997)<sup>5</sup>

A rua, chamada também de “quebrada” ou “setor”, assim como o bar do meu pai estavam presentes durante boa parte da minha vida e ainda estão, mas com menos intensidade. Era o principal local de interação social entre as crianças da área – brincadeiras, amizades –, mas também de perigos e ilusões. Ilusão porque, assim como explicitado na letra de Mano Brown, a existência de um jovem que cresce em periferia se resume muito em ser, ser o mais legal, ser o melhor do futebol, ser o mais forte, o mais rápido, o com mais atitude, o mais “considerado”; e também em ter, ter posses materiais, um outro elemento de distinção entre aqueles que estão acostumados com a falta de acesso, tudo em busca de afirmação. Em relação ao trecho “caras da quebrada”, para mim é algo que reflete muito sobre a imagem dos rapazes mais velhos do meu bairro, que já saíam e tinham proximidade com todos nós, alguns deles envol-

---

4 Gíria para carro, automóvel.

5 RACIONAIS MC's. **Tô ouvindo alguém me chamar**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tP-VX6VYL1IA>. Acesso em: 14 dez. 2023.

vidos no mundo da criminalidade, e foram justamente esses rapazes que apresentaram para mim e outros uma música nova: o rap.

Comecei a escutar por conta de querer ser semelhante a esses rapazes, eram os que tinham certos acessos em razão da vida que levavam, tinham os holofotes da área, tinham moral – justamente onde reside a ilusão que citei. Infelizmente esses garotos não tiveram uma vida tão longa, alguns tiveram a vida ou a liberdade interrompida, resultado de algumas escolhas.

Admirava os ladrão e os malandro mais velho  
Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga  
O que melhorou? Da função, quem sobrou?  
Sei lá, muito velório rolou de lá pra cá  
Qual a próxima mãe que vai chorar?  
(Racionais, 1997)<sup>6</sup>

Em casa, minha mãe pesava a cobrança constante com bons resultados nos estudos, algo que eu conseguia com facilidade, não precisava ficar com a “cara nos livros” para apresentar um resultado satisfatório para ela; isso me dava confiança e foi algo que ditou o aluno que fui durante o Ensino Básico. Por conta da certeza de que conseguia me sair bem nas avaliações, eu era um estudante brincalhão, daqueles que atrapalhavam a aula

---

6 RACIONAIS MC's. **Fórmula mágica da paz**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ewHxfBtNC8E>. Acesso em: 14 dez. 2023.

para fazer gracejos e piadas (não me orgulho disso, talvez eu até tenha que pagar esses pecados na condição de professor, entretanto entendo que pode ser uma das diversas formas de que uma criança ou adolescente dispõem para extravasar). Segui levando meu Ensino Fundamental inteiro nesse ritmo. Quando fui para o Ensino Médio, tomei o primeiro choque, fui para uma escola particular, paga por meio de esforços de meus pais; porém, era uma escola que eu odiava, não me identificava com nada, não me identificava com os outros alunos, com os professores ou com a forma pela qual as disciplinas eram ministradas. Tal como outras escolas particulares de Belém, esta também sofria de um fenômeno que só fui perceber na graduação: funcionava em um formato de cursinho, era totalmente voltada para o Enem, com questionários maçantes, repetições, macetes e tantas outras coisas que podemos presenciar em cursinhos de pré-vestibular, não oferecia um ensino que levasse ao questionamento.

Ô lugar que eu odiava

Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me falava

Ela explicava, explicava, querendo que eu

Criasse um interesse num mundo que não tinha nada a ver com o meu (ELNIÑO, 2017)<sup>7</sup>

---

7 ELNIÑO, Thiago. **Pedagoginga**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lEM-zYi7hcs>. Acesso em: 14 dez. 2023.

O ano deveria ser por volta de 2014, eu estava no primeiro ano do Ensino Médio, mas também já estava há anos envolvido com o rap, consumindo vorazmente mais e mais músicas, pesquisando mais sobre artistas e, nessas pesquisas, acabei descobrindo que o rap era apenas a ponta de algo maior, era apenas uma das expressões da cultura hip-hop, sendo os fundamentais<sup>8</sup>: *brea-king*, *deejaying*, *emeceeing* e *grafitti*.

O hip-hop surgiu como um outro professor em minha vida, me ensinou a buscar outras leituras, outros olhares, autoconhecimento, paciência, sagacidade, a como me portar, como falar e a ter outra afinidade com coisas que podem se agregar na personalidade de um jovem que ainda não tinha consciência sobre a realidade que o cercava. Ele pauta muito sobre a História, sobre resgates, sobre refletir problemas do passado que ainda nos impactam, o que me deixou ainda mais apaixonado. Esse movimento de contracultura pauta bastante sobre um despertar de consciência, segundo um dos maiores *hip-hoppers*, grande expoente de pensamentos e reflexões, um MC chamado *Knowledge Reigns Supreme Over Nearly Everyone*<sup>9</sup> ou, simplesmente, *KRS-One*. “Em inglês, *hip* significa ser consciente, conhecer e *hop* significa saltar, subir, elevar-se, então quando você fala hi-

---

8 Todos são expressões artísticas que são apresentadas de formas diferentes: respectivamente, a dança, o fazer musical, poesia cantada e artes plásticas. Não me prolongarei na explicação com fundamentações bibliográficas, pois não é este meu objetivo neste ensaio.

9 Em tradução livre: O conhecimento reina supremo sobre quase todos.

*p-hop*, está falando de inteligência dando um salto [...]” (ONE, 2016)<sup>10</sup>. Desse modo, essa cultura vem ditando o ritmo da minha vida há bastante tempo.

Achar uma saída, tirar um qualquer pra comida  
Fazendo a coisa que acredito, levar minha vida  
Meu pai é dono de um boteco, sim, microempresário  
Aguarda bafo de bebum, mas não ouve ordem de otário  
[...] Minha mãe é dona de casa, não trampa em casa de dona  
Que usa laquê, saio e pele cafona  
Com esses esforços, já desde muito moleque  
Montei meu próprio negócio: a minha fábrica de rap  
(MAX B.O)<sup>11</sup>

### Trabalho e estudos

Em 2014 eu estava no primeiro ano do Ensino Médio, o que não impediu que meus pais exercessem sua vontade para que eu prestasse concurso para uma vaga no Instituto Federal do Pará (IFPA), ora uma instituição de referência, de peso e pública. Também era oferecida uma formação integralizada com curso técnico de in-

- 
- 10 ONE, Krs. **KRS ONE**: Ritmo Urbano vuelve a La 2 con una entrevista con KRS One, una leyenda del hip hop [jan. 2016]. Entrevistador: B-boy Manu. Espanha. Entrevista concedida ao programa Ritmo Urbano. Disponível em: <https://www.rtve.es/play/videos/ritmo-urbano/ritmo-urbano-entrevista-krs-one/3437259/>. Acesso em: 14 dez. 2023.
- 11 MAX B.O. **Fábrica de rap**. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F-iui8BrPhw>. Acesso em: 14 dez. 2023

formática, um direcionamento maior para o mercado de trabalho; o sonho dos meus pais, mas não o meu.

Acabei fazendo a prova e passando, o resultado saiu quando eu estava no segundo ano do Ensino Médio, 2015. Tive que retornar um ano para poder cursar. Meus primeiros meses foram de aversão, me sentia atrasado, sempre ficava imaginando que, em 2016, eu já estaria no terceiro ano e, logo em seguida, na faculdade. Uma greve foi deflagrada no meu primeiro ano como aluno do IFPA, perdemos praticamente um semestre, mais um impacto para minha imatura mente.

Entretanto, a escola onde eu não queria ser aluno acabou sendo uma das melhores experiências da minha vida, lá eu já conseguia identificar pessoas mais parecidas comigo, o ensino não era maçante, voltado para o Enem. Ali tínhamos espaços para reflexões, oficinas, palestras, alguns professores preocupados em acender discussões sociais com os alunos, outros preocupados com o desenvolvimento do aluno como cidadão, como pessoa, e não apenas como mais um número para estampar nas propagandas: “Aprovamos X alunos no Enem, primeiro lugar disso, primeiro lugar daquilo”. Não existia disputa, apenas um zelo pelo processo de ensino-aprendizagem.

E quem diria que esse ensino, mais humanizado, daria bons resultados – consegui minha aprovação na UFPA com tranquilidade, não precisei ficar enfrentando horas estressantes na frente de um caderno de questões, resolvendo exercícios ou então assistindo a inú-

meras videoaulas, apenas fiz a prova e “joguei” para o curso que sempre quis: Licenciatura em História.

Entretanto, eu não estava tão consciente quanto pensei, fui para a faculdade com um pensamento totalmente positivista sobre a História; na minha ingenuidade, achei que o curso era para aprender toda a história do mundo, do início ao fim, da Pré-História aos tempos atuais: uma concepção positivista da História. Desilusão: o semestre inicial era totalmente sobre teorias, didáticas e quaisquer outras coisas que não se parecessem com um documentário qualquer sobre a Segunda Guerra Mundial, gregos, maias. Então tomei a decisão de abandonar o curso em 2019, após apenas três meses na universidade.

Creio que, a essa altura, já deu para notar que meu pai era – e ainda é – autônomo e preocupadíssimo com empregabilidade, o que acabou levando meu irmão mais velho e a mim ao mundo do trabalho, cedo. Inicialmente ajudávamos no bar e, posteriormente, no restaurante; logo, tivemos que conciliar as duas coisas, trabalho e estudo. Além do cansaço e do tempo reduzido, não enfrentamos outros grandes problemas com o choque entre as duas atividades.

Preciso deixar clara essa dinâmica, pois foi em uma manhã de trabalho que aconteceu algo interessante, tão interessante que não consigo enxergar como algo das casualidades do universo. Era mais um dia comum, em que arrumei as mesas do restaurante, varri o chão, passei pano sobre as mesas, lavei o banheiro e fiz qualquer

coisa que precisasse de atenção (também vendíamos salgados e sucos antes do horário do almoço).

Como sempre, eu estava sentado, esperando algum cliente se apresentar, então apareceu um garoto que se sentou em uma das cadeiras da calçada e apoiou a cabeça na mesa, fui até ele e perguntei se estava tudo bem, se desejava algo; ele se levantou e direcionou a mim um olhar vazio, seus lábios se moveram e ele proferiu palavras que me deixaram sem reação por alguns segundos: “Eu estou com fome”. Era como se eu tivesse sido empurrado; quando entendi o que estava acontecendo, eu lhe ofereci uma refeição, um salgado, o que ele aceitou. Pediu um pouco de água e disse que estava fraco, porque ainda não tinha comido nada; bebeu a água e disse que queria ir para casa, neste instante avisei meu pai, dizendo que eu precisava dar uma saída e que logo retornaria.

Acompanhei o menino até o caminho de sua residência e fui conversando com ele, queria saber a razão de ele estar tão fraco, então vieram as informações: não tomou café da manhã, a merenda escolar estava em falta e sempre ia a pé para a escola, que se localizava em outro bairro. Fui questionando outras coisas, se ele gostava das aulas, disse-me que sim, as aulas de Matemática eram legais, as outras nem tanto, mas gostava da escola, apesar de ser longe; entretanto, as brincadeiras na rua eram mais convidativas e estavam mais próximas. Do restante não consigo me lembrar com tanta clareza, porque foi como se eu entrasse em um modo automático, fui conversando até a casa da criança, mas, ao mes-

mo tempo, enclausurado nas minhas reflexões: “Que absurda aquela cena, quantos outros meninos e meninas passavam pelo mesmo, outra repetição de muitos garotos da minha infância, que preferiam ficar na rua a ir para a escola. Qual seria o impacto que um bom professor poderia causar nessas vidas?”. Ali foi como um chamado. Algo espiritual? Quem sabe, encarem como quiser, tenho minha concepção sobre esse episódio.

No retorno para a minha casa, foi quando eu estava decido a voltar para o curso e com um grande objetivo de vida: se eu conseguisse direcionar ou apresentar novas perspectivas na vida de alguém, já seria o suficiente. Ao leitor que acompanhou este pequeno fragmento de memórias, eu espero que, de alguma forma, possa ajudá-lo a pensar sobre a educação – sem querer ser romântico, e sim humano –, sobre o cuidado com nossos estudantes, a não delimitar apenas os tijolos da sala de aula ou do muro da escola. Acredito que ser educador é se tornar algo maior que a si mesmo e buscar não ser engolido por falsas certezas, o olhar sempre deve ser cuidadoso.

# Vitor Jacques Vital

## Eu já fui aluno!

EU JÁ FUI ALUNO E CONTINUO SENDO ALUNO, E ACREDITO que continuarei a aprender durante toda a minha vida. O sentido do título deste trabalho é o de apresentar a ideia de vivência de quem já esteve em uma cadeira escolar como aluno e hoje participa desse lugar como estagiário-professor. Aquele mesmo ambiente com uma outra perspectiva e com uma nova função.

Após essa breve introdução, irei contar um pouco da minha trajetória escolar, que não será presa a momentos em sala de aula, principalmente em relação ao Ensino Fundamental. Dessa forma, comentarei sobre a cultura escolar em que eu estava inserido durante os anos em que frequentei a escola. Será um bom exercício de memória, pois tenho algumas dificuldades com as memórias de minha infância.

Iniciarei pelo 6º ano do Ensino Fundamental, pois as minhas memórias anteriores a essa data são extremamente limitadas. Estudei em uma escolar particular

no meu bairro, ela era pequena, salas coladas, com corredores apertados. Sendo assim, mesmo a escola sendo particular, a maioria dos alunos eram alunos da classe média baixa que viviam no bairro. Eu era um garoto magro, de estatura média para a sala que frequentava, sempre com notas boas, entretanto extremamente hiperativo, o que durante muito tempo fez com que eu tivesse diversos problemas escolares relacionados ao meu comportamento.

Geralmente eu ia para a escola de bicicleta junto com amigos. Nessa época prezávamos por chegar cedo à escola, pois ela ainda não tinha ar-condicionado e o ventilador era travado em um único lugar. Então sempre tentávamos chegar cedo para garantir os melhores lugares. Em um desses dias, eu cheguei no horário comum; no momento em que cheguei à porta da escola, enxerguei uma garota que era da minha sala. O que ocorreu a partir daí é um dos exemplos do que foi o aluno Vitor Jacques Vital vivendo a cultura escolar.

Devido à área restrita de alcance do ventilador, extremamente desejada por todos, começo a correr para chegar à sala antes dela e garantir esse lugar. Ela começa a correr também, mas, dada a minha maior velocidade, era inevitável que iria conseguir ultrapassá-la. Até aqui tudo bem, o problema começa no momento em que estou prestes a passar a aluna e ela se coloca na minha frente, nós acabamos nos chocando, mas eu não caio, diferente dela, que cai de joelho em um chão de concreto. O joelho dela começou a sangrar, e, às 7h30 da

manhã, estávamos eu, minha mãe, a garota que caiu e a mãe dela na coordenação da escola.

Essas situações se repetiram inúmeras vezes, e são algumas das lembranças até o 8º ano do Ensino Fundamental. Durante um certo período, eu colocava o pé para os meus amigos caírem, até o dia em que fui parar, novamente, na coordenação por causa disso; já fui também para a coordenação por falar demais, pois, além de falar muito, eu falo alto. Então essas características não me ajudavam a ser o aluno com o comportamento ideal da sala.

Nas socializações, sempre fui amigo de muita gente, nunca gostei de ser inconveniente nem de estar de mal com alguém, sempre consegui manter um certo coleguismo com todas as pessoas. Como eu era bem extrovertido, a vergonha nunca foi um problema para mim. Participava de gincanas, danças, desenhos, entre outros tipos de prática, mesmo não sendo o melhor da turma em determinado aspecto.

Quanto aos desenhos, sempre fui meio frustrado por não saber desenhar nem colorir. Certo dia, um homem foi à escola e disse que as dez pessoas da turma que pintassem uma casa, que estava desenhada em um papel, da forma mais bonita, iriam para um clube. Fui para a minha casa, triste, e na desesperança de que iria conseguir. Cheguei em casa e pedi ajuda para minha irmã e segui à risca todas as orientações dela. Quando o resultado saiu, o rapaz responsável foi falando sem uma ordem, só que, quando faltava uma pessoa, ele disse:

“E em último lugar... Vitor Jacques Vital”. Foi um dos dias mais felizes, pois não era só a visita ao clube, mas também o sentimento de ter conseguido me superar em uma prática que eu não me considerava bom.

A partir do 8º ano, começo a me lembrar de algumas aulas e de algumas relações mais próximas com os professores. Gostava da maioria das aulas, menos da de Religião e da de Biologia, mesmo gostando dos animais. Em se tratando de Religião, incomodava-me a professora só falar da religião católica e, mesmo não sabendo certos conceitos, eu ficava pensando sobre o porquê de ela não falar da religião do Japão, da Grécia, entre outros países. Hoje sabemos que a aula sempre é um recorte e que nem sempre atenderá às expectativas dos alunos. Nas aulas de Biologia, só achava atrativa a parte dos animais; de fato, células e sistemas do corpo não eram tão atrativos.

Durante o meu Ensino Fundamental, com certeza a minha maior dificuldade foi Biologia e Arte. De Biologia eu já não gostava, entretanto eu gostava muito da disciplina de Arte e estudava demais, pois gostava de tirar notas boas, mas, por nervosismo ou por desatenção, sempre passava na média nessa matéria. Eu gostava também das aulas de Matemática e detestava todas as aulas de Português; em todos os casos não era o professor ou a professora, mas sim a disciplina que me fazia ter uma repulsa de todas as pessoas que ocupavam a posição de professor ou professora de Português.

Agora, sobre a nossa querida e amada ciência que investe as pessoas no tempo. Sempre gostei de História,

mesmo não tendo sido minha preferida no Ensino Fundamental. Lembro-me de que analisamos algumas artes egípcias, e a professora explicava como aquela sociedade construía as esculturas e os monumentos. Outro momento que lembro é que, em algumas aulas de História, o quadro inteiro era preenchido e, quando não existia mais espaço, apagava-se e escrevia-se mais e mais. Confesso que nesse período me distanciei um pouco da disciplina, era uma dinâmica que não me agradava.

O que me fez gostar de História, a ponto de querer me tornar professor, não foram necessariamente as aulas que tive. No meu 9º ano do Ensino Fundamental, a minha disciplina preferida era Matemática e, pelo fato de eu gostar do professor, eu tinha bastante interesse em me tornar aquele professor. Então, no ano em que fiz 15 anos, ano em que cursei o 9º ano do Fundamental, eu já pensava em ser professor.

Quando entrei no Ensino Médio, percebi que Matemática não era a melhor opção, mas ainda queria ser professor, pensei em ser professor de Biologia, pois eu gostava também do professor de Biologia. Nessa época, 2016, aconteceu o impeachment da Dilma, fato que fez com que um amigo meu tentasse fazer brincadeiras de cunho político com este meu professor, que era politicamente ativo. Eu não tinha muita opinião, mas compartilhava do senso comum da época, de opiniões que são fáceis de dizer, mas que são simplistas e não explicam nada. Esse professor respondeu ao meu amigo, e eu observei aquilo, de forma distante, mas com atenção.

Mesmo sendo muito hiperativo, sempre tive muito respeito pelos professores e tinha plena noção de que eles sabiam mais do que eu. Então, a partir desses pressupostos, comecei a fazer perguntas sobre questões políticas a ele, e ele sempre me respondia, mas também fazia perguntas colocando, constantemente, um pouquinho de dúvida, o que me incentivava a pesquisar acerca do assunto.

Nesse sentido, em toda aula, nós conversávamos e, com o passar do tempo, fui gostando de fazer pesquisa sobre revoluções, política, revoltas, entre outras coisas. Conforme conversava e pesquisava, ficava mais imerso no assunto e, nesse ano, no 1º ano do Ensino Médio, eu já tinha certeza de que queria ser professor de História, eu gostava de me expressar e apresentar trabalho e agora já tinha a área de conhecimento ideal.

No Ensino Médio, a partir do 2º ano, passei a ler livros com teor mais acadêmico: *As Veias Abertas da América Latina*, *O Povo Brasileiro*, a coleção inteira das *Eras*, de Hobsbawm. Esses foram os livros mais acadêmicos que li durante esse período e me ajudaram muito na formação de um pensamento crítico e complexo. Além desses títulos, um quadrinho escrito por Neil Gaiman, chamado *A Morte*, e um livro de Albert Camus, de nome *A Morte Feliz*, me ajudaram a moldar minha personalidade no Ensino Médio. Esses livros trazem reflexões sobre morte, mas o principal ponto é que eles também trazem diversas considerações sobre viver a vida e sobre como os momentos passam por nós como se fossem uma água

corrente. Após ler tais obras, mudei minhas concepções acerca do aproveitar a vida, acerca do que é uma experiência boa ou ruim.

Tratando especificamente do convênio (3º ano do Ensino Médio), eu estudava bastante, mas nunca fui exemplo em sala de aula: ao mesmo tempo que perguntava, também conversava. Evidentemente, tinha mais maturidade e respeitava muito os professores, no entanto, em alguns momentos, eu não queria estar no ambiente; assim como os professores não tinham obrigação de me tolerar, eu também não via motivo para prestar atenção em uma aula que não me era interessante. Passei o ano inteiro indo para a escola com um lápis e folhas de papel, às vezes, nem levava esses objetos e pedia para alguém na sala. Mesmo com certo desleixo em sala, sempre estudei em casa, lia e fazia resumos para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), além de ler os livros.

No primeiro dia do Enem, eu sabia que tinha ido bem, tinha um certo receio em torno da redação, mas estava muito confiante. Cheguei em casa e minha irmã me chamou para corrigir a prova, começamos a corrigir, fiz uma boa pontuação. No segundo dia, eu precisava apenas ter uma nota mediana das provas que faltavam para conseguir passar, e foi exatamente o que aconteceu. Acertei praticamente metade da prova do segundo dia, já estava bem feliz, pois tinha certeza de que tinha passado. As notas acabaram vazando na madrugada, algumas horas antes do lançamento oficial, consegui ti-

rar uma foto da tela por meio do celular. Confirmava-se mais uma vez que eu tinha passado.

Falei para minha irmã, mas ela tinha muito receio, não tinha certeza de que eu iria passar. Falei para os meus familiares que eles podiam comprar o churrasco, porque eu já estava na Universidade Federal do Pará (UFPA). Foi o que aconteceu, em um dia de muita chuva, as notas da UFPA e da UEPA (Universidade Estadual do Pará) saíram no mesmo dia, e fui muito feliz, pois havia passado nas duas.

Entretanto, o ano em que entrei na Universidade foi o ano da pandemia; na segunda semana de aula, as atividades foram paralisadas e não havia mais federal. Comecei a trabalhar como jovem aprendiz, depois fui efetivado. As aulas não estimulavam, por ser online, não eram interessantes nem instigantes. O ano de 2022 se inicia e, antes de começarem as aulas, eu saio do meu trabalho para ser bolsista no Centro de Memória da Amazônia (CMA). Passei um ano nesse ambiente e fui bem feliz: trabalhei organizando arquivos, conheci novos ambientes e, como era perto do centro da cidade, prestigiei vários lançamentos de livros que eram ali por perto, então aproveitei bastante a localização do CMA.

Com o passar do tempo, fui percebendo que eu estava meio perdido sobre a minha pesquisa ou sobre o que gostaria de pesquisar. No segundo semestre de 2022, minha turma teve a disciplina Teoria da História do Brasil, ministrada pelo Professor Mauro Cezar Coelho. Gostei muito da disciplina e da forma com que ele conduzia as

discussões. Eu e algumas pessoas do CMA adorávamos discutir, antes e depois das aulas, sobre o texto e pensar sobre eventuais perguntas. Lembro-me de, em certo momento, ter falado sobre ser orientando dele, mas era um tema que eu conhecia pouco. Na aula do dia 23 de dezembro de 2022, ele pediu para conversar comigo e me ofereceu uma bolsa, que prontamente aceitei.

Desde então, pesquiso sobre o Ensino de História, mais especificamente sobre a produção dos professores de licenciatura. Nesse âmbito, discuto e elaboro balanços bibliográficos em torno da produção no tema, buscando ampliar as discussões situadas nas pesquisas. Apresentei três trabalhos nesse ano, participei de eventos e discutimos teoricamente sobre os textos e sobre os dados que temos. Sou muito grato ao Professor Mauro e à bolsa de iniciação científica, por terem me oferecido bases para dar grandes passos academicamente.

A graduação ainda não terminou e os desafios são diários, mas gosto de tudo que faço. Gostar do que se faz não significa que sempre vai ser prazeroso, mas ter essa certeza gera um estímulo diferente, quando se precisa ultrapassar os desafios do ofício. Sou muito realizado e grato pelo caminho que tenho traçado academicamente e socialmente na Universidade.

## Zack Moraes

*“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente” (Paulo Freire).*

NASCI EM UMA MATERNIDADE PÚBLICA DO FLAMENGO, nome de bairro nobre da zona sul do Rio de Janeiro e do time pelo qual sou apaixonado, desde antes de abrir os olhos. Lá, fiz amigos, brinquei e me conectei com a natureza, tudo na companhia do homem que me ensinou a apreciar cada uma dessas coisas: meu pai, ogã, sambista e, como um bom filho da malandragem, apaixonado pela vida. Com ele, aprendi a amar a vida, minhas raízes e ancestralidade, de lá trouxe o samba como trilha sonora para tudo de melhor que vivi.

Cheguei a Belém do Pará, aos 5 anos, depois de uma separação conturbada dos meus pais; aqui pude finalmente conhecer minha bisavó, mulher forte, parteira, curandeira, indígena, e o grande amor da minha vida. Mulher que me ensinou tudo que sabia sobre ancestralidade, tive a sorte de receber dela todo o amor do mundo, mas a vida foi custosa.

Vivi na baixada – assim chamávamos as periferias da cidade –, lá nunca me faltou nada, mas, desde cedo, estive entre dois polos opostos. Tive contato, desde sempre, com o crime, com as diversas pessoas da família que eram traficantes e viciadas, com vizinhos e amigos que perdi para o crime; perdi até uma parte importante da minha vida, que acabou por causa dele também.

Os anos iniciais na escola foram dolorosos, sempre fui um ótimo aluno, avançado em todas as matérias e ótimo com a escrita e números, no entanto sempre sofri muito bullying, homofobia, transfobia e racismo de todos os lados; então me amparei nas histórias que sempre ouvi da minha bisã e do meu vizinho, um professor de Filosofia do qual nunca descobri o nome. Foram eles que me mantiveram longe das tentações do crime e me fizeram acreditar na educação como mecanismo de ascensão social.

Assim segui durante o Ensino Fundamental I e, ainda estudando na mesma escola, descobri algo que fazia as pessoas gostarem de mim: o esporte. Treinei até virar capitão da equipe, e assim meu time e eu vencemos diversos torneios. Em meio a isso, chamei a atenção de diversos olheiros e conquistei bolsas de estudo para várias escolas, mas minha mãe queria mesmo que eu fosse para a Escola de Aplicação – antigo NPI –, já que havia boatos de que todos que estudavam lá entravam na faculdade.

Os anos se passaram, e ingressei no Fundamental II, consegui uma vaga no NPI, contudo não consegui ingressar, por questões de família alheias à minha vontade.

de. Tive que mudar de cidade, deixar de falar com meus amigos e cortar contato com uma parte da família, tudo porque meus familiares foram vítimas de uma tentativa de assassinato brutal, dentro de casa, no Dia das Mães, e com todos os presentes assistindo a tudo: deferiram contra eles 30 tiros de arma de fogo, no pátio de casa, enquanto jantávamos; meus dois primos e eu estávamos no sofá ao lado e vimos tudo. Eu estava na sétima série e precisei dar um tempo da escola, por causa dos boatos sobre o ocorrido. Cursei, da sétima série ao primeiro ano do Ensino Médio, em escolas particulares elitizadas; na primeira delas, eu me descobri bissexual e comecei meu processo de entendimento quanto à minha transgeneridade. Tive diversos problemas com a coordenação da escola, que era homofóbica e me forçou a me assumir para a minha família; desenvolvi depressão severa, ansiedade e crises de pânico, e tive problemas com álcool na adolescência, então fui mandado a um colégio católico para que lá pudessem me supervisionar e me “curar” das questões provenientes da minha sexualidade.

Nessa escola, cursei o segundo e o terceiro anos do Ensino Médio, lá fiz ótimos amigos, tive muita assistência dos funcionários da escola, que me acolheram e trataram das minhas questões com muito zelo, lá tive anos muito felizes. Fiz parte da primeira turma de convênio da escola e fui o primeiro aluno a passar no vestibular em uma universidade pública; logo em seguida, minhas amigas, que compunham também meu grupo de estudos, me ajudaram em minhas dificuldades.

Apesar de ter sido aprovado em muitos vestibulares, optei por cursar Direito em uma das universidades mais elitizadas do estado. Entretanto, não tive condições de arcar com os custos do curso, então, na primeira oportunidade, adentrei o curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA); esse foi um dia de muita festa com minha família e amigos, a comemoração que transborda a felicidade dos aprovados no dia do famoso listão. Fiz questão de comemorar na baixada, local onde cresci, e lá me juntei aos meus amigos de infância, todos eufóricos pela oportunidade de eu cursar o ensino superior nas universidades mais renomadas do Norte e festejar ao som do mestre Pinduca. Logo depois, meu nome estava lá, em uma das repescagens da Universidade Federal do Pará (UFPA), e lá se vai mais comemoração: eu estava na aula de História da Educação, na UEPA, quando recebi a notícia; lembro-me perfeitamente das pessoas gritando e chorando dentro da sala de aula por serem aprovadas na maior do Norte, eu fiquei sem reação. Saí da sala e lá estavam os colegas de outras turmas, emocionados, cantando a famosa marchinha do vestibular, nos abraçamos e saímos para o pátio para comemorar. Não avisei minha família, voltei para casa emocionado, e no ônibus chorei copiosamente, cheguei ao aniversário da minha bisavó – sim, estava acontecendo nesse dia – e, em silêncio, fui até ela e mostrei o listão; ela me abraçou e chorou, comemorando a realização do nosso sonho, o de cursar História na maior do Norte.

Entrei na faculdade e um mês depois veio a covid-19. Tudo fechou e tivemos aulas online, nesse momento perdi completamente a vontade de participar das aulas, me sentia completamente burro e incapaz, então desisti, só voltei um ano e um semestre depois. Três meses após voltar à faculdade, parei de novo, minha avó havia falecido por conta da covid-19, e eu e meus primos ficamos encarregados de cuidar da família, já que nossas mães tiveram depressão por conta do luto, e eu tinha um irmão, bebê, de que cuidei, criei e amei como filho.

Após todas as adversidades, voltar aos estudos novamente me salvou, as leituras me reaproximaram das minhas raízes, foi assim que decidi voltar ao Abaçá<sup>1</sup> e lá também me aproximei de mim, então finalmente tomei coragem de me assumir como uma pessoa transgênero. Optar pelo tratamento hormonal, mudança de nome e de gênero, assim como com tudo relacionado ao processo de transição, significa ter que lidar novamente com o desconhecido e com o preconceito e, junto a isso, lidar com o estranhamento de entes queridos.

Minha bisa exerceu o magistério depois que conseguiu se separar do primeiro marido, e foi graças a isso que conseguiu criar seus 6 filhos, 10 netos e 8 bisnetos. Ela, que foi minha maior inspiração da vida, viveu para ver um de seus bisnetos seguir seus passos, e a alegria nos olhos dela, no dia do seu octogésimo terceiro aniversário, foi que meu deu forças para seguir a minha

---

1 Irmandade, agrupamento ou comunidade religiosa do candomblé.

verdade e meus sonhos. Foi essa conversa de alguns poucos minutos que me fez acreditar todos os dias que a educação liberta, salva e transforma.

Portanto, aqui cito o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire: “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente”. E é aqui que se inicia um novo capítulo da vida, agora como educador popular, preto, transgênero, umbandista, periférico e das mais puras origens amazônicas. Acredito que a educação é o que me trouxe até aqui, é o que me permitiu sobreviver aos desafios de ser alguém não normativo em meio a uma sociedade que não me vê como semelhante; mas, apesar dos pesares, sou orgulhoso por levantar cada uma das bandeiras das comunidades às quais pertenço em todos os lugares que adentro, e isso, se hoje resisto, é consequência da educação a que tive acesso.



**SEGUNDA  
PARTE**

**Relatos  
discentes  
(UFMA)**

# Lyan Lídio

## Antecedentes do dia 17 de abril

ESSE DIA COMEÇOU MUITO ANTES DO DIA 17 DE ABRIL de 2017. Ele foi sendo preparado por incentivo de outras pessoas. Tudo teve início quando minha mãe estava comprando produtos de revista com a Princesa, nome da moça que me incentivou a conhecer o Colégio Universitário (Colun). Eu estava me preparando para apresentar um trabalho sobre Tarsila do Amaral e explicando para minha mãe a sua biografia, e a moça, que estava vendendo produtos aqui na minha casa, começou a falar sobre uma escola muito boa e legal. Aos meus olhos de criança, pareceu o lugar perfeito. Ela me falou sobre o notebook que o aluno que era aprovado ganhava, e logo isso me deixou entusiasmado e eu me inscrevi para fazer a prova. Fiz em 2016 e, infelizmente, não passei, mas esse sonho ainda permanecia vivo dentro de mim; então eu tentei em 2017, e passei. Não consigo mensurar a emoção que senti, pois as pessoas com as quais eu mais me importo estavam orgulhosas de mim. Esse sentimento foi tão gratificante que me fez perceber o

novo rumo que minha vida acadêmica estava tomando e também como a educação transformaria a minha trajetória, até mesmo em relação às amizades.

### **Primeiro dia de aula**

No meu primeiro dia de aula, minha mãe me levou até a escola. No ponto de ônibus, conheci a Maria Clara, que estudava no Colun e estava iniciando o seu 9º ano. Entramos no ônibus e seguimos. Chegando à escola, ficamos esperando a abertura dos portões, e a ansiedade não passava. Eu queria saber qual seria minha sala, quem seriam meus professores, quem seriam meus novos amigos, na verdade, o que seria dessa nova jornada. Ao entrar na escola, eu me sentei no pátio e aguardei o início da palestra de boas-vindas. Pediram que todos os aprovados ficassem em pé e fossem recebidos com palmas, e esse foi um momento mágico na minha vida – nem nos meus melhores sonhos eu me sentia capaz de passar em uma prova para uma escola que, para a minha realidade de estudante de escola pública de bairro, era quase impossível. Todos os alunos foram direcionados para as suas salas e descobri que eu era da turma 5A. Uma memória que eu tenho desse momento foi a de que meus pais estavam do meu lado nesse dia, na sala. Logo começaram a entrar vários professores se apresentando. Lembro-me muito bem de todas as minhas professoras: Teresa Lyra, Michelle Prazeres, Lucimar, Lobato, Sâmya, Fernanda, Eliza, Fabyana, e foi um prazer ter sido aluno delas.

## 5º A

Não tenho muitas lembranças da continuidade do 5º ano, mas me lembro de como, através da Maria Clara, que me levava todos os dias para a escola, eu conheci várias pessoas da sala dela. Da minha sala, eu conheci a Nilmara, ela era uma pessoa de personalidade muito forte, de quem fui me aproximando; também teve a Maryssa, com essa eu me identifiquei de cara, ela era de uma realidade muito parecida com a minha. E era muito ciumenta, um certo dia ficou com raiva de mim por conta da Leandra, uma menina do 5º B. Antes de tudo, conto como a conheci: eu era da igreja da tia dela e, logo que passei, Maryssa me sugeriu procurá-la na escola. Quando fui atrás e falei com ela, não foi muito amigável, mas fui me aproximando cada vez mais. Leandra me pediu para deixar a bolsa dela no pátio, e Maryssa, bem ciumenta, mandou-me largar a bolsa de Leandra no chão. Eu, que não gostava de ser mandado, continuei a caminhar e deixei a bolsa no pátio mesmo.

Nas minhas amizades não posso me esquecer da Marianna, umas das minhas amigas próximas. Ela era sempre um doce e amigável, e logo nos aproximamos. Nossos pais sempre ouviam em reuniões: “São ótimos alunos, mas conversam demais”. A nossa amizade era algo único, de brigarmos em 1 minuto e no outro já estarmos coladinhos novamente.

## 6º A

Quando fui para o 6º ano, confesso que pensei que mudariam os alunos de sala, pois teve outro seletivo e entrou a turma C, mas isso não ocorreu. O meu 6ºA resumiu-se em diversão, a ponto de todo fim de aula, após as 10h55, eu ir para o pátio brincar de esconde-esconde e rouba-bandeira (a minha farda, quando eu chegava em casa, estava bem suja, pois me divertia até demais). Nesse período, umas pessoas se aproximaram, outras se afastaram e os grupos foram se formando; e eu fui me aproximando de Leandra, passamos a ser tão amigos, mesmo sendo de salas diferentes, que, no ano seguinte, ela pediu transferência para minha sala.

Na aula de Matemática, da professora Sônia, era perfeito, era uma das aulas que eu mais esperava, pois eu amava essa matéria. Eu e minha amiga Marianna ficamos brigados por um dia, mas a professora percebeu, porque eu tinha sentado em um extremo da sala e ela em outro; então, a professora nos chamou na frente para nos abraçarmos – devo confessar que eu já estava sentindo falta de Marianna e de nossas falas durante a manhã todinha.

## 7º A

Quando eu entrei no 7º ano, as famosas “patotinhas” das turmas já estavam formadas, e a minha se formou comigo: Maryssa, Nilmara, Leandra e Marianna; a partir daí, tudo fazíamos juntos, até os trabalhos em equipe. Nesse ano aconteceu a separação total da

turma, pois um dia estávamos brincando de “cinco cortes”, com uma bolinha de papel, e um grupo de meninas começou a implicar conosco; levou mentiras para coordenação e a sala entrou em conflito, ficou totalmente dividida, até nas festinhas de comemoração as coisas eram feitas separadamente. A professora Dirce, percebendo essa situação, conversou com a turma e falou que não queria mais briga e fez todos se resolverem. As melhores partes dos trabalhos aconteciam quando nos reuníamos na casa de Marianna, e a vó dela fazia um almoço delicioso para logo nós entrarmos em ação nos estudos, a vó sempre sendo bem atenciosa e receptiva.

### 8º A

No fim do 7º e início do 8º ano, eu conheci o melhor professor que já tive em toda a minha vida. Oseas, professor de Matemática, sempre tão atencioso com o nosso ensino, tinha uma didática maravilhosa, que me fez ficar cada vez mais encantado com essa disciplina. Eu agradeço por ter tido um professor com ótimos conselhos e que me inspirou para várias coisas, um homem muito inteligente.

“Finalmente chegamos perto do 9º ano, que é tão perto do Ensino Médio, vamos aproveitar os nossos últimos anos do Ensino Fundamental com os melhores professores”. Era o que tínhamos na cabeça naquele momento. Era o início do ano de 2020, parecia tudo tão tranquilo, mas nem imaginávamos o que estava por vir.

Determinado dia, no meado do mês de março, todos os alunos foram convocados a comparecer no auditório, onde foram apresentados esclarecimentos sobre um vírus e a informação de que seria preciso ficar em casa; considerando que seria por um período curto, passaram algumas atividades para fazermos e falaram: “As aulas ficarão suspensas por 15 dias”.

“Bom dia, alunos, gostaríamos de comunicar que as nossas aulas funcionarão de forma síncrona e assíncrona por motivo do isolamento social que deve ser seguido”. Para o que seriam apenas 15 dias, tivemos que nos acostumar com o novo “normal”, as aulas iriam funcionar com todas as turmas e seriam ministradas de forma interdisciplinar. Mas esse método foi prejudicial para nós. Não culpabilizo a escola, ninguém estava preparado para essa crise sanitária, foi um período tão difícil e admito que terminamos o 8º ano sem saber nada.

## 9º A

Eu esperava ansiosamente pelas aulas presenciais, para conseguir aprender algo, e, vale lembrar, sempre ouvíamos falar que o 9º ano era o melhor ano do Ensino Fundamental, e acabou que as aulas continuaram on-line e assim permaneceram durante todo o ano de 2021.

## 2020 e 2021

Separo este momento para contar como foi esse período em casa. Eu e minha família (Keila, Valdemir e

Lucas), todos reunidos, passamos a aproveitar os momentos que a vida corrida havia nos retirado de passar juntos, brincávamos e fazíamos desafios da internet e compartilhávamos com o grupo “Família Serra”, e todos entravam na brincadeira. Foram momentos em que precisávamos nos distrair para evitar o medo que estava consumindo a população. Eu parei de assistir a todo tipo de telejornais que noticiavam as tantas mortes que ocorriam; eu estava passando por um momento de medo constante, o medo da morte, a todo momento eu usava álcool em gel, mesmo sem nenhum motivo, pois já estava virando hábito de tentar me prevenir; eu tinha muito medo de que alguém da minha família se contaminasse, eu tinha tanto medo de perder mais alguém da minha família, já tinha passado por eventos de dores do luto e eu não sei se aguentaria passar mais uma vez, mas agradeço a Deus por ter protegido todos. Ademais, naquele momento eu e meus amigos da rua só conversávamos pela janela e resolvemos criar um grupo de amigos da rua chamado “Condomínio”, foi um período de aproximação e de longas conversas. Ao ser flexibilizado o isolamento, nós nos encontrávamos na porta da nossa casa e fazíamos lanches coletivos, foram ótimos momentos para superar os medos e a angústia.

### 1º C

Ao final do 9º ano, todos os alunos tiveram que responder a um questionário que decidiria para qual

turma cada um iria, então eu e todos os meus amigos combinamos de escolher o curso Técnico em Administração, que é integrado ao Ensino Médio. Todos nós fomos manejados para a turma C, com o maior número de alunos por turma, e isso gerou uma turma formada somente de alunos vindos do Ensino Fundamental, sem novatos (a não ser dois alunos repetentes). E que turma legal havia sido formada. Embora com uma variedade de personalidades, cada um com suas especificações, foi uma decisão muito boa.

Nosso único arrependimento foi com a forma de funcionamento do curso técnico. Para mim a mudança de didática do Fundamental para o Médio foi superestranha. Na entrada para o Ensino Médio, o grupo se estendeu, e tivemos que nos despedir de Marianna, que foi para outra escola, agora o grupo era formado por mim, Leandra, Beatriz, Nilmara, Maryssa e Júlio. Fui me aproximando de novas pessoas com quem eu não imaginava falar e conheci pessoas de outras turmas do Ensino Médio. Ao fim das aulas íamos para a parada juntos e ficávamos conversando por bons momentos, era algo legal, divertido. Nas férias do meio do ano, eu recebi um convite do professor de Matemática para participar de um projeto de robótica pelo meu ótimo desempenho; por uma boa oportunidade de conhecimento, aceitei, e comecei a descobrir o mundo da programação, algo totalmente novo na minha vida, e admito que complicado também. Desenvolvemos esse projeto no intuito de inserir o pensamento computacional no ensino da Mate-

mática, proposta muito inovadora. Ainda nesse mesmo ano, eu participei do projeto “Novos caminhos”, que me possibilitou uma visita de campo em que pude me aproximar de outras pessoas fora do meu ciclo social.

### **Visita técnica a Alcântara/MA**

O projeto “Novos caminhos” organizou uma visita técnica ao quilombo de Itamatatiua, em Alcântara. Na ida, ao sairmos do Colégio Universitário, foi uma ansiedade, pois era nossa primeira viagem no Ensino Médio; a empolgação para chegar era grande, pegamos o ferryboat, todos meio envergonhados para conversar, mas durante o caminho foram fluindo as conversas. Chegamos ao quilombo de Itamatatiua, e eu não imaginava o quão enriquecedor seria conhecer aquela cultura. Fomos alojados em casas e em uma escola, a partir daí começaram nossas visitas em residências para conhecer como aquela população vivia; fomos super bem recebidos, as pessoas nos forneceram almoço no fim de semana em que passamos lá. Conhecemos o Centro de Produção de Cerâmica de Itamatatiua, conhecido como Casa da Cerâmica, e como eram feitos os artesanatos daquela região. Nos dias em que estávamos lá, íamos passear, à noite, pelo centro histórico para identificar o que havia naquele lugar. Foram dias incríveis, em que pude me conectar mais com os meus amigos e vivenciar dias de aprendizado.

## 2º C

O início do 2º ano foi muito intenso, os professores sempre comentando que seria o ano mais difícil em conteúdo, o professor Capovilla sempre afirmando isso. Contudo, foi um ano muito tranquilo e de muita diversão. Nesse mesmo ano eu iniciei meu estágio obrigatório do curso técnico e, na interclasse, fracturei a perna.

## Estágio

Fui com muita expectativa para o meu estágio, acreditando que colocaria em prática tudo que eu aprendi, mas foi uma péssima experiência. Lá eu aprendi como funciona o ambiente de trabalho em alguns lugares, não me sentia bem e não consegui me encaixar. No entanto, nesse ambiente eu conheci pessoas boas, o que também me ajudou a passar por várias situações, elas estavam ao meu lado e dispostas a me auxiliar. Vale lembrar que a culpa é sempre do estagiário, e foi justamente isso que aconteceu comigo: por todas as coisas que saíam errado, mesmo eu não tendo feito, a culpa era minha; mas eu não me deixei submeter a essa situação, pois acreditava em experiências muito melhores. No final do ano de 2023, eu pedi para sair, com o intuito de estudar para o vestibular e focar no meu 3º ano, até porque esse é um momento muito tenso e que necessita de preparo. No entanto, eu precisava de um estágio para cumprir a carga horária. Fiz um seletivo e fui aprovado para um novo estágio, mas o medo me

consumia só de pensar que eu estaria fazendo tudo errado, que não seria bom o suficiente. Quando conheci o meu setor de trabalho, fiquei um pouco retraído, mas em questão de tempo fui me adaptando. Vale registrar que, nesse período, eu estava usando muleta em razão da fratura que sofri, então tudo era mais complicado. Tive que pagar para trabalhar, pois, com a muleta, eu não conseguia ir de ônibus, precisei contratar um motorista para conseguir ir e não perder essa experiência. Naquele ambiente eu me senti bem, fui acolhido e cuidado, várias pessoas me ajudaram e me ensinaram. Lá conheci uma moça que tinha o mesmo objetivo que eu em relação ao vestibular, isso sempre foi uma pauta de debate entre nós. As pessoas de outros setores que me olhavam, vinham falar comigo, me desejar melhoras e perguntar sobre como fraturei a perna.

### **A queda**

Um dos melhores momentos do ano estava chegando, a mais esperada competição interclasse, eu fazia parte do time de handebol. No dia 29 de novembro de 2023, acontecia o meu primeiro jogo; na primeira partida eu joguei tranquilo, mas, horas antes do segundo jogo, eu comecei a me sentir mal e falei que não iria jogar. Os meninos do time disseram que eu não podia desistir naquela hora; então, fui e entrei para o jogo e, nos primeiros minutos, eu estava perto de fazer o gol, mas, ao saltar para arremessar a bola, eu perdi a força e caí no chão, quando olhei para minha perna, vi que

estava fraturada. Nesse momento eu pensei em me desesperar, mas me lembrei da minha mãe e queria passar toda a tranquilidade para ela e para meus amigos, que estavam chorando. Apenas pedi que ligassem para minha mãe, fiquei tranquilo, sorrindo, para disfarçar a tamanha dor que eu estava sentindo. Quanto mais o tempo passava à espera do socorro, a dor ia aumentando, contudo em nenhum momento eu passei desespero. O socorro chegou e minha mãe estava junta, então me levaram para o hospital. Chegando, a única coisa que eu pedia era que ninguém mexesse na minha perna, não demorou muito meu pai chegou ao hospital para ficar do meu lado também; sou muito grato por eles terem ficado ao meu lado. Não poderia esquecer que, na mesma noite, minha Vozinha e minha tia chegaram para também ficar ao meu lado. O mais surpreendente para mim foi uma amiga, da qual eu não era muito próximo. Ela apareceu no hospital e ficou do meu lado, sou grato por isso, pelo gesto de preocupação e cuidado. Nesse momento pude perceber quem eram as pessoas que estavam ao meu lado mesmo, pois algumas me surpreenderam e outras me decepcionaram; no entanto, meus amigos vieram me visitar, trouxeram vários presentes, e isso foi importante para mim; devo lembrar-me também do meu melhor amigo, Silmeson, que vinha passar a tarde toda, sentado na sala, assistindo televisão para que eu não me sentisse sozinho.

## Projeto de História

Na metade do 2º ano, eu participei de um projeto de pesquisa que me proporcionou pensar sobre o ensino de História de modo totalmente diferente. O projeto “Uso de narrativas ficcionais como recurso pedagógico para o Ensino de História”, orientado pelo professor de História, Inácio, situa-se no campo de investigações sobre o Ensino de História, área limítrofe entre a História e a Educação, cujo objetivo é promover aproximação entre essas áreas do conhecimento, visando à reflexão acerca da prática educativa e à proposição de novas metodologias de aprendizagem. A partir do projeto geral foram elaborados planos de trabalho para que cada aluno tivesse um objeto de estudo, e o meu foi “Regime escravista e cotidiano na obra ‘Kindred: laços de sangue’”, de Octavia Butler. Teve por objetivo analisar essa obra em busca de representações sobre o cotidiano escravista. O funcionamento era por meio de encontros semanais no Laboratório de Tecnologia, no qual apresentávamos a leitura das obras lidas e buscávamos a forma de narrar aquilo que foi entendido, pois a capacidade de narrar demonstra que temos domínio sobre determinado assunto. Nesses momentos debatíamos e tentávamos encontrar trechos ou páginas que pudessem ser utilizados no contexto de Ensino de História em sala de aula. Nos encontros também lemos outros textos que nos levaram a compreender e a explicar qual conteúdo de História poderia ser ensinado.

## Grupo de teatro

Na escola eu entrei no grupo de teatro, mas, antes mesmo do Colun, eu já tinha experiência no mundo artístico. No grupo mirim comecei a me destacar e fui chamado para participar de um espetáculo que seria apresentado em um festival, lá em São Paulo. Fui convocado nas férias, de última hora, para substituir um personagem que ninguém estava conseguindo fazer. Eu não imaginava que estava vivenciando umas das melhores experiências de viagem com amigos, pois aquelas pessoas viraram amigos próximos, todos os dias de férias de que eu abri mão valeram muito a pena. Chegou o mês de setembro, o da viagem, fomos de avião; chegando a São Paulo, pegamos uma van em direção ao interior onde iria ocorrer o evento. No hotel fomos encaminhados para os quartos, para que descansássemos, pois no dia seguinte começaria a nossa rotina de preparo no palco. Fizemos teste de luz, som e de marcação da peça, tudo estava pronto para a apresentação aos alunos das escolas daquela cidade. Tínhamos dois espetáculos, logo era algo cansativo, mas fazíamos aquilo com muito amor. Nossa apresentação foi um sucesso, superelogiada pelo público. Por meio do contato com a plateia após a apresentação, conhecemos várias pessoas. Como atores, não poderíamos só apresentar e ir embora, ficamos no teatro e apreciamos ótimos espetáculos e criações daquela região. Em certo dia da viagem, foi decidido um passeio para Campos do Jordão, uma experiência ótima, uma realidade e vivência totalmente diferentes

da nossa. Do festival, conseguimos algumas premiações que estão guardadas no Colégio Universitário, local que me proporcionou diversas aventuras e vivências. Posso dizer e afirmar que a escola pública tem potencial.

# Nilmara Sampaio

## O começo de tudo

“MEU PAI É PERNAMBUCANO, MINHA MÃE CEARENSE, mas eu nasci em São Paulo.” Essa é definitivamente uma das frases que mais repeti na vida. Nunca me senti realmente parte de algum lugar. Muito nova, com 2 anos, saí de Santo André, minha cidade natal, e me instalei, junto com meus pais e meu irmão mais velho, Nilmar, em Dom Pedro, interior do Maranhão, estado esse que acredito seja o lugar onde, nessa vida, eu nasci para estar e posso chamar de lar.

No Maranhão eu conheci, vivi e ainda vivo a definição de família. Lembro-me de que em todas as tardes, após o almoço, meus pais me obrigavam a tirar um cochilo com eles e, meu Deus, como esse momento era torturante para mim. Apesar de relutar muito para não dormir, nunca conseguia resistir por um longo tempo. Quando minha mãe, Marfisa, me acordava, também era uma confusão, pois eu gostaria de dormir por mais tempo, e a única frase que ela precisava me dizer para me fazer levantar rapidinho era: “Estou indo para a casa da vó Rosa agora e, se você quiser ver seus primos hoje, este é o momento”. Quase que religiosamente, todas as

tardes, não só minha mãe como também meus tios e tias iam para a casa de minha avó Rosa, a matriarca da Família Sampaio e a mulher que criou, com muita garra e sabedoria, seus 12 filhos. Lá, ficavam embaixo do pé de pau tomando café enquanto vigiavam a mim e a meus primos correndo para lá e para cá. Durante essas tardes, vira e mexe, ouvíamos nossas mães brigando conosco, pois estávamos correndo muito e, por ser um alpendre com muita terra e pedras, as quedas não era tão raras.

Vó Rosa não foi uma mulher que expressasse, fisicamente, muito carinho, mas nunca negou algo aos seus netos, especialmente quando o pedido era dinheiro para ir comprar picolé na casa de dona Edneusa, que ficava no outro lado da BR-135. Sempre era um evento conseguirmos convencer alguém mais velho a nos vigiar enquanto atravessávamos correndo a BR. Carregávamos conosco o sentimento de autonomia por termos dinheiro em mãos e estarmos, teoricamente, comprando algo sozinhos.

Tenho duas grandes e marcantes memórias relacionadas a Dom Pedro. A primeira de que me lembro é a de acordar cedinho, aos sábados, para ir à catequese, que acontecia em uma escolinha do povoado Pedro I, próximo à casa de vó Rosa. Minha mãe foi a minha primeira catequista, a mulher que me ensinou todas as orações, em especial aquelas para o meu anjo da guarda. A segunda memória é de quando eu já estava maior, tinha por volta dos meus 8 anos. Não me lembro exatamente como tudo aconteceu, só tenho relances de um mês

muito turbulento que finalizou com uma notícia muito triste: meu pai, Nilson, tinha acabado de ser diagnosticado com câncer de próstata.

Essa notícia nos abalou de uma forma gigantesca, e o diagnóstico foi apenas a ponta do iceberg. Em Dom Pedro, meu pai não teria o tratamento necessário, então o marido de minha tia Marizeth, Geraldo, nos convidou para ir morar em Serra Talhada, uma cidade linda, que fica no sertão Pernambucano; além de ser terra natal de Lampião, também é conhecida como a Capital do Xaxado. Não tínhamos opção, a não ser nos mudarmos para o outro lado de nossa região e tentarmos uma nova vida em busca do tratamento de meu pai. Assim, colocamos nossa casa – quase que literalmente – dentro de nosso Classic 2011, que sempre nos acompanhou em todas as aventuras, e fomos com muita coragem, e principalmente fé, para Serra Talhada.

### **Sertão Pernambucano**

Chegamos a Pernambuco, em janeiro de 2014, depois de uma viagem de mais de 24 horas e de muito cansaço tanto físico quanto mental. A primeira noite foi na casa de tia Zeth, a quem devo muita gratidão por todo o cuidado que teve com meu irmão e comigo durante o tempo que ficamos lá. Foi uma noite muito maldormida, nos acomodamos, os quatro, em uma casa, mas não houve reclamação alguma, pois era sabido que tudo aquilo era em prol de uma causa muito, mas muito grande. Geraldo nos ofereceu uma casa para morarmos por um preço

muito acessível, que ficava bem no centro da cidade, o que facilitou muito nossa estadia por lá. Minha mãe me matriculou em uma escolinha que ficava na nossa rua e, apesar de ser muito pequena, tinha um ensino de excelente qualidade, a Escola Municipal São Pedro. Lá conheci a Tia Adryana, uma mulher que definitivamente nasceu para a pedagogia. Ensinava e cuidava de todos os seus alunos com um amor e carinho exemplares. Também conheci Débora e Pâmela, duas meninas incríveis de quem sou amiga até hoje. Pâmela foi a pessoa com a qual eu mais me identifiquei, pois, assim como eu, ela também era nova na cidade e não conhecia ninguém. Essas pessoas fizeram minha passagem por lá ser menos difícil e também me faziam esquecer, mesmo que por pouco tempo, as coisas que estavam acontecendo.

Quando meu pai começou a busca por tratamento, uma bomba caiu sobre nosso colo: as sessões de quimioterapia não estavam disponíveis em Serra Talhada, só em Recife, que fica a quase 600 quilômetros de onde estávamos. Mas, como eu disse no começo do texto, meu pai é pernambucano, nasceu em Recife e boa parte de sua família ainda está lá. Então, por mais que existisse a problemática da distância, a acomodação era uma questão resolvida.

Não me recordo ao certo, mas de 15 em 15 dias o pai e a mãe iam para Recife realizar o tratamento, e meu irmão e eu ficávamos na casa de tia Zeth, que morava com seus dois filhos, Paulo Ricardo, o mais velho, e Germano Neto, o mais novo. Durante o dia, Neto e eu brincáva-

mos muito com sua vizinha Anielly, uma menina linda e absurdamente engraçada que sempre me fazia rir até minha barriga doer. Apesar de toda a alegria e diversão, lembro-me de chorar quase todas as noites, pedindo a Deus e ao meu anjo da guarda proteção a meus pais e a cura do meu pai.

O primeiro ano que ficamos em Serra foi definitivamente um dos mais difíceis de minha vida. Nossa família enfrentou diversas dificuldades, contudo meus pais nunca deixaram a mim e a meu irmão desamparados, muito pelo contrário, sempre foram muito carinhosos e nos explicavam tudo o que estávamos passando, com muito carinho, ternura e amor. Em 2015, as coisas estavam melhorando, o tratamento de meu pai estava dando certo e sua cura estava muito mais próxima do que esperávamos. Meu irmão e eu também já estávamos muito bem enturmados não só na escola como também na vizinhança, e a ideia de construir uma vida em Serra já não nos assustava mais como antes. Mas, de repente, minha mãe também começou a ficar doente, e nós sentíamos que estávamos revivendo o mesmo pesadelo do ano anterior; o sentimento de tristeza voltou a estar muito presente em minha vida, mesmo com todas as palavras de conforto que eu recebia das pessoas ao meu redor.

Por volta de junho, minha mãe descobriu que estava com um mioma de quase 1 kg, os médicos ficaram muito supressos por ela ainda estar viva e por ter aguentado tanta dor por longo tempo. É quase impossível descrever o susto que foi descobrir isso na época e tudo o que

estávamos sentindo. Pouco tempo depois, mamãe conseguiu realizar a cirurgia e sua recuperação foi assustadoramente rápida e saudável. Hoje, quando nos lembramos disso, só conseguimos agradecer a Deus e aos nossos guias e protetores por terem cuidado tão bem dela e por terem conservado sua vida.

Em julho, nossa vida começou a voltar ao normal, papai e mamãe, como sempre, indo a Recife, Nilmar e eu vivendo uma fase muito boa de nossa infância. Esse foi definitivamente um dos melhores momentos que vivemos em Pernambuco, chegamos até a viajar! Visitamos Caruaru, Triunfo e Recife, além de termos conhecido nosso “Padim Ciço”, no Ceará. Guardo com grande carinho todas as memórias que fiz durante essas viagens, verdadeiras aventuras.

Chegamos então ao final de 2015 com a notícia pela qual rezamos, pedindo todos os dias: o tratamento de papai tinha chegado ao fim, depois de 37 sessões de radioterapia, e estava finalmente curado. Meu Deus, como receber aquela notícia foi bom! Até hoje me lembro da euforia e alegria que havia invadido nossa casa, ao sabermos disso. O período mais sombrio que nossa família já viveu tinha, graças a Jesus e aos Orixás, chegado ao fim.

### **O retorno**

Um novo dilema surgia em nossas vidas: deveríamos ou não voltar para o Maranhão? Afinal, quais seriam as

nossas razões para isso? Morávamos em um lugar muito bom, próximo a diversos mercados; meu irmão e eu estudávamos em escolas que eram referências no município; o custo de vida na cidade era bom e a vida de todos estava finalmente “andando nos trilhos”. Mas minha mãe sentia muitas saudades de Dom Pedro, de toda a família que temos lá e dos momentos de festas e comemorações que perdíamos por não estarmos lá. Então, ficou decidido por meus pais que nosso 2016 iria começar em terras maranhenses. Essa notícia foi como um “balde de água fria” para mim, novamente eu teria que deixar pessoas que eu amava muito e teria que me acostumar a uma nova vida, com nova escola, novos amigos e novas pessoas. Minha partida foi muito dolorosa, lembro-me de estar no meu último dia de aula, abraçada com Pamela e Debora, nós três chorávamos muito e tínhamos Tia Adryana nos acalmando e nos explicando que aquele não seria o fim de nossa amizade. E terminou que ela estava muito certa, ainda somos amigas.

Em dezembro, de novo colocamos – quase que literalmente – nossa casa dentro do carro e partimos rumo ao Maranhão. Mas, dessa vez, seria diferente, nosso destino não seria mais Dom Pedro, e sim São Luís! Meus pais já tinham morado nessa cidade anteriormente, e a ideia de viver pertinho da praia agradava a todos da família.

## São Luís do Maranhão

Apesar de eu estar muito triste por ter deixado meus amigos em Serra Talhada, cheguei a São Luís com o sentimento de que novas coisas boas estavam por vir, e realmente não errei nisso! Meu primeiro ano aqui foi em 2016 e tive contato com muitas coisas novas, conheci outras religiões, além do cristianismo, e passei a entender como a vida funcionava. Fui matriculada em uma escola que ficava próxima ao meu bairro. Minha adaptação ali não foi nada fácil, os alunos já se conheciam há anos e me julgavam muito por ser nova na cidade, além de fazerem muitas piadas com o meu sotaque e com o meu jeito de ser no geral. Foi um momento bem solitário na minha vida; eu me perguntava o que eu estava fazendo de errado por não conseguir ser amiga deles, por mais que eu tentasse bastante.

No meio do ano, minha mãe me contou que tinha uma escola muito boa e que não ficava muito longe de nossa casa, que eu poderia estudar lá, se eu quisesse, mas eu teria que me dedicar muito aos estudos, pois tinha que fazer uma prova bem difícil para conseguir entrar. Então ela me matriculou em uma escola de reforço, cujo professor era o Marcelo, um homem alto e bem forte, que sempre me fazia dividir meu lanche da tarde com ele, mas que foi essencial na minha futura aprovação.

No final do ano, na escola em que eu estava, conheci Stephanie. Ela era uma menina muito tímida, mas depois de um trabalho de Matemática que fomos obrigadas a fazer juntas, nos tornamos melhores amigas. Sthe

e eu erámos inseparáveis, ela estava na escola desde o primeiro ano, mas também não tinha amigos. Lembro-me de até ter levado minha primeira chamada de atenção de uma professora por Sthe ter rido muito alto, após alguma piadinha besta que eu fiz para ela durante a aula. Perdi o contato com Sthe, e acho que ela nem sabe o quanto sou grata a ela por ter me salvado daquele quinto ano escolar, que estava sendo um verdadeiro pesadelo para mim.

### A aprovação

Não me lembro exatamente de como veio o resultado da minha aprovação no processo seletivo do Colégio Universitário (Colun). Só me lembro de estar muito triste, pois o meu principal objetivo era ser aprovada no Colégio Militar Tiradentes, então pouco comemorei minha aprovação no Colun – só que, hoje em dia, eu não poderia ser mais grata por estudar nessa escola.

No dia 17 de abril de 2017, um novo mundo estava se abrindo para mim, e eu não fazia a menor ideia disso. Nessa escola eu estava prestes a conhecer as pessoas que iriam estar presentes em toda a minha vida e que fariam com que eu fosse um pouco do que sou hoje. Lembro-me de que o meu sonhado primeiro dia de aula foi absurdamente desejado por mim, de que sempre olhava meus materiais escolares e vestia um zilhão de vezes a roupa que eu iria usar nesse dia.

Cheguei ao pátio da escola de mãos dadas com meu pai, e muito nervosa também, sentamo-nos em uma

das primeiras fileiras e aguardamos ansiosos pelo início de tudo. Meu pai anotava as informações passadas pelo diretor e coordenadores, e eu me sentia encantada com a escola e com todos ao meu redor. Um dos meus momentos mais inesquecíveis no Colun foi naquele dia, quando o diretor pediu que os estudantes novatos se levantassem, e os veteranos nos aplaudiram. Nunca tinha sentido tanta felicidade em um momento, senti meu sangue correndo rápido pelo meu corpo e todos os meus pelos se arrepiando.

Meu quinto ano foi muito bom, minha primeira amizade na escola foi com Maryssa. Eu estava sentada no pátio da escola e perguntei se ela queria ouvir algumas músicas da Marília Mendonça comigo. Desde esse dia, nós nos tornamos as melhores amigas. Através de Maryssa, conheci Lyan e Marianna, outras duas pessoas por quem tenho um carinho enorme; agradeço a Deus pela vida deles todos os dias. Nós quatro, apesar das brigas e discussões, éramos como unha e carne durante todo o Ensino Fundamental.

Tenho boas memórias desses anos, embora quase todos os meus traumas, que ainda me acompanham na adolescência, tenham surgido nessa época. Em 2018 eu comecei a ter aulas de balé, nunca foi meu hobby preferido, mas era legal acompanhar minha evolução ao longo das aulas. Meu professor era um excelente dançarino, mas um profissional muito rigoroso e constantemente realizava comentários sobre o meu corpo, minha aparência e, principalmente, meu peso. Aos poucos, sem

perceber, fui desenvolvendo uma distorção da minha imagem, o que me levou a desenvolver um transtorno alimentar muito sério: me sentia feia e acima do peso a todo momento. Aos 13 anos, comecei a fazer dietas malucas, ficava sem jantar e pulava quantas refeições eu pudesse. Já ia muito triste para as aulas de dança e não sentia mais prazer em nada. Saí do balé em 2020, com o início da pandemia. Mas, por mais que eu tenha lutado contra, meus problemas alimentares se agravaram, o que me levou a engordar e a emagrecer de forma muito brusca e nada saudável. A pandemia foi um momento horrível, eu sentia muita falta dos meus amigos e dos meus professores, estava doente e não sabia como sair daquela situação, não via nenhuma luz no fim do túnel. Em 2021, com 15 anos, eu já estava conseguindo lidar melhor com minha alimentação e com os meus problemas de autoimagem. Comecei a ter um melhor relacionamento com minha família, as coisas estavam melhores. Eu ainda me lamentava por ter “perdido” o meu oitavo e nono anos por conta da pandemia, mas estava superanimada para o início do Ensino Médio.

### **Ensino Médio**

Em 2022, no primeiro ano do Ensino Médio, um novo ciclo se iniciava na minha vida. Foi um ano de momentos absurdamente conturbados. Minha casa estava em reforma, então nos mudamos para uma quitinete que não ficava muito distante da minha casa. Passei quase o ano todo vendendo brigadeiros para conseguir ajudar

na obra da casa; apesar disso, consegui ter um envolvimento escolar e acadêmico muito legal.

Por volta de junho, lembro-me da minha professora de Direito, Carol Miranda, e meu professor de Música, Micael, entrarem na minha sala (1º ano C, Técnico em Administração) anunciando o projeto “Novos Caminhos”, sobre justiça social, envolvendo debates que iriam acontecer, às quintas-feiras, no contraturno. No primeiro momento em que eles falaram sobre isso, meus olhos se encheram de brilho e eu logo me inscrevi para o processo seletivo.

Para a minha felicidade, fui aprovada e eu não poderia ser mais feliz por isso! Eu amava todas as aulas, todos os materiais que nos eram enviados e todos os debates que aconteciam lá também. Em novembro de 2022, fiz minha primeira viagem pelo Colun: todos nós, do “Novos Caminhos”, visitamos o quilombo de Itamatuiua, foi uma experiência incrível, eu estava com os meus melhores amigos, Lyan e Leandra, visitando um lugar que tinha uma cultura bem diferente da nossa. Foram três dias de muita diversão e aprendizado. Ainda em novembro de 2022, durante a Copa, também por conta do “Novos Caminhos”, fui selecionada para participar do XI SICEA (Seminário de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação), que aconteceu em Rio Branco, no Acre. Até hoje não consigo descrever a felicidade que foi viajar para lá e dar aos meus pais o sentimento de que, apesar de tudo pelo que passamos, a vida dos filhos deles estava muito boa e eles conseguiram nos proporcio-

nar uma ótima educação. Em Rio Branco foi muito divertido, eu não estava com meus amigos, mas consegui conhecer novas pessoas da escola com as quais nunca tinha conversado antes! Assistíamos a diversos jogos do Brasil juntos e sempre fazíamos “bolão” para adivinhar o placar, mas, para o meu azar, nunca ganhei nenhum.

O ano de 2023 começou de forma muito leve e tranquila, no entanto um sentimento de “eu estou fazendo pouco” me assombrava bastante. Procurei fazer parte do máximo de atividades escolares que estavam ao meu alcance e, em maio, tomei posse como vice-presidente do Grêmio Estudantil Minerva. Eu estava muito feliz e cheia de esperança para começar a realizar atividades para os estudantes na escola. Apesar de estar cheia de boa vontade, não tinha ideia de como o processo de buscar instalar algum projeto na escola acontecia, então, sempre que alguma atividade era barrada, eu ficava muito desanimada e me sentindo impotente por não conseguir fazer mais pelo colunenses.

Comecei também a fazer parte de três projetos PIBIC, Ensino Médio; sou bolsista em um deles. Os três projetos são em áreas bem diferentes, mas em alguns momentos se encontram. O primeiro é de Educação Física, com o professor Higor Gusmão, atualmente ex-professor do Colégio Universitário, ele é meu orientador. Embarcou comigo na aventura que é fazer buscas por documentos antigos. Nós estamos no processo de efetuar toda a linha do tempo das primeiras OLIMCOLUN (Olimpíadas do Colégio Universitário), que visam

democratizar o acesso ao esporte e fazer a relação entre o esporte e o ensino de Educação Física.

O segundo projeto é de Direito, orientado pela professora Carol Miranda, mulher que admiro muito e sempre me inspirou. Com o acompanhamento e a orientação dela, analiso o conceito de publicidade comercial e o modo com que os princípios de proteção do direito do consumidor são acionados e operacionalizados perante a publicidade comercial, assim como analiso decisões judiciais envolvendo órgãos de defesa dos consumidores.

O terceiro projeto se chama “Uso de narrativas ficcionais como recurso pedagógico para o ensino de história”. Nele, dedico-me a avaliar a obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, e a representação das heranças culturais africanas, afro-brasileiras e indígenas apresentadas na trama narrativa. A partir dessa análise, com o apoio de meu orientador, Raimundo Inácio, professor de História do Colégio Universitário, propomos formas de incorporação desse recurso no currículo de História para a Educação Básica, através de planos de aula que tragam o romance em tela como um dos recursos didáticos.

Em 2023 também tive a oportunidade de conhecer Belém - Pará, e, novamente, graças ao Colun. Apresentei comunicação oral no XII SICEA, foi uma experiência singular! Eu estava com os meus melhores amigos em outro estado, provando novas comidas, conhecendo uma nova cultura e colhendo os frutos que a educação estava nos proporcionando. Belém tem um lugar muito especial no meu coração por conta de todas as

memórias que fiz lá, com meus amigos, orientadores e professores.

### Terceirão

Em 2024, chego então ao meu tão ansiado “terceirão”. Vendo toda a minha trajetória no Colun, só consigo pensar no quanto o tempo passa rápido e no quanto vou sentir saudades dos oito anos que vivi nessa escola. O Colun me proporcionou momentos – bons e ruins – que tenho certeza de que nenhuma outra escola iria me proporcionar. É engraçado pensar que, em alguns momentos da minha vida, passei mais tempo na escola do que em casa; o sentimento, ao pensar nisso, é de total felicidade e alegria.

Iniciei esse ano querendo fazer Medicina na Universidade Federal do Maranhão, mas eu sei que meu coração bate mais forte pelo Direito. Por mais irônico – ou não – que pareça, irei fazer Direito na Universidade Federal de Pernambuco, em 2025. Sinto que minha história nesse estado ainda não está completa e que vou viver lindas coisas lá!

Sou eternamente grata a todos os professores que me inspiraram todos os dias, durante esses oito anos em que estive no Colun, por mais que eles, talvez, nem saibam disso. Agradeço por ter sido aluna de Ana Caroline Pires Miranda, Raimundo Inácio Souza Araújo, Daniele Bahury, Ângelo Mendonça e Maria do Socorro. Toda vez que penso nessas pessoas, vejo o quanto a educação é transformadora e o quanto a luta por uma educação pública de qualidade nunca pode morrer.



**TERCEIRA  
PARTE**

**Relatos  
docentes  
(UFMA e  
UFPA)**

## **Raimundo Inácio Souza Araújo (UFMA)**

É UMA TAREFA DIFÍCIL PARA UM HISTORIADOR ESTA QUE me proponho a cumprir, a de narrar a própria trajetória pessoal e acadêmica. O tempo humano, como se sabe, é a matéria do ofício do profissional de História e, por essa razão, há que se ter cuidado no momento de refletir sobre esse tempo e produzir narrativamente seu próprio passado. O historiador, mais do que qualquer outro, espera que sua escrita seja fiel aos princípios e aos procedimentos da oficina historiográfica, pois ele olha para o tempo como o músico interage com uma melodia; como um químico analisa as substâncias.

Nesse sentido, não gostaria de escrever a partir de uma narrativa centrada apenas em mim mesmo, nas minhas escolhas, ou na ideia – sempre sedutora – de que a função de servidor da Universidade Federal do Maranhão já estivesse gravada em mim, desde sempre, quase que marcada em meu DNA. Para a historiografia, não existe vontade individual desligada de um contexto mais amplo e, em tudo o que acontece, há uma boa dose

de acidente e imprevisibilidade, inclusive nas trajetórias de vida.

Gostaria de adotar como norte aquilo que foi afirmado pelo grande intelectual alemão Karl Marx, segundo quem “os homens fazem a história, mas segundo condições que não são de sua escolha e que precedem a atuação desses mesmos homens”. Essa frase demarca a proposição de uma margem limitada de arbítrio para os sujeitos históricos, na medida em que inúmeras variáveis, tais como a origem familiar, a instituição escolar, a classe social, o pertencimento religioso, por exemplo, serão condições de possibilidade para muitas das chamadas “escolhas” futuras e, sobre essas variáveis, os assim chamados “protagonistas” não têm grau de controle algum, pelo menos até avançada idade.

Ao mesmo tempo, é impossível falar de si sem estar envolvido por uma perspectiva muito própria, marcada de subjetividade. Durante muito tempo se pediu aos profissionais da memória que apresentassem com imparcialidade e distanciamento os eventos a que se dedicavam, tal como do químico ou do físico se espera objetividade e neutralidade em relação a seus experimentos de laboratório. Felizmente, a concepção de cientificidade em História avançou muito desde o século XIX, quando nasceu a cátedra de História como disciplina universitária, e, contemporaneamente, apesar de não possuir uma epistemologia idêntica à das chamadas “ciências duras”, a escrita da História é regida por regras de ofício próprias, ainda que não menos exigentes, mas específi-

cas a um tipo de cientificidade que se detém sobre a trajetória da humanidade no tempo e que, portanto, não pode ter, em relação a essa matéria-prima, uma atitude de desligamento ou de desinteresse. Ao narrar as expectativas e as agruras de um determinado contexto, é de si mesmo que fala o historiador, visto que o conhecimento apresentado só faz sentido à medida que confere princípios de orientação para seus leitores e leitoras.

Espero que este texto encontre um caminho do meio entre esses dois pilares: as regras da objetividade limitada da historiografia e, ao mesmo tempo, a personalidade do relato, oriundo daquele que vivenciou esses acontecimentos e que tem sobre eles uma visão bastante limitada, por sua proximidade emocional com os eventos.

Sou filho de migrantes da zona rural pinheirense, que se dirigiam para as proximidades da sede municipal em busca de melhores condições de vida. Para o meu pai, filho de trabalhadores rurais, isso significava entrar em contato com oportunidades de trabalho diferenciadas da agricultura de subsistência e da pecuária extensiva, possibilidades essas abertas pelo crescimento urbano do município; por sua vez, para minha mãe, também filha de lavradores, a sede municipal poderia significar o acesso à educação formal, outra possível porta de saída para as condições de vida dignas, mas humildes, que sua família pôde lhe proporcionar.

Com o enfraquecimento das formas tradicionais de produção agrícola na zona rural, cabia buscar alternati-

vas. Meu pai deixou as terras da família para se tornar “magarefe”<sup>1</sup>, trabalhando no mercado municipal. Minha mãe, por outro lado, na esteira do que via fazer há décadas sua tia e mãe de criação, investia seu tempo na educação escolar. Uma brecha abria-se para essa estratégia, a partir dos esforços empreendidos por uma instituição de natureza eclesiástica.

Isso porque o cenário de conflitos e pobreza era enfrentado pelas realizações da prelazia de Pinheiro, a cargo da ordem religiosa dos Missionários do Sagrado Coração (MSC). Criada em 1946, ela foi responsável por fundar hospitais, maternidades e escolas em diferentes municípios da Baixada Maranhense. Minha mãe pôde cursar o então 2º Grau graças a uma bolsa de estudos concedida pela prelazia a crianças carentes em sua principal instituição, o chamado Colégio Pinheirense. Para isso, precisava caminhar diariamente 4 km até a escola, contando com a benevolência de benfeitores, que lhe garantiam a refeição diária ao final das aulas, antes do retorno para casa, no final da tarde, quando fazia o trajeto de volta para casa. Foi graças a essa proximidade que ela pôde concluir sua formação básica e assumir a função de professora normalista, a convite de um dos padres da congregação dos MSC<sup>2</sup>.

- 
- 1 Trabalhador ligado ao abate de gado; açougueiro.
  - 2 Consta que não era o que ela desejava. Por sua vontade, teria se tornado freira e partido para o Sudeste, mas a congregação pretendida recusou sua entrada, levando em consideração sua pouca idade. A História, como se vê, é cheia de imprevistos.

Como professora ligada aos padres, as possibilidades de trabalho aumentavam. Minha mãe tornou-se professora e, posteriormente, diretora de escola. Para garantir melhores condições de vida não apenas para sua família nuclear, mas também para sua família original, extensa, que englobava inúmeros primos, tios e afilhados, que continuavam a residir na casa de sua tia Estela, trabalhava em três turnos e sua ausência em casa era constante. Ainda assim, os assuntos de escola, tais como matrículas, deslocamentos, prestação de contas e merenda escolar, estavam sempre presentes em nosso cotidiano, assim como os livros, muitos livros.

Foi nesse ambiente que eu cresci e, na década de 1980, vivenciei meus primeiros anos escolares. Meu pai saía de madrugada para o matadouro e, de lá, seguia para o mercado municipal, onde comercializava carne bovina e bubalina. Ao retornar, almoçava conosco e depois precisava descansar (nós éramos alertados para não fazer barulho e, assim, garantir o sono de que ele necessitava). Após isso, ele saía novamente, desta vez para vistoriar o gado que seria abatido no dia seguinte. Minha mãe saía cedo para a escola, onde ficava às vezes durante todo o dia. Em casa, éramos seis crianças, cuidadas por nossa irmã mais velha, Lucília, e por nossa prima Diza, auxiliadas por primos e primas que também vinham à cidade em busca de estudo e trabalho.

Nunca fui diagnosticado com algum tipo de alergia, mas me lembro, de forma nítida, como o adoecimento era comum para mim. A forma como minha mãe

nomeava esses episódios também é uma palavra muito familiar: “puxamento”. Depois passei a chamar de “asma”. Essa falta de ar e o cansaço eram frequentes, e nós os associávamos a poeira, sol, chuva... Hoje, após 40 anos e duas filhas com intolerância à lactose, penso retrospectivamente que, possivelmente, esses acontecimentos estivessem relacionados à alimentação. Mas o fato é que essas situações muitas vezes me privavam de fazer coisas que eram julgadas como possíveis gatilhos para novas crises: pegar sol, correr na rua, brincar na chuva, “pegar sereno” (ficar ao ar livre à noite), coisas que a maioria das crianças costumava fazer rotineiramente.

Restavam duas opções: assistir TV aberta, nos horários limitados em que havia programação atrativa para uma criança/adolescente, ou ler os livros que minha mãe trazia da escola e que estavam espalhados pela casa, especialmente os livros de Monteiro Lobato. Penso que o hábito de leitura, talvez aquilo que entendo como o que mais me define hoje e há muito tempo, teve essa origem nada transcendental. Se estivéssemos em 2026, com os recursos que crianças e jovens têm hoje à sua disposição, certamente a história poderia ser radicalmente diferente.

Como professora do Colégio Pinheirense, nossa mãe ganhava bolsas e/ou descontos na mensalidade, o que lhe permitia colocar seus filhos naquela que era a instituição mais estruturada na Educação Básica do município, chefiada pelos religiosos do Sagrado Coração de

Jesus. Entretanto, cursei os primeiros anos do Ensino Fundamental em uma escola pública, o Colégio Dr. Pedro Lobato, a uma quadra de distância de nossa casa, diferentemente do que ocorreu com minhas irmãs mais velhas, que estudaram no Colégio Pinheirense. Minha mãe, sempre muito cuidadosa, não queria que eu fizesse o deslocamento a pé, no sol quente (pouco mais de 1 km, mais ou menos 20 minutos de caminhada). Só anos mais tarde, na 4ª série, pude acompanhar minhas irmãs no trajeto até o mais tradicional colégio local, até o fim de nosso Ensino Médio.

É importante lembrar que as condições da educação pública no município de Pinheiro colocavam à disposição dos pobres e remediados uma formação recheada de percalços. A estrutura das escolas era precária e a formação dos professores ainda estava longe da educação superior especializada que vem sendo implementada, de forma obrigatória, nas duas últimas décadas. Por essa razão, pautava-se, antes de tudo, nos fundamentos de uma educação cívica, rescaldo ainda do período ditatorial recém-superado, e nos procedimentos de reforço à autoridade (do professor, diretor, inspetor). Estar na escola era sobretudo aprender a comportar-se e a obedecer.

Ser aluno do Colégio Pinheirense, em razão de nossa mãe ser professora da instituição, abria a possibilidade de entrar em contato com uma senda diferente daquela que era trilhada pelos estudantes da escola pública convencional. Muitos dos professores eram missionários. Era comum termos aulas com os padres da congrega-

gação, em diferentes disciplinas. Na maioria das vezes eram os únicos a ter formação superior na cidade. Em outras disciplinas, atuavam como professores seus pupilos mais destacados, convidados a seguir a carreira da docência na instituição, fiéis aos princípios de educação professados pelos religiosos<sup>3</sup>.

Por outro lado, sem deixar de reconhecer a importância da obra social dos missionários do Sagrado Coração de Jesus, é importante não idealizar a formação por eles oferecida. O Colégio Pinheirense também estava envolvido no clima de reforço à autoridade e de proposta de educação cívica pós-ditadura militar, tal como as instituições públicas, e talvez até de forma mais orgânica. Diariamente, havia filas indianas na quadra da escola, onde se faziam orações católicas, cantava-se o hino nacional e o hino da cidade antes do início das aulas. Mas havia também aspectos diferenciais, muitas vezes ausentes nas instituições públicas naquele momento (e infelizmente até hoje): o Colégio Pinheirense oferecia continuidade do ciclo de formação na mesma instituição (ensino Fundamental e Médio); permanência de um quadro relativamente estável de docentes; e rotina minimamente estruturada, com baixo índice de ausência de docentes no cotidiano. Elementos básicos,

---

3 Um deles foi meu primo/irmão Paulo César Sousa Rubim, professor de Educação Artística da instituição durante muitos anos. Foi sempre um professor muito dedicado, responsável e gentil, uma referência para muitas gerações de estudantes do Colégio Pinheirense e também para mim.

sim, mas que são base para a mágica do aprendizado e capazes de minimizar situações pontuais negativas que ocorrem em todas as escolas. Pode perceber essa estrutura, anos depois, como uma das marcas que diferenciam as Escolas de Aplicação, unidades acadêmicas das Universidades que ofertam Educação Básica, bem como os Institutos Federais. Espero que o Estado brasileiro compreenda, o mais rápido possível, a necessidade de ampliar esse modelo para atender a todas as crianças, jovens e adolescentes do Brasil.

Essa situação estrutural, no entanto, não é responsável pela explicação de todos os eventos. Estruturas e atuações individuais dialogam, mas não são absolutas ou determinantes, de um lado ou de outro. Quero dizer que os mesmos estímulos afetam, de maneira diferencial, os sujeitos, que respondem a esses inputs, a partir de seus próprios repertórios, historicamente estruturados. Bourdieu cunhou o conceito de *habitus* para descrever a forma como os sujeitos aderem ou rejeitam elementos de seu ambiente. Nesse particular, lembro-me de que a reação que eu tinha em relação à escola era um pouco diferente daquela que observava nos meus colegas de turma: para eles, a escola muitas vezes era um estorvo que precisava ser suportado; eu, de outro lado, me sentia animado e estimulado, especialmente em algumas disciplinas pelas quais tinha maior interesse, como Física, Matemática e Geografia (História não era uma das minhas preferidas). Por isso, vislumbrava o fim da manhã de sexta-feira às vezes com um certo senso de

vazio e de expectativa pelo retorno às aulas, após o final de semana (acredito que, em parte, pelo que relatei sobre meu cotidiano em casa). Meus colegas falavam com ansiedade sobre o fim do Ensino Médio e prometiam rituais de alegria extrema por não precisarem voltar nunca mais para aquele lugar; eu me perguntava como seria não ter que estar no Colégio Pinheirense e como ocuparia meus dias ao final do chamado 2º Grau.

No final da década de 1990, não havia oferta plena de educação superior na região da Baixada Maranhense. Por isso, seguir nos estudos significava, necessariamente, mudar-se para São Luís, o que requeria não apenas a disposição para estudar, mas também inúmeros gastos, inclusive com a manutenção de uma casa na capital ou algo semelhante. Esse fato era uma barreira para a maioria dos formandos do Ensino Médio, como foi para nossa família também, o que fazia com que a ampla maioria não chegasse aos estudos superiores.

Felizmente, minhas irmãs mais velhas, Maria José e Beatriz, já haviam apontado um caminho possível, ainda que bastante desafiador: contrariando as expectativas de nossa mãe, que nos queria por perto, trabalhando em nossa própria cidade, elas haviam se submetido ao vestibular da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e, tendo sido aprovadas, foram acolhidas pela tia de uma amiga próxima, também na mesma situação. Moravam então no bairro da Vila Palmeira, de onde se deslocavam diariamente para cursar Serviço Social e Educação Artística, respectivamente. Com o passar dos

anos, e se aproximando o fim do meu período no Ensino Médio, nossos pais compreenderam que era inevitável adquirir uma casa em São Luís. Para isso, fizeram grande esforço no intuito de garantir uma moradia digna para nós, recorrendo à ajuda de familiares e aos recursos próprios de que puderam dispor naquele momento, mesmo com inúmeras dificuldades.

Cursei a Licenciatura em História a partir do segundo semestre de 1998. Nossa casa, simples, mas acolhedora, se converteu em uma espécie de “república estudantil”: minhas irmãs e eu juntamente com alguns amigos e amigas de longa data, todos na mesma situação de iniciar os estudos superiores na capital, ou na de preparar-se para o exame vestibular. Passamos a viver na rua José Ribamar Prado, no bairro da Fé em Deus, próximo ao Monte Castelo, de onde nos dirigíamos para nossas atividades cotidianas. Lá fizemos amigos, que muito nos ajudaram a nos acostumar com uma vida longe de nossos pais e amigos que continuavam em Pinheiro. Na impossibilidade de me lembrar de todos, faço menção à minha querida amiga Maria da Guia, nossa vizinha naquele momento.

O curso de História foi muito importante para mim e algumas disciplinas me marcaram profundamente. Lembro-me do marco que foi a disciplina de História da América Portuguesa, com a professora Marize Helena de Campos. Suas estratégias de avaliação eram muito diferenciadas e desafiantes, pois a professora nos convocava a apresentar nossos textos na Rádio Universida-

de ou a promover seminários abertos para a comunidade do Centro de Ciências Humanas, promovendo o que hoje chamamos de Divulgação Pública da Ciência ou, em outros termos, História Pública; o professor Wagner Cabral ministrava, como ministra até hoje, aulas marcadas por um esmero técnico e uma sofisticação que me impressionaram muito; o professor Flávio Soares parecia mergulhar totalmente no conteúdo abordado e nas reflexões dos autores, e isso nos fazia buscar essa mesma imersão. Poderia citar ainda muitos outros exemplos do quanto fui progressivamente me identificando com os estudos históricos.

A disciplina de Antropologia Cultural, com o professor Mantovani, também despertou em mim o desejo de aprender mais, e me aproximei bastante dele, da professora e amiga Antônia Mota e de Kelcilene Rose Silva, minha grande amiga. Através deles, tive acesso ao então seletivo universo da Iniciação Científica no campo das Ciências Humanas. Eram poucos os doutores desses cursos, razão pela qual pouquíssimos colegas tinham a oportunidade de desenvolver pesquisas com apoio institucional. Essa virada para a pesquisa foi fundamental para minha formação e me ajudou a ver a História a partir de outras perspectivas.

Algumas recordações da vivência de uma época são bastante significativas e retornam por vezes à memória. Uma delas foi quando, vivenciando disciplinas extremamente motivadoras e a experiência da Iniciação Científica, caminhando entre o CCH e a biblioteca, me

senti feliz por estar na Universidade, por ter essa oportunidade, algo com que muito me identifiquei. Lembro-me de pensar: “É uma pena que não poderei estar aqui para sempre”. Para mim a Universidade tinha se tornado uma espécie de “Casa do Saber”, onde o maior desafio era estudar, e isso para mim era, acima de tudo, e continua sendo, algo extremamente prazeroso. Mas ingressar na Universidade como servidor era algo que eu não vislumbrava então.

Ao mesmo tempo que fazia o curso, fui selecionado para dar aulas em um projeto de preparação de jovens da comunidade do Itaquí-Bacanga para o exame de seleção com vistas ao ingresso na universidade. O projeto se chamava Vestibular da Cidadania. Foi a minha primeira experiência docente após o início do curso de História. Éramos estudantes próximos da conclusão da licenciatura, ministrando aulas direcionadas para a aprovação no vestibular. O programa era direcionado a pessoas da comunidade local que buscavam apoio em seu processo de preparação para o exame de seleção para a universidade.

Foi uma experiência bastante enriquecedora, visto que o curso de História tinha, naquela época, um acento na pesquisa e na produção científica, e um certo alheamento das questões vinculadas ao ensino. As questões didáticas estavam a cargo de disciplinas ministradas por professores do Departamento de Educação. O ensino de História, via de regra, não era matéria de interesse como linha de pesquisa e reflexão no campo

de formação do historiador, salvo iniciativas pontuais deste ou daquele docente.

Ao fim do curso de licenciatura, prestei seletivo para supervisor do Programa Vamos Ler, de alfabetização, criado pelo governo José Reinaldo Tavares. Foi outro momento bastante rico na minha trajetória profissional. Como supervisor, eu precisava me deslocar até os diferentes polos de execução do programa, dialogando com professores e estudantes e buscando estratégias para a viabilização e a consolidação das turmas, formadas, majoritariamente, por pessoas de meia-idade, idosos e aposentados. Muitos deles trabalhavam durante o dia e frequentavam as aulas à noite, mas, com o decorrer do tempo, acabavam desistindo do curso.

Os momentos de deslocamento até os polos foram uma oportunidade ímpar de conhecer a estrutura das escolas vinculadas à Secretaria de Educação Estadual; as precariedades de funcionamento de muitas das instituições escolares ligadas ao projeto; e de dialogar, de forma construtiva e propositiva, com os colegas que estavam na linha de frente daquela iniciativa. Esse diálogo se dava também por meio de formações, ministradas periodicamente pelos supervisores a todo o conjunto dos docentes. Era um ambiente propício às reflexões, ao debate, assim como às críticas, mas certamente uma grande oportunidade de aprendizado para todos nós envolvidos naquela iniciativa.

Nesse ínterim, foram afixados, nos corredores do Centro de Ciências Humanas (CCH), os cartazes de divul-

gação da seleção para um novo mestrado, em Ciências Sociais, capitaneado pelos professores Sérgio Ferretti e Elizabeth Coelho. Era o ano de 2002. Muitos colegas da História se inscreveram no processo seletivo, visto que não havia pós-graduação disponível no Maranhão, tampouco nos estados vizinhos. Nossos professores estavam, naquele momento, cursando suas pós-graduações em Pernambuco, Rio de Janeiro, Campinas e em outras localidades distantes. O resultado, surpreendente, foi que mais da metade dos aprovados para o Mestrado em Ciências Sociais eram oriundos do curso de História, e eu estava entre eles, juntamente com amigos queridos, alguns dos corredores da UFMA e outros que eu conheceria a partir dali: Yuri, Milena, Kleo, Adroaldo, Cristiane, Rosiana, Gabriel, Heitor, Marilande, Arinaldo. Era a hora de navegar por outros percursos docentes e outras leituras. Pedi então minha exoneração do cargo de supervisor para me dedicar exclusivamente ao mestrado.

Ao longo dessa etapa de formação, estreitei laços de proximidade com meu querido orientador, o professor Ferretti, que me acompanhou durante o mestrado e, posteriormente, também durante o doutorado. Por intermédio dele e da professora Mundicarmo, pude explorar uma temática que sempre me interessou de forma tanto pessoal quanto acadêmica: a vivência das religiosidades católicas e afro-brasileiras – aspecto abordado de modo lateral em minha dissertação de mestrado e verticalizado durante o doutoramento, desta vez na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Enquanto finalizava o mestrado, tomei conhecimento da abertura de concurso público para professor da Educação Básica no Colégio Universitário (Colun). Naquele momento, eu pouco sabia sobre essa escola, exceto o fato de que ela estava situada no percurso que fazíamos para chegar à casa de dona Rosa, a senhora que generosamente acolhera minhas irmãs Maria José e Beatriz em sua casa, quando do início da formação superior delas em São Luís, como relatei anteriormente. Mas não imaginei que viria a trabalhar nessa instituição. Em meus sonhos, tencionava estar na UFMA como docente no Departamento de História, e não sabia dessa possibilidade de “ser Universidade” também como professor para crianças, adolescentes e jovens. Após adentrar o Colun, pude compreender que a carreira na Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT) não me afastaria dos estudos “acadêmicos”, muito pelo contrário.

Após finalizar o mestrado, prestei seletivo para professor substituto do Departamento de História e tive a oportunidade de ministrar aulas na graduação, durante um semestre, nessa condição. Foi uma experiência breve, mas muito significativa para mim, por meio da qual pude conviver um pouco mais de perto com meus professores e professoras da graduação. Era o ano de 2005, quando ocorreu o certame para professor de História do Colégio Universitário. Eu havia concluído recentemente o mestrado e me inscrevi no concurso, obtendo a aprovação em 1º lugar. Deixei então a condi-

ção de substituto e fui empossado no Colun, em maio de 2006, sendo recebido na escola de forma muito simpática e acolhedora pelo então diretor, o professor Fernando Garcia.

Diferentemente do que eu pensava, ser professor de 1º e 2º graus (inicialmente) e, após a mudança da carreira, professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica iria me proporcionar progressivamente a vivência ainda mais profunda da diversidade constitutiva do ambiente universitário, possibilitando a integração entre Ensino Fundamental, Médio, Graduação e Pós-graduação.

Trabalhei durante mais de um ano, ainda na sede da Vila Palmeira, com estudantes do Ensino Fundamental. A escola apresentava inúmeros problemas estruturais, com salas deterioradas, sem ventiladores, portas defeituosas. Era ainda o rescaldo das iniciativas de caráter neoliberal que limitaram os recursos destinados às universidades públicas e que atingiram diretamente suas unidades acadêmicas voltadas para a Educação Básica, os chamados Colégios de Aplicação. Esse cenário estava em processo de redefinição, a partir da política de investimentos do primeiro governo Lula, mas ainda de forma tímida em nossa Universidade.

Naquele momento, o acontecimento mais relevante para nós era a progressiva transferência do Colun para o campus do Bacanga, ocupando o prédio construído pelo governo estadual, que se destinava a uma escola de Educação Básica, dentro da Universidade. O coletivo dos professores entendeu que era necessário disputar

esse espaço que, de sua perspectiva, deveria ser destinado ao próprio Colégio Universitário e não a uma escola da rede estadual. Consolidada essa ocupação, a contrapartida definida para a acomodação foi o acolhimento dos estudantes da comunidade do Bacanga, os quais estavam destinados a estudar naquela escola, quando fosse finalmente concluída.

Assim, nas minhas lembranças sobre esse início de vida profissional no Colégio Universitário, foram marcantes as experiências com o 5º ano, no prédio da Vila Palmeira, e com o 3º ano do Ensino Médio, no campus do Bacanga. Na primeira, fiquei impressionado com a vitalidade e a curiosidade daquelas crianças, sempre muito efusivas, barulhentas e, ao mesmo tempo, ávidas por saber mais, cheias de uma energia contagiante. Tenho contato com algumas delas até hoje. No Ensino Médio, por sua vez, sentia uma dificuldade muito grande da parte dos estudantes, em relação ao conteúdo ministrado, e também da minha parte, em perceber as particularidades daquelas turmas, advindas da situação de precariedade das escolas estaduais. Nas salas de aula em que estive, busquei conciliar o ambiente de ensino formal com as iniciativas externas, em parceria com outros colegas, por entender que a formação envolve outros espaços além da sala de aula.

Parece-me que a concepção, expressa por Marx e resgatada aqui anteriormente, de que os sujeitos têm controle limitado sobre a história que protagonizam foi colocada de forma luminosa pelo personagem Riobal-

do, no livro *Grande Sertão: Veredas*, quando afirmou: “A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou”. Os caminhos do imponderável que mencionei, ao longo do texto, me trouxeram a este presente, no momento em que solicito ao Colégio Universitário a progressão para o nível titular da carreira EBTT.

Sinto gratidão pelos caminhos trilhados e pelos acontecimentos que me trouxeram aqui. Como professor da Educação Básica, vinculado à UFMA, tive a oportunidade de observar a formação humana a partir de uma característica muito importante para a Ciência Histórica, condição de todo e qualquer processo de autoconstrução: a temporalidade. Todos nos construímos *no tempo*, característica que pode ficar menos evidente, quando nos concentramos em apenas um segmento ou em um único momento desse caminho formativo, o qual não traz em si mesmo todas as respostas para as aptidões, as resistências e as dificuldades vivenciadas.

Assim, quando interajo com os estudantes do Ensino Fundamental, vejo neles um futuro pós-graduando em construção, a quem quero instigar curiosidade e incentivar; da mesma forma, tento olhar para meus alunos e orientandos do mestrado, com a visão de empatia e conexão humana que os menores estudantes do Colun nos oferecem e nos ensinam todos os dias. Penso, portanto, que a carreira de docente da Educação Básica, Técnica e Tecnológica é uma expressão autêntica da ideia de uni-

versalidade, que está na raiz histórica da formação superior, e sou grato a Deus por ter podido experimentá-la até aqui.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Raimundo I. S.; FERREIRA, Luiz A.; SOUSA, Beatriz de J. Uma viagem pela Pré-História da América: visita técnica interdisciplinar ao Parque Nacional da Serra da Capivara. In: BARROS, Antônio E. A.; TOURINHO JÚNIOR, Washington; CAMELO, Júlia C. *Ensino de História: linguagens, memória e saberes históricos*. Curitiba: CRV, 2020.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MARX, Karl. *O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2006.

# Erinaldo Cavalcanti (UFPA)

## Fragmentos da vida em forma de escrita

ESCREVER SOBRE SI MESMO É TALVEZ UMA DAS MAIS difíceis tarefas na arte da escrita. Quais narrativas e quais representações escolher para pintar um autorretrato em palavras? Como forma de contribuir com essa experiência de escrita da qual resulta o livro, decidi contar um pouco da minha trajetória. Esse contar é incompleto, obviamente, é parcial, limitado, seletivo ao que minha memória guardou e ao que desejo aqui compartilhar. Assim é toda escrita de si.

Seguindo as sugestões apresentadas aos demais autores/as que compõem as escritas dessas narrativas, as minhas estarão relacionadas às experiências afetivas vividas nas escolas, através das quais me transformei, mudei, aprendi, estudei, vivi e das quais também ainda carrego um pouco.

Lembro-me da fila para fazer oração antes de iniciar cada semana de aula: “Pai Nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome...”, começava a professora.

Na fila, nós repetíamos a reza. Depois uma Ave-Maria. A professora começava: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...”. Depois uma Santa Maria: “Santa Maria, mãe de Jesus...”. Toda segunda-feira repetíamos esse ritual. Bom, “ritual” é a palavra que, hoje, uso. Aos 9 anos de idade, talvez nem conhecesse ainda essa palavra. Mas toda segunda-feira, antes de começarem as aulas, fazíamos essas três orações na Escola José Augusto Pinto, localizada na zona rural do município de Terezinha, situado no agreste do estado de Pernambuco.

À época eu gostava muito da escola. Na verdade, passei a gostar depois da segunda série. Na primeira série – primeiro contato com a escola, porque não existia Jardim I, ou creche ou algo parecido –, eu não gostava porque meus colegas me colocavam muitos apelidos agressivos, e a professora nada fazia. Ou eu tinha essa sensação ou desejava muito que ela devia impedir que eles continuassem a me agredir daquela forma. Em dias de aula, eu e minha irmã saíamos de casa para ir à escola, mas muitas vezes, na metade do caminho, ficávamos escondidos em algumas árvores até passar o período correspondente ao turno da tarde. Enquanto isso, ficávamos escrevendo letras tortas nas linhas do caderno, sem formar nenhuma palavra, porque, até aquele momento, ainda não tínhamos aprendido a juntar as letras, a formar as sílabas e a escrever as palavras. Fazíamos isso, porque nossos pais iriam olhar os cadernos para saber se estávamos fazendo os exercícios. Claro que a estratégia não durou muito tempo. A professora perce-

beu nossa ausência e deu um jeito de mandar avisar aos nossos pais. Eles ficaram sem entender o porquê, pois, todos os dias, eu e minha irmã saíamos de casa para a escola. Não explicamos onde ficávamos nem por que fizemos aquilo. Levamos uma pisa de sandália havaiana, que, das pisas que às vezes levávamos, era a mais suave.

No segundo ano, passamos a estudar com uma prima, que já estava cursando a oitava série na escola situada na sede do município. Poucas pessoas à época conseguiam “estudar na rua”, como falávamos. Muitos estudavam apenas até a quarta série, última série oferecida na escola localizada na zona rural. Com ela aprendi a gostar da escola, de estudar, de aprender a escrever, a ler. Depois foi quase sempre uma alegria a escola, mesmo quando a professora, ou a escola, se apresentava como algo chato, pois era muito melhor do que trabalhar na roça. Talvez por isso, inicialmente, aprendi a gostar da escola. As opções eram ou ir para a escola ou ir trabalhar na roça, no sol a pino, limpando mato, preparando a roça. Era extenuante e degradante o trabalho braçal. De fato, eu não gostava. Assim, a escola sempre era a melhor opção, mesmo quando ocorriam momentos de agressões verbais por parte dos colegas. Na terceira e quarta séries também estudei com uma prima. Essa morava mais distante do que a outra e já estava cursando o magistério. Era vista com distinção por isso. Era mais rigorosa. Antes de começar o ano, diziam: “Quem não estudar de fato com ela, fica reprovado. Não tem boquinha”. Mas, àquela altura, o gosto pela escola, pela

leitura e escrita já tinha aumentado. E não tive nenhum problema.

Éramos três irmãos – porque três outros já tinham morrido – e todos trabalhavam na roça, no período em que não estávamos na escola. Da roça, dependíamos da alimentação básica para nossa sobrevivência. Plantávamos geralmente feijão, milho e fava, e, assim, quando as chuvas ocorriam com regularidade, garantíamos a colheita para o ano. Portanto, era necessário que todos os membros da família contribuíssem com essa demanda. Desde os 6 anos de idade, todos nós trabalhávamos na roça. Com as forças que tínhamos, íamos desempenhando as funções que eram viáveis. À época da plantação, meu pai, minha mãe e meu irmão mais velho iam cavando a cova para semear o feijão, o milho e a fava. Eu e minha irmã íamos atrás, plantando, colocando a quantidade de grãos nas covas abertas e cobrindo-as com terra, movimento que fazíamos arrastando a terra com os pés. À medida que íamos crescendo e o corpo ia aguentando outras demandas, íamos limpando a roça. Depois também ajudávamos na derrubada da mata, atividade ainda mais árdua, no preparo da broca, na queimada do mato. Mas, em todas essas etapas, em um dos períodos estávamos sempre liberados para ir estudar.

Assim, estudar era sempre melhor do que a roça. Estar na escola era também sensação de alívio. Naquela escola tive muitos momentos de prazer. Quando recebíamos os materiais escolares, eram dias de alegria. Minha família quase nunca tinha condições de

comprar os materiais, como cadernos, livros, canetas, borracha; lápis de pintar era um artigo de luxo. Então, quando esses materiais chegavam à escola e eram entregues, era uma sensação quase indescritível. Sentir o cheiro dos livros novos, dos cadernos novos provocava uma sensação muito boa. Receber uma caixa de lápis de pintar para as aulas de desenho era uma alegria imensa. Eu me sentava na primeira cadeira da segunda fila. Ainda me lembro de estar me levantando, após a professora autorizar, e sair correndo para pegar os materiais, que estavam sendo entregues na sala ao lado, em um dos dias de entrega.

Lembro também como eram maravilhosos os dias em que tinha merenda na escola. Ali podia comer algo muito mais saboroso do que a comida que geralmente tinha no dia a dia em casa: quase sempre, feijão e farinha; às vezes tinha arroz, às vezes tinha ovo, às vezes sardinha, às vezes carne. Mas houve momentos muito longos sem esses ingredientes. Portanto, a merenda da escola era muito saborosa. Eu amava o macarrão com sardinha. Eu amava o risoto. Só na escola eu podia comer algo tão gostoso. A merendeira, dona Maria de Dedé, uma pessoa incrível, meiga, carinhosa, que parecia ter poderes mágicos nas mãos. A merenda que ela fazia era muito saborosa. E quase sempre podíamos repetir. Dava um pouco de vergonha. Mas eu repetia quase sempre, e dona Maria de Dedé, constantemente, muito afetuosa. Houve um momento em que meu pai e minha mãe ficaram doentes, e a comida em casa ficou ainda

mais escassa. Nesse período, dona Maria de Dedé guardava um pouco da merenda, todos os dias, para que eu levasse para comer em casa com os demais membros da família. Eu sentia muita vergonha de sair da escola com o recipiente na mão, com a porção de merenda. Mas a necessidade era maior e mais forte. A vergonha ficava de lado, mesmo que ela provocasse quase que uma arritmia cardíaca, com o coração a tempo de sair pela boca. Aquelas experiências deixaram na memória marcas que o tempo não apaga.

Naquela escola eu estudei da primeira à quarta série. Ali aprendi a decodificar o mundo pelos signos das palavras escritas. Como falamos no cotidiano, ali me alfabetizei. Como aprendi a gostar da escola (talvez porque não tivesse muitas opções), eu estudava os conteúdos das matérias também à noite quando chegava em casa. Como não havia ainda energia elétrica no sítio onde eu morava, às vezes era preciso interromper os estudos para não gastar o gás do candeeiro, que era pouco, e não tinha dinheiro para comprar mais, caso acabasse durante o mês. Meu pai fazia esse controle e não permitia que se passasse muito tempo com o candeeiro aceso. No entanto, eu ia estudando, revisando sempre e, de alguma maneira, ia garantindo notas sempre altas nas avaliações: geralmente acima de 8.

Quando estava próximo de a quarta série encerrar, eu não sabia se iria continuar os estudos. Para continuar, precisaria ir estudar na rua. Era longe. Tínhamos que caminhar, todos os dias, por uma hora para ir, ou-

tra para voltar. Precisava ter o fardamento: ao menos a camisa da escola, além de calça jeans; sapato não era obrigatório. Precisava ter cadernos para as matérias, as quais, a partir da quinta série, duplicavam de quantidade. Eu não tinha nada disso, nem meus pais tinham dinheiro para comprar, principalmente porque, nesse momento, o quadro de saúde deles continuava dificultando ainda mais a situação, que já não era nada boa.

Por algum motivo, as eleições municipais, naquele ano, iriam ocorrer já próximo do final do ano. Em um domingo de feira, na sede do município, em um dos poucos domingos em que fui à feira com meu pai, um dos candidatos a prefeito estava fazendo campanha. A campanha consistia, na maioria das vezes, em dar algum tipo de ajuda aos eleitores. Sacos de cimento, tijolos, telhas, enxadas, e tantos outros itens de necessidade da vida das pessoas ali. Esse candidato – que, se não me falha a memória, chamava-se Ataíde – estava na entrada de um mercadinho, cujo dono era amigo e apoiador dele. Enquanto meu pai falava com ele e pedia também algum tipo de ajuda, eu, com muita vergonha, sem pedir permissão a meu pai, peguei no braço do então candidato e perguntei se ele me daria um presente. Ele achou que era uma bola ou um carro de plástico para brincar e disse que “sim”; falou também algo como: “O que você quer? Uma bola ou um carrinho para brincar?”. Eu disse que queria um caderno. Ele ficou surpreso e sinalizou para o dono do mercadinho que me deixasse escolher um caderno e que anotasse entre os

itens que ele estava distribuindo ali, naquela manhã. Eu fui. Escolhi o caderno maior que tinha. Com 20 matérias, capa dura, a coisa mais linda que meus olhos puderam ver. Sempre tinha muita vontade de ter um caderno capa dura e com muitas matérias. As condições não permitiam nem que eu comprasse um caderno simples, sem capa dura.

Com aquele caderno foi como se, em alguma medida, eu tivesse a justificativa para continuar os estudos no ano seguinte, na escola situada na sede do município. As outras necessidades para a continuação dos estudos iam sendo enfrentadas. Assim foi. Apesar de alguma resistência, nos meses seguintes, por parte de minha mãe, ela foi fazer minha matrícula na secretaria da escola, no período definido. Quando entramos na escola, parecia outro mundo. Era imensa. Na escola do sítio tinha apenas três salas: duas funcionavam como salas de aula, e a outra, no meio entre as duas, funcionava como cantina, que era dividida ao meio por uma parede; ali eram guardados os materiais. Mas a Escola Monsenhor Alfredo Dâmaso era imensa. Havia várias salas. Muitas; mais de dez. Matrícula feita. Comecei a estudar o chamado Primeiro Grau (depois passou a ser chamado Ensino Fundamental).

Pela manhã acordávamos muito cedo, “junto com as galinhas”, como se dizia por lá, ou seja, acordávamos bem cedinho, para ir até a roça. Tomávamos uma xícara de café com um pouco de farinha seca ou um pedaço de beiju, ou alguma bolacha, quando tinha. Geralmente

eu trabalhava até as 11h. Depois voltava para casa com um feixe de lenha na cabeça. Tomava banho. Comia. Trocava de roupa. Pegava o caderno e os livros e ia para a escola. O trajeto durava um pouco mais de uma hora de deslocamento. Essa era a rotina dos dias da semana durante os quatro anos do Primeiro Grau. Eu e mais um grupo de colegas saíamos do sítio Guaribas, onde morávamos, e íamos até a sede, Terezinha, onde estava a escola. Com o material escolar nas mãos, andávamos um percurso de aproximadamente cinco quilômetros na ida e cinco na volta. Todos os dias. A pé.

Naquela escola, tive excelentes professoras e professores. Fiz ótimos amigos e amigas. Estudei, também lá, o Segundo Grau. À época estava ocorrendo mudança com a implantação do Científico como modalidade de ensino, assim, era possível escolher entre cursar Magistério ou Científico. A maioria dos colegas optou pelo Científico. A professora de Português, Dinalci Tenório, e uma das professoras de História, Maria José (mas só a chamávamos de Lilita), foram pessoas que me marcaram muito. Excelentes professoras. Apreendi muito com elas. Hoje somos amigos. Com Dinalci li o primeiro livro completo. Uma experiência incrível: *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, para um trabalho de literatura. A televisão que tínhamos em casa, em preto e branco, deu defeito e não tínhamos como consertar. Com isso, a única coisa que eu tinha a fazer, quando voltava da escola, era ler o livro em caráter obrigatório para o trabalho da escola. Comecei a gostar do livro, da

história, dos personagens. Acho que naquela experiência talvez estivesse sendo plantada a semente pelo gosto da leitura.

Até o segundo ano do Científico, não tenho memórias de ter ouvido falar sobre o que era vestibular. No terceiro ano, algumas vezes se mencionava “fazer vestibular”. Mas era algo tão distante, quase impossível de se aproximar, menos ainda de fazer vestibular. Mas, à medida que eu ia concluindo o Científico, aquele universo de fazer vestibular se apresentou de longe como uma possibilidade, embora quase impossível de se concretizar. Nesse período a vida me aproximou de uma pessoa que ocupou também o lugar de afeto, semelhante àquela que as mães ocupam. Dona Fátima, esposa de um pequeno fazendeiro, passou a morar em uma fazenda que ficava perto do sítio onde morávamos; em virtude da morte do esposo, ela assumiu a gerência da fazenda. Ela era (e continua sendo) uma defensora da educação. Professora de Geografia, lutava e defendia que seus filhos deveriam estudar e cursar uma faculdade, diferentemente, às vezes, do que pensava seu esposo – segundo ela –, que havia falecido de infarto. Com os afetos que íamos construindo, ela passou a me incentivar e apoiar dizendo que eu também poderia e deveria tentar fazer vestibular. Foi, a partir da convivência com ela, que o “mundo do vestibular” começava a se apresentar como algo tangível.

Terminei o Científico. Entendia que não tinha me preparado o suficiente para fazer o vestibular. Deci-

di que no ano seguinte iria me preparar e fazer. A opção era escolher entre uma das licenciaturas que eram oferecidas na Universidade de Pernambuco, campus Garanhuns, por ser pública e a mais próxima. Passei a estudar, no mínimo, quatro horas por dia, todos os dias. Também comecei a fazer um cursinho preparatório para o vestibular, oferecido pela Universidade de Pernambuco aos estudantes de baixa renda, chamado à época de Prevupe, com as aulas acontecendo aos sábados e domingos.

Quando comecei a cursar o Prevupe, tive aulas de História com o professor João (só me lembro do primeiro nome). As dúvidas sobre qual das áreas escolher se dissiparam. Ele era excelente. Suas aulas, inspiradoras. Suas reflexões me encantavam. Estava decidido. Eu iria prestar vestibular para História.

Contudo, fazer vestibular era quase um ato subversivo para aquelas condições. Meu pai tinha falecido, um ano antes de eu concluir o Segundo Grau, em razão do agravamento do quadro de saúde. Mais três irmãos tinham nascido. Agora éramos seis. Minha irmã e meu irmão (mais velhos) estavam morando em São Paulo. Tinham ido tentar alguma possibilidade de melhoria de vida. Meu irmão conseguiu um trabalho, cortando cana em uma usina, na cidade de Ribeirão Preto. Com o dinheiro que ganhava, também ajudava na sobrevivência da família, pois estávamos passando por muitas dificuldades financeiras. Minha irmã encontrou um companheiro e foi morar com ele.

Depois de muita luta conseguimos um benefício, concedido pelo INSS, para nossa família. Consistia em um salário mínimo, decorrente da morte do nosso pai, uma vez que ele deixou filhos pequenos, ou de “menor de idade”, como dizíamos. Com esse benefício, garantíamos as necessidades básicas da família, principalmente no que tangia à alimentação. Também com ele, foi possível mudarmos para a sede do município, visto que não dependeríamos mais da roça para nos alimentarmos, e, assim, ficou menos desafiador estudar, uma vez que Garanhuns, cidade onde eu estava fazendo o cursinho, era longe de Terezinha. Permanecer morando no sítio era inviável para conciliar com os estudos.

Nesse período fiz seleção para dar aula no Programa Alfabetização Solidária, voltado à alfabetização de jovens e adultos. Comecei a docência, antes mesmo de prestar o vestibular. Ganhava 120 reais por mês, o que fazia uma grande diferença. Minha rotina tinha mudado bastante, pois já não estava mais trabalhando na roça, e isso fazia uma grande diferença. Estudava em casa durante o dia, dava aula à noite e, nos fins de semana, estudava no Prevupe.

Essa foi a rotina do ano seguinte à conclusão do Científico. Fiz vestibular. Passei em décimo lugar para o curso de História. Comecei o curso. A prefeitura do município de Terezinha disponibilizava um ônibus, à noite, para levar e trazer os estudantes que estavam cursando faculdade em Garanhuns, com isso não precisávamos pagar passagens. Na faculdade, a cada aula,

a cada disciplina era como se um universo novo se descortinasse. As discussões com os professores/as sobre os livros eram fascinantes. Recordo-me, por exemplo, dos debates promovidos a partir do livro *a História da Riqueza do Homem*, de Leo Huberman. Providenciei uma xérox, depois comprei o livro. Dividi em 3 vezes. Havia um senhor que vendia livros para os estudantes e dividia os valores. Ele tinha uma caderneta de anotações com os pedidos, os valores e as parcelas. Esse foi o primeiro livro que eu comprei. Também me lembro das leituras e discussões a partir do *História das Sociedades*, de Rubim Santos Leão de Aquino, nas disciplinas ministradas pelo professor Josualdo, sempre visto como “temido”, por ser muito exigente. Identifiquei-me com o curso de uma maneira que eu não imaginaria. Os semestres avançavam, e as discussões continuavam instigantes. Na maioria das disciplinas tivemos excelentes momentos de debates. Lembro-me também da disciplina Brasil I, ministrada pelo professor Márcio Rosseline, com extraordinárias reflexões a partir da leitura dos livros *Casa-Grande e Senzala*, *Raízes do Brasil* e *Formação Econômica do Brasil*. Lembro-me ainda das disciplinas Brasil II e Brasil III, com a professora Giseuda, conhecedora incrível da historiografia daquelas temáticas. No geral, apenas umas duas disciplinas não foram legais: uma da Pedagogia e outra da Psicologia. As professoras responsáveis eram muito ruins. Mas também tive uma excelente professora, responsável por outra disciplina vinculada à área da Educação, a professora Márcia, de

cujo sobrenome não me lembro. Bons debates, boas leituras tivemos.

Lembro-me muito bem da chegada da professora Magdalena Almeida, quando eu estava cursando o sexto período. Com vasta experiência em pesquisa, ela apresentava ventos novos ao curso, principalmente no âmbito da pesquisa. Aproximamo-nos, tornamo-nos amigos depois. A partir do sétimo período, eu já estava começando a pensar que era possível fazer uma pesquisa para uma pós-graduação. Os diálogos e afetos construídos com Magdalena foram muito importantes. Com ela aprendi muito. Lembro-me da primeira versão de um esboço de proposta de projeto, já no final do curso. O objetivo era começar a lapidar uma proposta de pesquisa para um mestrado. Fui até a casa dela, em Garanhuns. Ela tinha lido a proposta e feito tantas observações às margens das páginas, que não tinha mais espaço livre para inserir nada; uma letra não cabia mais, tanto que outras observações estavam no verso das páginas. Tomei um susto. Fiquei com medo e tremendo quando vi. Mas ela foi explicando e mostrando o porquê de cada observação/crítica; apesar do tremor no coração, ia fazendo sentido o que ela estava apontando.

Quando terminou o Programa Alfabetização Solidária, consegui um contrato com a prefeitura do município de Terezinha e passei um ano dando aulas para crianças da primeira série na Escola José Augusto Pinto. Passei a alfabetizar crianças, na mesma escola onde fui alfabetizado. No ano seguinte consegui um contra-

to com o Estado e passei a dar aulas de História e Geografia na Escola Monsenhor Alfredo Dâmaso, também na mesma escola onde estudei o Primeiro e Segundo Graus. Trabalhava durante o dia e estudava à noite. Aos sábados e domingos, geralmente eu ficava lendo os textos das disciplinas, cujas discussões eu achava muito interessantes. Terminei o curso de História com o rendimento geral de 9,28.

Com a conclusão do curso, eu aprendi que podia fazer pesquisa e tentar uma pós-graduação. Dona Fátima, mais uma vez, se fez presente na minha trajetória. Ela havia comprado um apartamento para os filhos morarem em Recife, uma vez que eles estavam cursando faculdade na capital. Colocou à disposição o apartamento, caso eu quisesse continuar os estudos. Mudei-me para Recife, para fazer mestrado. Elaborei o projeto. Fiz a seleção. Não passei. A banca examinadora de seleção daquele ano foi composta por professores/as com formação teórica bem distinta da que eu estava me aproximando. O projeto não foi aceito.

Permaneci morando em Recife. Os diálogos com o professor Antônio Montenegro, depois meu orientador no mestrado e no doutorado, estavam se iniciando. Conversei com ele sobre me matricular como aluno especial em duas disciplinas oferecidas no programa naquele ano, uma ofertada por ele e outra em que eu participaria como ouvinte. Ainda nesse mesmo ano, eu me lembro de mais uma experiência marcante: o professor Antônio Montenegro conseguiu uma bolsa, em nível

de graduação, para que eu participasse de um projeto de extensão, cuja atividade era a digitalização da documentação da UFPE, no âmbito das ações de comemoração dos 60 anos. Essa bolsa foi de imensa importância para ajudar na minha permanência em Recife.

Assim, naquele ano, eu estava participando do projeto de extensão e do programa de pós-graduação, como aluno especial e como participante do grupo de pesquisa do professor Antônio. Foram experiências maravilhosas. Pude ampliar os estudos teóricos e também melhorar o projeto de pesquisa, já iniciando as pesquisas no Arquivo Público do Estado. No ano seguinte fiz seleção e passei em quarto lugar. Recebi bolsa do CNPq no segundo mês de ingresso. Isso fez uma diferença gigante. Cursei as disciplinas. Desenvolvi as pesquisas. Defendi a dissertação sobre o discurso de medo e ameaça dos comunistas, entre 1958 e 1964, na cidade de Garanhuns.

Ao terminar o mestrado, recebi um convite da Editora Moderna para escrever um livro didático de História para o estado de Pernambuco. Experiência que me marcou de forma extraordinária. Comecei a aprender um pouco sobre o universo da escrita de texto didático para estudantes e professores/as. Passei a me dar conta de como a Ciência Histórica tinha um olhar reduzido para as questões que envolviam o ensino de História. Escrevi o texto, que virou livro didático, com a ajuda de outros profissionais muito competentes daquela editora.

No ano seguinte preparei o projeto de doutorado. A seleção passou a ser feita por linha de pesquisa dentro

do programa. Fui aprovado em primeiro lugar. Recebi bolsa da Fundação Estadual. Depois consegui outra bolsa de mobilidade discente pela própria Fundação. Na sequência, consegui uma bolsa de doutorado-sanduíche da Capes. Passei seis meses na Argentina sendo coorientado pela professora Marina Franco, da Universidad Nacional General San Martín.

Em 2015 defendi a tese. Dois meses depois, fiz concurso para a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), para a área de Ensino de História. Fui aprovado. Tomei posse. Mudei-me para Marabá em agosto e entrei em exercício na faculdade de História. Comecei a desenvolver projeto de pesquisa sobre Ensino de História e formação docente. Passei seis anos naquela instituição, onde aprendi muito. Depois fiz concurso para a Universidade Federal do Pará (UFPA), também para a área de Ensino de História. Entre as disciplinas que eu ministrou no curso de Licenciatura, está a de Estágio Curricular Supervisionado.

Diferentes momentos e trocas têm configurado as aulas na faculdade. Algumas têm me marcado e deixado traços afetivos muito singulares. Destaco uma delas: as do Estágio Curricular Supervisionado III, na turma de ingresso do curso de Licenciatura, em 2020. Após leitura e debate de um dos textos, decidimos que a parte substancial do relatório seria a escrita de um relato de si. Alguns estudantes não se sentiram à vontade para produzir um relato de trajetória e produziram o relatório conforme o modelo antes determinado/em vigor.

Mas alguns estudantes gostaram da proposta sobre a construção do relato de si. Os estudantes que aceitaram tal proposta iriam apresentar um relato sobre suas trajetórias. Foram escritas de afeto, porque foram escritas da e sobre a vida. Escritas de luta. Escritas de emoções. Escritas de força. Escritas de garra. Escritas de conquistas. Escritas de suor. Escritas de lágrimas. De dor. De enfrentamento ao racismo. De crescimento. De luta política. De aprendizado. De realizações. De alegrias. De superação. De enfrentamentos. De perseverança. De poder. De vitórias. Foram escritas de vidas, com vida e sobre a vida. Foram escritas que me afetaram, como poucas outras escritas até hoje. Assim, escrevo aqui um pouco da minha trajetória para se somar às dos professores e professoras que neste livro se encontram.

The background features a stylized, light-colored illustration of a tree with a person sitting on a branch. The tree's branches and leaves are rendered in a simplified, geometric style. The person is depicted in a similar style, sitting on a branch and looking towards the viewer. The overall color palette is muted, consisting of light greens, yellows, and greys.

**QUARTA  
PARTE**

**Relatos  
discentes:  
entrevistas  
(UPN,  
Colômbia)**

## ENTREVISTA

# Valentina Mosquera Ramírez<sup>1</sup>

**Universidade Pedagógica Nacional  
(UPN, Bogotá, Colômbia)  
Maio de 2023**

**Erinaldo Cavalcanti (EC):** Valentina, primeiramente gostaria de agradecer muito por você participar deste projeto narrando sua trajetória como estudante universitária em formação inicial. Muito obrigado. Gostaria que você começasse dizendo seu nome, sua data de nascimento e a cidade onde nasceu.

**Valentina Mosquera (VM):** Bom, meu nome é Valentina Mosquera Ramírez, nasci no dia 22 de agosto de 2001, na cidade de Bogotá.

---

1 Entrevista traduzida para o português pelo professor Erinaldo Cavalcanti. A entrevista foi realizada no dia 9 de maio de 2023 na Universidade Pedagógica Nacional (UPN), da Colômbia, no âmbito do projeto *Ensino de História e Formação Docente na Pan-Amazônia*. O projeto é coordenado pelo professor Erinaldo Cavalcanti (UFPA, Brasil) e conta com a colaboração, na Colômbia, da professora Sandra Patricia Rodríguez Ávila, da Universidade Pedagógica Nacional.

**EC:** Valentina, você tem mais irmãos, seus pais têm mais filhos?

**VM:** Tenho dois irmãos, vivo com a minha mãe, e a minha mãe tem mais dois filhos, os meus dois irmãos, um mais velho e um mais novo, por isso sou a do meio da família.

**EC:** Conte um pouco como chegou ao seu atual projeto de pesquisa e como chegou a esta temática de reflexão.

**VM:** Sou estudante do oitavo semestre da Licenciatura em Ciências Sociais e estou aqui, porque a professora Sandra Rodríguez, que é minha professora desde o primeiro semestre do ano passado, me disse para contar a minha experiência como futura professora e o mais interessante que me aconteceu com o meu trabalho de conclusão de curso, contar como começa a surgir o interesse pela temática e as intenções de fato, mas também como professora afro-feminista que chega aqui à universidade para pensar em novas formas, novos horizontes para compreender a educação, mas também para compreender as vidas dessas mulheres que vivem em Bogotá, que, em muitos casos, são, por assim dizer, esquecidas, e isso em especial.

**EC:** Valentina, como foi que você entrou em contato com esse planejamento, com as discussões e com o tema, já que é um tema muito importante não só para a academia, mas também para a construção política da sociedade, ou seja, um tema que está ligado às reflexões

sobre as mulheres feministas afro-colombianas, conta um pouco sobre isso.

**VM:** Bem, acho que desde que entrei na universidade, em 2020, em plena pandemia da covid-19. Primeiro de tudo, quando eu estava na escola, já tinha uma pequena compreensão do que era o feminismo e, de alguma forma, queria estar envolvida nestas discussões. Acho que, no primeiro ano da universidade, eu não estava muito imersa, mas no segundo ano comecei a envolver-me pouco a pouco, portanto, nestas discussões sobre o feminismo. Depois percebi que o feminismo às vezes parece muito fechado, se o virmos apenas através dos olhos de um tipo de mulher, o tipo de mulher acadêmica, mestiça, branca, e então disse a mim mesma que me sentia fechada, porque dizia: “Mas eu não sou nem acadêmica, nem branca”. Não vivi dentro dos parâmetros da branquitude, os meus primeiros anos de vida foram como uma mulher em situação precária, que vivia com a minha mãe, com as minhas tias. Venho de uma família quase toda constituída por mulheres, por isso disse: “E as experiências dessas mulheres, da minha mãe, das minhas tias, da minha avó, não é?”. Bom, também é importante no sentido de pensar um feminismo para além desse feminismo, que já era como se eu tivesse entrado nesse feminismo branco, que era muito legal. Mas eles não falavam de mulheres negras, então isso sempre me deixou desconfortável nesse feminismo muito legal, muito bacana com as redes, mas eles não falavam de mulheres negras e isso sempre me chocou. Então foi

ai que eu comecei a ler um pouco mais; por exemplo, com a Angela Davis foi tipo a primeira referência que eu tive de feminismo negro. Depois fomos conhecendo mais, por exemplo, a Bell Hooks; assim comecei a imergir [nessas leituras], mas era claro [para mim], era uma necessidade sair daquele feminismo negro, branco; podia-se dizer o feminismo como um feminismo muito acadêmico, que não me dizia nada sobre estas mulheres “que não são ninguém”; ninguém as viu, ninguém sequer as considerou mulheres em muitos casos, portanto foi assim.

**EC:** Você disse que teve algumas experiências na escola, como foi a sua experiência com essas questões e o que mais marcou?

**VM:** Lá na escola não éramos apenas uma comunidade negra e indígena, mas havia muitos colegas, cujos pais e mães estavam deslocados. Isso continua a acontecer na mesma escola, há agora mulheres e homens que vêm da Venezuela para a Colômbia, e podemos encontrar diferentes conhecimentos e experiências que se refletem nos alunos.

Essa escola sempre se interessou pela educação intercultural e como os saberes indígenas e os saberes negros convergiam no mesmo espaço, o que é muito importante, no sentido de que, às vezes, ignoramos o aspecto educacional de que estamos convivendo com crianças que vêm de contextos muito diferentes no país ou fora do país. Então eles tinham muita intenção (cla-

ro que não falavam de feminismo, por exemplo, como eu acho que hoje em dia estão falando de feminismo nas escolas), mas naquela época eu tinha muita influência de intelectuais negros; então, eu sempre tive muito interesse em ler literatura negra, ler história negra, contribuições desses intelectuais, então eu comecei a me aproximar desses intelectuais, principalmente das mulheres que se dedicavam a escrever; por exemplo, a Mary Grueso foi como que a primeira referência literária que tive na escola. Por isso, foi muito importante para mim conhecer as contribuições de intelectuais indígenas e negros e tê-los em conta no sentido de que a educação é também algo que se conclui com muitas coisas diferentes. Então não somente ficarmos com o que nos trazem da Europa, mas também percebermos e compreendermos outras matrizes, outras formas de ver e conceber o mundo como tal. Assim, eu tive um pouquinho esse encontro, porque não vou dizer que não houve nada na escola. Mas com o feminismo, quando eu mesma me encontro com intelectuais negros, de saberes negros, com o feminismo, houve uma mudança muito legal.

**EC:** Nesta escola onde você estudou o Ensino Médio, teve algum professor que a marcou nas experiências que teve na escola?

**VM:** Eu tinha duas professoras; primeiro a professora de Biologia (com quem ainda eu falava), ela era como uma feminista entre as professoras, mas não o tornava tão público, chamava-se Sandra Gómez, lembro-me

muito bem, e era como a professora feminista; não dizia “eu sou feminista”, mas tinha uma forte ligação com todas essas discussões. Ela também era uma professora muito multidisciplinar, no sentido de que não se limitava a dizer: “Bem, sou professora de Biologia, só me interessam as plantas”, mas também estava muito consciente de que, por exemplo, via a ciência e a natureza a partir de uma posição social; por isso, tinha um projeto educativo, com o professor de Ciências Sociais, chamado Seminário de Sociologia, que era a coisa mais “estranha” da escola, porque era como se saísse dos parâmetros normais da aula, um grupo aqui estudando Biologia e um grupo ali estudando Ciências Sociais.

Da mesma forma, a escola estava dentro de um espaço territorial que foi importante porque, por exemplo, ali está o Cabildo Muisca, e é muito importante não cortar esse conhecimento, porque é isso que está lá nesses espaços – a comunidade Muisca está lá e não saiu desde os tempos coloniais, então temos que prestar atenção a isso. Por exemplo, na escola em San Bernardino isso é importante, e é onde essas experiências vividas na escola fizeram parte de uma experiência muito significativa e muito importante. Naquele momento acho que foi uma parte fundamental, porque a gente pensa que estas coisas não acontecem nas escolas e uns chegam à universidade pensando que as escolas são “massas escuras”, mas é bonito ver como essas experiências que não são perfeitas são importantes.

**EC:** Você teve alguma experiência que a marcou de forma mais efetiva, algo que a recorda da escola, com os seus professores, ou com os seus amigos, uma experiência mais marcante, seja positiva ou não, que você recorda?

**VM:** Sim, tive duas experiências: uma boa e outra menos boa. Antes de chegar a San Bernardo, eu estudei na escola General Santander e fiz a maior parte do meu ensino primário lá, onde eu senti a hostilidade, a hostilidade de um sistema educacional que é totalmente racista e também racista em relação às crianças. Eu era uma menina de 6 a 8 anos nessa escola e, evidentemente, essa hostilidade racista dos professores que não me aceitam porque não tenho um penteado, porque o meu cabelo é demasiado “desarrumado”, como é que vou fazer?; ou dos meus colegas, que vêm realmente de um contexto familiar que é extremamente racista, que te dizem “tu és assim, por quê?; és tão esquisito, por quê?; és tão feio, por quê?”. É isto... e depois se percebe que não é só o fato de uma sociedade racista, porque a Colômbia é uma sociedade racista, porque eu acho que estas hierarquias raciais não acabaram nem vão acabar de repente, pode mudar o sentido, mas é o que é, e [é preciso] ver como institucionalmente a escola também é uma instituição racista. Muitas destas crianças estão em Bogotá, nós nascemos em Bogotá, porque, por exemplo, era sempre muito comum me perguntarem de onde é que eu era, mas eu era de Bogotá e não achavam que eu era daqui, porque achavam que Bogotá não é um território; desterritorializa-se Bogotá, por-

que acham que é só a capital, e pronto, uma coisa que me parecia muito densa, porque é uma violência que te atravessa e te perturba. Quando cheguei a San Bernardo, onde passei a maior parte do meu ensino secundário, então, sim, comecei a perceber outras dinâmicas, embora também houvesse racismo em San Bernardo, racismo de alguns professores mais do que de outros, de alguns colegas mais do que de outros; então, meu primeiro ano em San Bernardo foi para enfrentar esses desafios e confrontar essas dinâmicas racistas que ainda podia se encontrar dentro da escola. Mas, ao mesmo tempo, isso me permitiu compreender os meus colegas afro daquele momento, tive amigos afro na escola, coisa que nunca mais me aconteceu, porque nas instituições, por exemplo, normalmente não tens mulheres ou homens negros que possam ser teus amigos, por causa do mesmo racismo. Mas, quando os temos, eles são muito valiosos, por isso percebi que também podemos enfrentar esta violência. E como a enfrentamos? A partir do coletivo, do grupo de amigos, do grupo de colegas, mas também educando os meus outros colegas pouco a pouco, dizendo-lhes para não me dizerem isto ou que não gosto disto, e assim por diante. Bem, esta foi a minha experiência negativa nesta escola, mas também teve a experiência bonita, que foi nisso tudo encontrar a unidade, e também compreender que ser uma mulher negra não era negativo, mas o negativo é acreditar que esta forma racista de educação era normal, correta, e não era. Aprendi mesmo muitas coisas

nesta escola, e do que eu mais gostava era dos passeios que eram organizados, porque era ali que se aprendia mais. Ainda me lembro de uma vez que a professora de Biologia nos convidou para uma visita de campo às três bacias diferentes do rio Tunjuelo e nos levou ao Páramo de Sumapaz, e a professora teve de telefonar à minha mãe para lhe pedir autorização para eu ir, porque nessa altura eu tinha a responsabilidade de levar a minha irmã mais nova, levá-la e dar-lhe o almoço; por isso, para ir a esse tipo de passeio, tinha de levar a minha irmã comigo, porque não havia ninguém para tomar conta dela. A professora de Biologia convenceu então a minha mãe para que pudéssemos ir a este passeio, e ela também lhe disse que eu era muito sensata, e acabei por ir. Essa viagem foi muito importante para mim, porque eu me encontrei com esse lado ambiental, natural do meio ambiente, porque eu sentia que Bogotá era muito hostil em muitos aspectos, e ir a Sumapaz, que é uma localidade de Bogotá, foi muito legal, porque a gente sempre vive em binarismos de cidade e campo, mas a gente não entende que são coisas interligadas e as próprias experiências também. Então eu acho que foi uma mudança muito legal, porque também me permitiu ver além da zona de conforto onde eu estava, onde eu ficava sendo a menina aplicada da escola, porque eu não queria causar problemas, mas, ao mesmo tempo, não queria descobrir novos caminhos, então eu acho que, quando a escola permite, isso é muito legal.

**EC:** É muito interessante o que você contou. Você estudou apenas nessas duas escolas?

**VM:** Sim, só estudei em duas escolas, embora, mesmo antes de estudar na escola General Santander, tenha frequentado um Jardim de Infância, embora as pessoas pensem que os Jardins de Infância não são importantes, mas são importantes, reconheço isso. Por exemplo, nas minhas experiências no Jardim de Infância, lembro-me sempre que fui colocada no Jardim de Infância, porque não havia ninguém para tomar conta de mim em casa. Se não fosse por essa razão, teria ficado muito tempo sob o cuidado da minha avó, que veio da cidade da minha mãe, que é Condoto Chocó. Depois a minha avó veio da cidade e ficou aqui durante cerca de um ano, e a minha mãe ficou muito contente, porque era a minha avó que tomava conta de nós e, obviamente, isso foi um alívio, porque a minha mãe era mãe solteira e chefe de família. Mas foi sempre muito difícil pagar os valores de um Jardim de Infância e, quando estive no Jardim, foi porque a minha mãe não tinha ninguém com quem nos deixar, e, obviamente, não podia nos deixar tão novos em casa; mas, quando a bonança acabou, a minha mãe já não podia nos deixar no Jardim, foi necessário deixar-nos em casa. Mas, sim, só estudei em duas escolas, na General Santander, que foi onde vivi a minha primeira experiência escolar, a minha primeira experiência escolar com o mundo racista, porque, antes disso, eu não conhecia um espaço racista propriamente dito, como de repente se intui isto ou aquilo, mas a escola nos

mostra de maneira abrupta que estamos vivendo numa sociedade racista, portanto foi o meu primeiro espaço abertamente racista. Bom, de repente, foi como noutros tempos em que os corpos, de repente, estão mais socializados a ponto de serem hegemônicos; portanto, foi assim e depois, quando fui terminar o liceu [ensino médio], em San Bernardino, que também foi todo um processo, além de que San Bernardino não é a melhor escola da cidade, porque, como eu te disse, há espaços educativos muito legais, mas outros também estão desabitados, portanto esta escola não era propriamente uma instituição de excelência, para te dizer a verdade.

**EC:** Valentina, você faz referência sempre a sua mãe e sua vó. Como elas se chamam?

**VM:** O nome da minha mãe é Luz Arelis Mosquera Ramirez e o nome da minha avó é Isabel Mosquera Ramirez, a minha mãe tem um pai, mas, com os sobrenomes, houve alguma confusão. A minha avó viveu sempre na localidade de Condoto Chocó; bem, a minha avó era de uma pequena aldeia, um pouco mais próxima de Condoto, que é um pouco maior, e a minha mãe foi criada em Acoso, rio acima, com os meus avós e os meus tios. Os meus avós, por volta de 2001 ou 2003, foram deslocados de lá pelos paramilitares e pela guerrilha, onde tinha muitos enfrentamentos, e, por isso, as pessoas de lá tiveram que se mudar para Condoto. A minha mãe veio para Bogotá muito jovem, a partir dos 15 anos, para trabalhar, porque as oportunidades em Chocó são mui-

to escassas, e a minha mãe tinha ambições maiores, por isso em 1995 veio viver com uma tia e mais tarde teve o meu irmão e depois começou a viver aqui.

**EC:** E sua mãe vive em Bogotá?

**VM:** Sim, ela vive aqui, tem procurado formas de regressar à sua comunidade, porque a verdade é que há muitas pessoas que vêm para Bogotá, de outras partes da Colômbia, que vêm dos seus territórios tradicionais, das suas comunidades, querem sempre regressar, como se tivessem sempre a memória do seu local de nascimento. Por exemplo, a minha mãe nos diz sempre que viveu uma infância feliz com os seus amigos, com a sua família, e que não encontrou realmente essa felicidade em Bogotá; e isso é verdade, até certo ponto, porque em muitos casos as pessoas que vêm para Bogotá não se adaptam realmente à cidade, estão aqui apenas para sobreviver, e é isso, porque sabem que, se voltarem para sua comunidade, não terão as mesmas oportunidades, nem as mesmas saídas econômicas, mas pensam sempre em voltar, em sair da cidade, e acho que, mesmo as pessoas que estão na cidade, querem sair da cidade, já que muitas compraram chácaras ou casas rurais, porque viver em Bogotá é estar num espaço de conflitos e disputas. A minha mãe sempre nos contou que, quando chegou aqui, foi muito difícil para ela alugar uma casa ou um apartamento, porque era uma mulher negra, mas também sozinha e com filhos; por isso ela di-

zia que o racismo era muito hostil e claramente isso lhe deixou muitas marcas de violência que ela recorda até hoje, e ela costumava nos dizer: “Mas tenham cuidado, porque, quando crescerem, isto vai acontecer com vocês como aconteceu comigo”. Portanto, isso foi sempre uma espécie de medo que a minha mãe sempre nos incutiu, e sobre o fato de termos de ter cuidado com esta cidade, cuidado com os mestiços. Portanto, ainda estamos vivendo com isso, vivendo certas dinâmicas dentro da universidade, e eu dou-lhe alguma razão, porque, naquele momento, eu disse que a minha mãe estava exagerando, porque eu não tinha vivido de perto aquela violência racista, porque eu acho que agora o racismo está encoberto em microrracismo, num racismo não tão racista, que está encoberto em piadas, em opiniões, em crenças e em imaginários. Portanto, é a troça racista, ou estas afirmações de que se está apenas ressentido, mas o racismo que a minha mãe viveu foi mais violento, mais insultuoso, [o tipo] mais desrespeitador do machismo sexista, e ela viveu tudo isso aqui em Bogotá. Portanto, é aí que se diz: “A minha mãe tinha razão”, e, acima de tudo, é muito agradável dialogar e refletir sobre isso com a minha mãe e compreendê-la um pouco mais, compreender as suas diferentes lutas.

**EC:** E sua avó vive ainda na comunidade?

**VM:** Sim, a minha avó ainda vive lá, só estive em Bogotá durante um ano, porque a minha mãe lhe disse para vir fazer uns exames médicos que não se faziam

lá, ela veio e foi uma estadia de cerca de dois meses, que acabou por ser de cerca de um ano; claro que fiquei muito contente, porque estava com a minha avó, mas ela não era uma mulher da cidade, por isso não gostou muito de estar aqui. A minha mãe sempre dizia: “Vamos, que lá em Bogotá vai estar melhor”; por exemplo, a possibilidade de ir a um médico melhor, de fazer exames, de viver uma vida melhor, porque em Chocó, devido ao abandono do Estado, vivem numa situação muito precária e, embora como família tenhamos tentado ajudar a minha avó e o meu avô, continuamos a não ter meios para fazê-lo. Mas a minha avó diz que não regressa a Bogotá, e, na verdade, não vem cá, e ela não quer. Ela diz que prefere morrer na sua comunidade para poder ser enterrada lá, e é por isso que vai aos velórios dos seus conhecidos e amigos, para que eles também possam ir ao dela, e é por isso que ela tem de lá estar, portanto é um dar e receber, porque é um tecido social que existe na comunidade. E isso é muito importante, acima de tudo, e é como se não se percebesse isso aqui, na cidade, porque se diz que aqui na cidade há bem-estar, há mais possibilidades de bem-estar, há mais serviços, mas ignora-se que há outras coisas. Mas esse tecido não se constrói normalmente aqui, aqui é muito difícil. Por exemplo, eu tenho família aqui, temos muita família aqui em Bogotá, mas permanece à mesma distância em Bogotá. Não importa que seja uma cidade, mas é uma distância que, às vezes, se diz: “Mas eu tenho de trabalhar”, “tenho de estudar”, “tenho de fazer” [isto ou aquilo], por

isso não tenho tempo para ir visitar as minhas tias, os meus tios, os meus primos. Não tenho literalmente uma relação familiar, porque estar em Bogotá significa estar em muitos lugares, como já disse, passei uma hora e meia ou duas horas para ir da universidade para casa, e de casa para a universidade é um espaço onde se diz: “Sim, é um longo caminho a percorrer”. Os meus avós experimentam melhor o que é um tecido social, o que é viver em uma comunidade, o que é viver com os seus compadres, com as suas comadres, com os seus familiares naquele espaço territorial, seja ele qual for, mas é tradição deles saber que vão morrer ali e compreender muito melhor essas dinâmicas.

**EC:** Valentina, como ocorreu a escolha para estudar o curso que você está concluindo aqui na Universidade Pedagógica Nacional?

**VM:** Em primeiro lugar, antes de escolher Ciências Sociais, escolhi ser professora, já sabia o que queria, porque na escola me percebi e foi de uma forma muito engraçada, porque nos mandaram a uma escola para falar das minhas experiências como aluna negra a um grupo de crianças que estavam no quarto ou quinto ano, e lembro-me de que nesse dia tinha preparado uma aula com tudo, poesia, poemas para as crianças, e correu muito bem, acho que até os próprios professores me disseram: “Foi muito bom”. Lembro-me de que levei a poesia da Mary Grueso, que é uma das minhas poetisas preferidas, sempre gostei muito da poesia da Mary Grueso e levei-a

às crianças, para ver como é que elas interpretavam a etnia, como é que desenhavam, por exemplo, um rapaz, uma moça branca ou um rapaz indígena, uma criança negra. Percebe-se que há muitos estereótipos que estão marcados na forma como as crianças, como os jovens entendem as questões étnicas e raciais, como entendem que há pessoas brancas, como entendem o que é um índio, como entendem o que é um negro. Por isso, acho que nesse momento me percebi que sim [como professora]. Estava no décimo ano e disse a mim mesma: “Sim, acho que seria muito útil ir para a docência”. Foi muito engraçado e passei quase os últimos anos do Ensino Médio perguntando aos meus professores como era essa profissão. Perguntava aos meus professores como era ser professor, etc., e depois, quando chegou à altura de sair da escola, eu disse que já sabia que queria ir para a universidade, era o meu objetivo, acho que se não fosse para a universidade teria ficado muito deprimida, porque nessa altura era o meu objetivo e também um objetivo para a minha mãe, porque, acima de tudo, eu fui a primeira da minha família a ir para uma universidade pública e a ir para uma universidade como tal, por exemplo, sou a primeira neta da minha avó a ir para a universidade; por isso foi muito significativo com a área das Ciências Sociais – e pensar que eu queria estudar Biologia... –, mas, nas Ciências Sociais, encontrei o que não consegui encontrar na Biologia, por isso fiquei com essa carreira. Da mesma forma, eu estava muito imersa nessas reflexões sobre o meio ambiente,

e eu pensei: “Mas nas Ciências Sociais há a Geografia”. E isso também é discutido nas Ciências Sociais. E me interessava também pela História e por outras disciplinas afins. Candidatei-me à Universidade Distrital Francisco José de Caldas e à Universidade Pedagógica Nacional ao mesmo tempo, e disse que tinha de ficar em uma delas. Quando conheci a Universidade Pedagógica, gostei muito e tive também o apoio da minha mãe, que me disse que eu ia sair de lá muito bem preparada, porque aquela universidade era só para professores. Além disso, a Universidade Distrital, que ficava em La Macarena, era muito longe, por isso a minha mãe também me disse para não me preocupar, que era melhor ir para a Universidade Pedagógica, porque ficava perto da estação de metrô TransMilenio. E, bem, eu gostei muito da Universidade Pedagógica nesse sentido e acho que, desde o primeiro momento em que a conheci, pareceu-me uma universidade muito agradável, com os grafites, com os seus muros e as suas lutas diárias, tudo isso foi o que me atraiu, porque, acima de tudo, é isso, é o [espaço] que nós habitamos como pessoas comuns que vêm aqui agora, por exemplo, um espaço tão conflituoso como o espaço econômico que nos rodeia, e que sempre causou conflitos, porque nós, como estudantes, decidimos habitar a universidade em todos os sentidos. Eu sempre gostei do aspecto pedagógico da universidade, porque estar aqui é também resistir, porque querem nos tirar, e é por isso que eu digo que estamos aqui e vamos resistir e temos de continuar a resistir.

**EC:** Que trajetória incrível a sua. É muito interessante que você tenha pensado, por exemplo, no dia em que sua mãe estava aqui com você conhecendo a universidade, que a filha dela, a primeira neta da sua vó, estava oficialmente entrando na universidade.

**VM:** Sim, claro! Bem, é muito bom. A minha mãe, acho que ela tem sido uma daquelas pessoas que, por vezes, tem feito muita “cara feia”, claro, como todas as mães e pais, e diz algo como se eu fosse morrer de fome, e eu digo: “Como assim?”. “É que isso de ser professora não dá...”, a minha mãe às vezes faz esses comentários. E também a minha irmã, que é a mais nova, entrou na universidade este ano e está estudando Engenharia Ambiental, por isso diz que vai poder me ajudar; mas, bem, eu fui a primeira a entrar na universidade, por isso ela “não gosta”. Mas igualmente a minha mãe também me apoia muito; por exemplo, há pouco tempo comecei a fazer um estágio na mesma escola onde estudei, é, foi muito legal, porque eles começam a me ver não mais como uma aluna, mas agora como uma futura professora e, portanto, a minha mãe é uma das mulheres mais felizes por eu estar fazendo um estágio, por eu já estar no futuro campo para me tornar uma professora. Ela está muito feliz por me ver nessa posição, apesar de, às vezes, ela me dar algumas “broncas”, mas que é engraçado. Da mesma forma, ela está muito orgulhosa por eu já estar no fim dos meus estudos e por me tornar professora, e também por ter aberto caminho para a minha irmã entrar na universidade, porque ir para a universidade é necessário; por

exemplo, no meu caso, como mulher negra que vive em Bogotá, também é importante para mim habitar esses outros espaços que estão dentro da cidade, por exemplo, os espaços acadêmicos que são tão duramente disputados. A posição da minha irmã na universidade não é apenas a posição de estudante, mas é também uma posição política em que ela está habitando espaços que não nos era permitido habitar, da mesma forma que eu estou habitando a universidade, a partir de uma posição acadêmica como estudante, com certos deveres e direitos, mas também, a partir de uma posição política em que sei que este é um espaço negado para as comunidades étnicas, para os indígenas, para os negros que têm dificuldade em avançar nos processos educativos, e por isso deixei sempre esta questão em cima da mesa com os meus colegas, com o meu grupo de amigos, porque é muito importante, e eu sempre disse que fico feliz que a minha irmã também esteja vivendo estes espaços e que vamos continuar vivendo neles aos poucos e que vamos trazer mais pessoas para cá, porque, sobretudo, a comunidade negra, por exemplo, na universidade ainda é muito diminuta, onde muitos estudantes também podem fazer um esforço muito grande, porque eu não só estudo como também sou trabalhadora ao mesmo tempo, portanto tive que viver noutros espaços para apoiar os meus estudos. Da mesma forma, aqui mesmo na universidade, tive de viver em certos espaços racistas, criados por colegas que se acham engraçados, mas que são literalmente racistas, que estão se preparando para serem professores.

**EC:** Valentina, você como mulher intelectual negra, quase terminando o curso de formação de professores, daqui a pouco será professora. A partir da sua posição epistemológica, como você percebe a importância do ensino de História?

**VM:** Eu penso que o ensino da História, por exemplo, nas escolas, tem permanecido um campo fechado de narrativas de acontecimentos históricos muito lineares, pelo que se apresenta aos alunos... crianças. Isto aconteceu primeiro, e depois, na Idade Média, o Renascimento, mas para se perceber que a História não é só isso e que a História deve ser olhada com pinças, porque é um campo muito importante para compreender as realidades sociais que habitaram o passado, mas que continuam agora, por exemplo, a partir de outras línguas que habitam o presente e o hoje. Então, eu acho que é muito importante entender que a História não é só esse tipo de historiografia linear, mas também que ela é muito sequencial naquilo que aconteceu e continua acontecendo hoje, e que isso tem uma influência do passado que vai impedir certos acontecimentos que podem acontecer no presente. Por isso, tem que se partir do passado para não se repetir. Um exemplo disso é viver o racismo contemporâneo, já que o aspecto racial é algo puramente histórico, e eu acho isso muito legal, como essa História conceitual, por exemplo, e coisas como falar da mulher, falar do conceito de mulher. Mas também agora como categoria também é muito importante para os alunos, mesmo que pareça muito compli-

cado, mas sinto que deste ponto de vista educativo acredito que o professor pode trazer estas discussões para a sala de aula. Por exemplo, na Colômbia, vivemos o conflito armado, por isso, às vezes, parece que só na escola nos resta uma análise histórica muito rigorosa. Por esta razão, penso que é necessário começar a abordar a História a partir de outra forma de ensino, para podermos apresentar de outra forma, a partir de outros espaços, por exemplo, a partir das experiências dos escravos, das mulheres, das comunidades negras que queriam procurar a liberdade depois das guerras de independência, conhecimentos que também são muito importantes. Acho que o professor tem que ir além dos acontecimentos das linhas do tempo, o que não é mau, mas o mesmo ensino pode ser problematizado.

**EC:** Valentina, para irmos concluindo nossa entrevista, queria lhe perguntar o que mais a marcou na pandemia.

**VM:** Eu acho que a pandemia me marcou no fato de eu ter tido que começar os meus estudos durante a pandemia, isso foi uma frustração muito grande, porque eu não esperava viver a minha educação dessa forma, uma educação virtual à qual eu nunca consegui me adaptar. Foi um momento muito complicado em que eu pensei em cancelar disciplinas, cancelar até semestres, porque eu disse que não era essa a educação que eu queria, e, claro, eu ainda era muito “irresponsável” em muitas coisas, porque, por exemplo, eu estava no conforto da minha casa, por isso eu era um pouco pregui-

çosa. Além disso, a questão da conectividade também era difícil, claro, porque até ligar o computador às vezes era difícil, porque havia um computador para três alunos, a minha irmã, o meu irmão e eu, e isso também era muito frustrante, porque havia uma limitação dos meios, porque não havia internet, tínhamos sempre o problema de conexão com a internet. Lembro-me de ter tido um problema com um professor universitário, no primeiro semestre, por causa disso, porque a conexão da internet era muito ruim. Então, lembro-me de que o microfone foi ligado e a minha irmã disse um insulto, e depois o professor me respondeu que “comecei mal este curso e que ia acabar mal”, mas, depois disso, pedi desculpa, claro, mas foi muito frustrante no momento, porque vivi quatro semestres do meu curso, ou seja, metade dele assim. Naquele momento não imaginava que isso fosse acontecer, mas, pronto. Eu sempre tive as disciplinas em pé de igualdade, à exceção do Inglês, e estamos prestes a acabar o curso, entretanto eu queria estar mais tempo na universidade, mais uns anos, mas eu disse: “Não, acaba com isso e vê outros campos, outros horizontes, outros horizontes acadêmicos”. Por exemplo, como estou prestes a acabar o curso, a minha mãe já está me perguntando pelo mestrado, e também quer que eu conheça outros campos, outras experiências. Em primeiro lugar, eu já vivi este espaço acadêmico, universitário, e, infelizmente, dois anos virtuais, mas foi só isso, e na verdade estou resignada. A pandemia também nos permitiu pensar nos cuidados, porque estamos

passando por uma emergência de cuidados em casa, ou seja, quando as mulheres têm de carregar o fardo das tarefas domésticas, de cuidar da vida, e as mulheres estão novamente vivendo em casa. Por exemplo, ouvi muitas experiências de mulheres que vivem em casa com estranhos, com os seus maridos abusivos, com os seus violadores. Por isso, penso que a pandemia também nos fez refletir sobre isto e, em certa medida, eu também refleti sobre isto em casa. Por exemplo, no primeiro ano da pandemia, que foi o mais arriscado, a minha mãe estava trabalhando ativamente, a minha mãe saía todos os dias para trabalhar e eu estava obviamente desempregada, porque trabalhava em centros comerciais, mas eles foram fechados, por isso fiquei sem emprego; mas a minha mãe trabalhou durante todo esse primeiro ano e meio da pandemia, e, nos últimos meses de 2021, ficou sem emprego, por isso teve de trabalhar como vendedora ambulante, e eu a ajudei. Portanto, estivemos sempre nesse risco e, claro, esse medo de que algo acontecesse à minha mãe ou de que algo nos acontecesse a nós, mas não tinha como evitar isso. Portanto, estivemos sempre em risco e, claro, com medo de que algo acontecesse à minha mãe ou que algo nos acontecesse. Mas não teve como evitar isso, e acho que a pandemia foi muito, muito difícil e até agora ainda estamos nos recuperando um pouco. No ano passado voltei ao trabalho, voltei às minhas coisas. Durante a pandemia houve limitações econômicas. Tive várias limitações, tive de fazer trabalhos acadêmicos para os meus colegas para ganhar dinhei-

ro, portanto foi difícil, mas fomos aguentando, fomos aguentando, e pronto.

**EC:** Valentina, quero muito agradecer por você ter compartilhado um pouco do seu projeto de vida, é muito valioso tudo o que disse. Não sei se gostaria de terminar dizendo mais alguma coisa.

**VM:** Como mulher negra, que vive em Bogotá e neste espaço universitário, é também importante dizer que, além de ser Valentina, estudante da Universidade Pedagógica Nacional, sou também filha de Luz Arelis e irmã de Maria Alejandra, e sou também uma amiga, uma companheira. Estar aqui também gera algum desconforto. Sou muito caseira, para ser honesta, mas também sei que, quando o desconforto tem um significado, sinto que este desconforto também nos permite encontrar novos espaços de conhecimento e compreensão com os outros e com a diferença em geral. Por isso, sim, muito obrigada por ter me entrevistado, porque é também um espaço de diálogo.

## ENTREVISTA A

# Valentina Mosquera<sup>1</sup>.

**Universidad Pedagógica Nacional  
(UPN, Bogotá, Colombia)  
Mayo de 2023**

**Erinaldo Cavalcanti (EC):** Valentina, primero me gustaría agradecer muchísimo tu participación este proyecto que busca narrar tú trayectoria como estudiante de formación inicial. Muchísimas gracias. Me gustaría comenzar con tú nombre, fecha y lugar de nacimiento.

**Valentina Mosquera (VM):** Mi nombre es Valentina Mosquera Ramírez nació el 22 de agosto de 2001 en la ciudad de Bogotá.

---

1 Transcrição em espanhol (língua original em que ocorreu a entrevista). A entrevista foi realizada no dia 9 de maio de 2023 na Universidade Pedagógica Nacional (UPN), da Colômbia, no âmbito do projeto *Ensino de História e Formação Docente na Pan-Amazônia*. O projeto é coordenado pelo professor Erinaldo Cavalcanti (UFPA, Brasil) e conta com a colaboração, na Colômbia, da professora Sandra Patricia Rodríguez Ávila, da Universidade Pedagógica Nacional.

**EC:** ¿Valentina tienes más hermanos, tus padres tienen más hijos?

**VM:** Yo tengo dos hermanos, yo vivo con mi mamá y mi mamá tiene otros dos hijos. Un hermano mayor y uno menor, entonces, yo soy la del medio de la familia.

**EC:** Cuenta un poco ¿cómo llegaste al proyecto de investigación, y cómo llegaste a esta temática de reflexión?, cuéntame un por favor.

**VM:** Yo soy estudiante de octavos semestre de la Licenciatura en Ciencias Sociales y estoy aquí porque la profesora Sandra Rodríguez, que es mi profesora el primer semestre del año pasado, me propuso que viniera a contar mi experiencia como profesora y sobre lo más interesante que me ha pasado con mi trabajo de grado, como empieza a surgir toda la temática y todas las intenciones mismas que va a tener, que voy a tener yo como profesora, pero también además como profesora afro feminista que llega acá a la universidad a pensarse nuevas formas, nuevos horizontes para entender lo educativo, pero también entender las vidas de esas mujeres que viven en Bogotá que en muchos casos no son tenidas en cuenta y eso en especial.

**EC:** Valentina, ¿cómo empezaste a tener contacto con estos planeamientos, con las discusiones y con el tema? Es un tema demasiado importante no solamente para la Academia, sino también para la construcción política de la sociedad, es decir un tema que está vincu-

lado con las reflexiones sobre las mujeres afro, colombianas feministas, cuéntame un poco sobre eso.

**VM:** Pues creo que desde que ingresé a la Universidad por allá en el 2020 en plena pandemia del Covid19, pues ante todo ya antes cuando estaba en el colegio ya tenía como un pequeño entendimiento de lo que era el feminismo y que pues, yo de alguna manera quería estar ahí en esas discusiones. Creo que el primer año de la universidad si no estuve muy inmersa, pero ya el segundo año, sí empecé como a meterme poco a poco, en estas discusiones del feminismo. Después me di cuenta que el feminismo a veces se queda muy cerrado, si uno lo ve solamente desde los ojos de un solo tipo de mujer, no del tipo de mujer académica mestiza o blanca y pues, yo me dije como que ahí ya sí me sentía como encerrada, porque yo decía: pero yo no soy ni académica ni blanca, no he vivido en los parámetros de la blanquitud, mis primeros años de vida fueron como una mujer precarizada que vivió con mi mamá, con mis tías que soy de una familia casi enteramente conformada por mujeres, entonces yo dije: pues las experiencias de esas mujeres que son, que fue mi mamá, que son mis tías mi abuela, también es importante se pueden pensar desde un feminismo más allá de este feminismo, que ya estaba como que yo había entrado a ese feminismo blanco de pronto que muy bonito, pero pues no hablaban de mujeres negras, entonces eso siempre me incomodo en ese feminismo muy bonito muy chévere muy de redes, pero que no habla de mujeres negras, siempre como que me cho-

caba entonces es ahí cuando yo empiezo a leer un poco más empiezo, por ejemplo con Angela Davis, fue como el primer referente que yo tuve como de feminismo negro. Y después, pues vamos a conocer más, por ejemplo a bell hooks se me olvida, pero bueno, y es como eso empiezo a salirme de ese feminismo como muy académico que no me decía nada de esas mujeres que no son nadie, o que nadie ha visto, ni siquiera han sido considerada mujeres en muchos casos, entonces fue como eso.

**EC:** Muy bien, qué interesante, ¿Valentina y en algún momento tuviste algunas experiencias en el Colegio, ¿cómo fue tu experiencia ahí y qué fue lo que más te marcó?

**VM:** Allá en el colegio, pues no, solamente éramos comunidad negra e indígena, sino que había muchos compañeros con padres y madres desplazados, ahora pasa que en el mismo colegio ahora son mujeres y hombres que vienen de Venezuela, que vienen a Colombia y pues uno podía encontrarse con diferentes saberes, conocimientos y experiencias que se van plasmando en los estudiantes.

Este colegio siempre estuvo interesado en la educación intercultural, y en cómo confluían saberes indígenas y saberes negros en un mismo espacio, eso es muy importante en el sentido de que a veces ignoramos eso educativamente que estamos viviendo con niños, niñas que vienen de contextos muy diferentes del país o fuera del país. Entonces, sí tenían la intención, claro, no hablaban por ejemplo de feminismo, no era mucho,

yo creo que más en la actualidad se está hablando de feminismo en los colegios, pero en ese momento no, no había como eso, pero yo sí tenía mucha influencia intelectuales negros, entonces yo sí siempre fui muy interesada en leer literatura negra, leer historia negra aportes de estos intelectuales como tal, entonces ahí me empecé a acercar como a esos intelectuales, especialmente a las mujeres que se dedicaban a la escritura, por ejemplo con Mari Grueso, fue como que el primer referente literario que yo tuve en el colegio, entonces eso fue como muy importante en el colegio también, y es que eso era importante para mí. Conocer los aportes de intelectuales indígenas, de intelectuales negros y tenerlos en cuenta en el sentido de no solamente quedarnos con lo que nos traen desde Europa, sino también entender y comprender otras matrices, otras formas de ver y concebir el mundo como tal, entonces yo sí tuve un poquito de ese encuentro, porque no voy a decir que no hubo nada en la escuela. Pero ya con el feminismo, cuando yo misma encuentro a intelectuales negros de conocimiento negro con el feminismo, hubo un cambio muy chévere.

**EC:** En este colegio donde estudiaste el bachillerato ¿tuviste algún maestro o maestra que te marcará en las experiencias o durante las vivencias que tuviste en la escuela?

**VM:** Yo tuve como dos profes, primero la profesora de biología, además la profesora de biología que todavía habló con ella, y ella pues era como que la feminista

de las profesoras y pues no lo hacía como que tan público, se llamaba Sandra Gómez, me acuerdo muy bien, y ella pues sí era como la feminista de las profes, no era como que decía yo soy feminista, pero sí tenía como un fuerte arraigo a todas esas discusiones, además era una profesora muy multidisciplinar en el sentido de que no solamente se quedaba en la Biología, era también muy consciente de ver la ciencia y la naturaleza desde una posición social, entonces, tenía un proyecto educativo con el profesor de ciencias sociales que se llamaba Seminario de Sociología, en el colegio era como lo más extraño, porque era como salirse de los parámetros normales de clases de un grupo acá aprendiendo Biología y un grupo allá aprendiendo sociales.

Asimismo, el colegio estaba dentro de un espacio territorial que era importante porque, por ejemplo, ahí queda el Cabildo muisca, y es muy significativo llegar a cortar con ese conocimiento, porque pues eso es lo que hay en ese espacio, la comunidad muisca está ahí y está desde la colonia hasta acá, entonces hay que poner atención a eso, por ejemplo en el colegio en San Bernardino sí es importante eso, y pues es donde esas experiencias que se viven en el colegio son parte de una experiencia muy significativa y muy importante. En ese momento sí creo que fue una parte fundamental, porque pues uno cree que en los colegios esas cosas no pasan y pues uno llega a la universidad pensando que las escuelas son masas oscuras, pero pues es bonito ver como esas experiencias que no son perfectas son importantes.

**EC:** Por ejemplo, si tuviste alguna experiencia que más te marcó, como algo que tú recuerdes de la escuela, con los profes, o con tus amigos y amigas una experiencia muy chévere, o no tan chévere que recuerdes.

**VM:** Si yo tuve dos experiencias, una chévere y una no muy chévere antes de llegar a San Bernardo, voy a contar la no chévere y después la chévere. Cuando antes de llegar a San Bernardo yo estudiaba en colegio General Santander y pues yo hice la gran mayoría de mis cursos de primaria allá y pues ahí sí, sentí como que la hostilidad de un sistema educativo que es enteramente racista y además racista con niños, pues yo era una niña de seis hasta, ocho años que estuve en ese colegio y obviamente que esa hostilidad racista de las profesoras que no aceptan pero que se expresa en la crítica al peinado, decían así está muy despelucada, pues es mi pelo yo como voy a hacer o de compañeros, que en verdad llegan de un contexto familiar, que es enteramente racista que te dicen, no, pero es que tú eres como así porque eres tan rara porque eres tan fea, porque eres esto y pues uno se da cuenta como que no es solamente el hecho de una sociedad racista, pues es Colombia, es una sociedad racista, pues creo que estas jerarquías raciales no se han terminado. La escuela también es una institución racista, pues muchos niños estamos en Bogotá, nacimos en Bogotá porque por ejemplo siempre fue como muy recurrente que me preguntaran de dónde era yo, y pues que era de Bogotá y ellos no concebían que yo fuera de aquí puesto que pensaban que Bogotá no es terri-

torio, se desterritorializa Bogotá, puesto que se piensa que solo es capital y ya, algo que me parecía muy denso puesto que es una violencia que te traspasa y te trastoca.

Cuando llegó a San Bernardo, donde viví mayoritariamente mi educación secundaria, pues ahí sí, ya me voy dando cuenta de otras dinámicas, aunque también en San Bernardo también había racismo, de pronto de unos profes lo se sentía más que de otros profes, de unos compañeros más que de otros compañeros, entonces mi primer año en San Bernardo fue afrontar esos choques y esas dinámicas racistas que uno se podía encontrar dentro del colegio. Pero al mismo tiempo esto me permitió entender a mis compañeras afros de ese momento, tenía amigas afro en el colegio algo que no me ha vuelto a pasar, pues en las instituciones por ejemplo uno normalmente no se cuenta con mujeres o hombres negros a los cuales puedan ser tus amigos, por el mismo racismo, pero cuando los hay son muy valiosos, pues me di cuenta que también se puede confrontar esa violencia entonces y cómo se confrontan, desde lo colectivo desde el grupo de amigos, desde el grupo de compañeros, pero también educando poquito a poquito a mis otros compañeros, decirles no me digas así o no me gusta esto y tal.

Bueno, esta fue mi experiencia fea en este colegio del General Santander y también mi experiencia bonita fue todo eso, encontrar unidad, pero también entender que ser una mujer negra no era malo, sino que lo malo es creer que esta forma racista de educación era normal y pues no. Yo en verdad aprendí muchas cosas en este

colegio, y pues lo que más me gustaba eran las salidas que se hacían porque uno ahí aprendía más, aún recuerdo una vez que la profesora de Biología me invitó a una salida de campo a las tres diferentes cuencas del río Tunjuelo y nos llevó hasta el Páramo de Sumapaz, y pues la profe tuvo que llamar a mi madre y todo para pedirle a ella permiso de que yo fuera, puesto que en esa época yo era la encargada de llevar, de traer y de darle el almuerzo a mi hermana menor, entonces para poder ir a ese tipo de salidas tenía que llevarme a mi hermana porque no había nadie que la cuidarla a ella.

La profesora de biología entonces convenció a mi mamá para que pudiéramos ir a esta salida, y pues también le dijo que yo era muy juiciosa y yo fui al final. Esta salida fue muy importante para mí, porque yo me encontré con ese lado ambiental, natural del medio donde yo sentía como que Bogotá era muy hostil en muchas cosas, y pues salir a Sumapaz que es una localidad de Bogotá pues fue muy chévere, puesto que siempre vivimos en binarismos de ciudad y campo, pero no entendemos que eso está unido y las experiencias mismas también están unidas, entonces creo que eso fue un cambio muy chévere porque además me permitió ver más allá de pronto de esa zona de confort donde yo estaba donde me quede ahí, siendo la china aplicada del colegio porque no querías pues no quería causar problemas pero al mismo tiempo pues no quería como que descubrir nuevos caminos entonces creo que cuando la escuela se permite eso es muy chévere.

**EC:** Es muy interesante lo que cuentas, pero Valentina tú estudiaste solo en dos escuelas.

**VM:** Sí, yo solo estude en dos colegios, aunque también antes de estudiar en el General Santander estuve en un jardín de primera infancia, aunque se piense que los jardines no son importantes, pues también es importante yo si reconozco eso, pero por ejemplo en mis experiencias con el jardín siempre recuerdo que me dejaban en el jardín porque no había nadie que me cuidaran en la casa, sino fuera por ese motivo yo por mucho tiempo fuera quedado al cuidado de mi abuela, la cual se vino del pueblo de mi mamá, el cual es Condoto (Chocó), entonces mi abuela se vino del pueblo y pues se quedó como un año acá y pues mi mamá súper feliz porque pues mi abuela era la que nos cuidaba y pues obviamente eso era un alivio porque mi mamá es madre soltera cabeza de hogar, entonces siempre eran muy difícil los gastos de pronto de pagar un jardín, pero cuando yo estuve en un jardín era porque como mi mamá no tenía con quién dejarnos y pues obviamente no nos podía dejar tan chiquitas en casa, pero cuando ya se acababa la bonanza pues mi mamá ya no pudo volver a dejarnos en el jardín, ya era necesario dejarnos en casa.

Pero sí, yo solamente estuve estudiando en dos colegios que fue el General Santander hace rato, esta fue mi primera experiencia escolar, mi primera experiencia con el mundo racista, puesto que antes de eso no conocía un espacio racista como tal, como que uno de pronto lo intuye o eso, pero la escuela te dice de manera

brusca que estamos viviendo en una sociedad racista, entonces fue mi primer espacio racista abiertamente, pues de pronto sí era como eran otros tiempos donde los cuerpos de pronto están como más socializados hasta estar en una hegemonía, entonces, pues era como eso y después cuando fui a terminar ya mi bachillerato en San Bernardino, que fue también todo un proceso, además San Bernardino no es el mejor colegio de la ciudad, puesto que como ya te dije habitan unos espacios educativos muy chéveres pero también deshabetan otros, entonces este colegio no era precisamente en la institución de la excelencia a decir verdad.

**EC:** Perfecto, Valentina tú haces referencia a tu mamá y a tu abuela, cómo se llaman.

**VM:** Mi mamá se llama Luz Arelis Mosquera Ramírez y mi abuela Isabel Mosquera Ramírez, mi mamá si tiene papá, pero con los apellidos hubo toda una confusión. Mi abuela siempre ha vivido en el pueblo, Condoto (Chocó), bueno mi abuela era de una vereda un tanto cercana a Condoto, el cual es un poblado un poco más grande y pues mi mamá se crio en Atrato río arriba con mis abuelos y mis tíos, mis abuelos hacia el 2001 o 2003 fueron desplazados de allá por paramilitares y por la guerrilla que tenían enfrentamientos ahí, entonces pues a la gente de ahí le tocó bajarse a Condoto. Mi mamá si se vino muy joven a Bogotá, desde los quince años a trabajar puesto que las oportunidades de vida en el Chocó son muy escasas, y pues mi madre pues tenía

ambiciones más grandes, entonces en 1995 se viene a vivir con una tía y pues posteriormente tiene a mi hermano y pues ya empieza a hacer vida acá.

**EC:** Y tu mamá vive en Bogotá

**VM:** Sí, ella vive aquí, ha buscado maneras de devolverse al pueblo, porque la verdad es que hay muchas personas que llegan de otros espacios de Colombia a Bogotá, que llegan de sus territorios tradicionales, de sus pueblos siempre quieren volver, como que siempre les queda el recuerdo de su lugar de nacimiento. Por ejemplo, mi mamá siempre nos dice que ella vivió ante todo una infancia feliz con los amigos, con la familia, y que pues no ha encontrado a decir verdad esa felicidad en Bogotá, y eso en cierta medida es verdad, puesto que verdaderamente las personas que llegan a Bogotá en muchos casos no se acoplan a la ciudad, como que solamente están acá por sobrevivir y ya, porque saben que si devuelven al pueblo no van a tener las mismas oportunidades, ni las mismas salidas económicas, pero ellos siempre piensan en volver, en salir de la ciudad siempre y creo que hasta la gente que está en la ciudad desea salir de la ciudad, puesto que muchos han comprado fincas o casas rurales porque vivir en Bogotá es estar en un espacio de conflictos y disputas.

Mi mamá siempre nos contaba que cuando ella llegó acá, pues a ella se le hacía muy difícil que le arrendaran una casa, un apartamento porque era pues una mujer negra, pero además sola y además con hijos, entonces,

ella decía que ese racismo era muy hostil y claramente eso le dejó muchas marcas violentas que hasta hoy en día ella rememora y nos decía antes “pero cuidado, porque cuando ustedes crezcan les va a pasar esto como me pasó a mí” entonces eso siempre fue como un miedo que mi mamá siempre nos metía, y sobre el hecho de que teníamos que tener cuidado con esta ciudad, cuidado con los mestizos. Entonces pues ahí estamos todavía conviviendo con eso, viviendo ciertas dinámicas dentro de la universidad, yo ya le doy cierta razón a ella no, porque de pronto en ese momento yo decía pues que mi mamá era muy exagerada porque de pronto yo no viví tan de cerca esa violencia racista de frente, porque yo creo que ahora el racismo se encubre en unos microracimos, en un racismo no tan racismo que se encubren en chistes, en opiniones, en creencias y en imaginarios. Entonces es burla racista, o esas afirmaciones de que ustedes solo son unos resentidos, pero pues el racismo que vivió mi mamá sí fue más violento, más del insulto, del irrespeto machista y sexista, y pues todo eso ella lo vivió aquí en Bogotá. Entonces es ahí que uno dice “mi mamá tenía razón” y ante todo es muy bonito porque es dialogar y reflexionar sobre eso con mi mamá y entenderla un poco más y comprender sus diferentes luchas y demás.

**EC:** Y tu abuela vive aún en el pueblo.

**VM:** Sí, mi abuela aún vive ahí, ella solo estuvo un año en Bogotá porque mi mamá le dijo pues véngase y

se hace unos exámenes médicos que no se hacían allá mi abuela, se vino y pues eran como una estadía como de dos meses que terminó siendo como de un año, pues ella claro yo super feliz porque estaba con mi abuela, pero ella no era mujer de ciudad entonces ante todo no le gustaba mucho por acá. Mi mamá siempre le dice, vámonos que usted va a estar mejor allá en Bogotá, por ejemplo la posibilidad de ir a un mejor médico, de ir a hacerse exámenes, vivir una mejor vida, porque pues en el Chocó por el abandono estatal se viven en una precariedad muy fuerte, que pues aunque como familia hemos tratado de ayudar a mi abuela y a mi abuelo todavía no tenemos los medios suficientes todavía para hacerlo, pero pues mi abuela dice que ella no vuelve a Bogotá, y en verdad no volvió a venir por acá, y no le dice que se venga pero ella no quiere, dice que ella prefiere morir en su pueblo y así pueda ser enterrada, y que por eso ella va a los velorios de sus conocidos y amigos, para que ellos también vayan al de ella y por eso ella tiene que estar allá, entonces es eso, es un dar y un recibir porque es un tejido social que está allá en el pueblo, y que es muy importante ante todo y como que uno acá en la ciudad como que no lo entiende porque uno dice acá en la ciudad hay un bienestar, hay más posibilidades de bienestar, hay más servicios, ignora que hay más cosas, pero este tejido normalmente no se construye acá, acá es muy difícil. Por ejemplo, yo acá tengo familia, tenemos mucha familia acá en Bogotá pero en la misma lejanía de Bogotá, no importa que sea una ciudad, pero

es una lejanía que a veces uno dice, pero me toca trabajar, me toca estudiar, me toca hacer, entonces no tengo tiempo para ir a visitar a mis tías, a mis tíos, a mis primas, no tengo literalmente una relación familiar porque estar en Bogotá es estar en muchos espacios, como te digo, yo me gasto una hora y media o dos horas de la Universidad a la casa, y de la casa a la universidad, es un espacio en donde uno dice, pues sí es mucho trayecto. Mis abuelos que ellos entienden mejor qué es un tejido social, que es vivir con la comunidad, que es vivir con los compadres, con las comadres, con los familiares en ese espacio territorial en lo que sea, pero que es tradición de ellos como que ellos saben que se van a morir allá y que ellos entienden mucho mejor esas dinámicas.

**EC:** Valentina ¿cómo fue el proceso para elegir la carrera que estudias y la universidad?

**VM:** Yo primero, antes de elegir Ciencias Sociales, elegí ser profesora yo ya sabía que quería, pues en el colegio me di cuenta de una manera muy chistosa porque nos mandaron como a un colegio a contar las experiencias como estudiante negra a un grupo de niños que estaban en cuarto o en quinto, y me acuerdo que pues ese día yo había preparado una clase así con todo, poesía, poemas para los niños y me fue muy bien, creo que hasta las mismas profes me dijeron, fue muy bonito. Me acuerdo que yo les llevé poesía de Mary Grueso que es una de mis poetas favoritas, a mí siempre me ha gustado mucho la poesía de Mary Grueso y yo se las lleva a los

niños, a ver cómo interpretaban eso de lo étnico, como dibujaban por ejemplo un niño a una niña blanca o a un niño indígena, un niño negro, pues uno se va dando de cuenta que son muchos los estereotipos que se van marcando en cómo los niños, como los jóvenes entienden eso de lo étnico y lo racial, como entienden que hay gente blanca, como entienden que es un indio, cómo entienden que es un negro. Entonces creo que en ese momento me di cuenta que sí, yo estaba como en décimo y me dije sí, yo creo que me serviría mucho ir al lado de la docencia, fue muy chistoso y si me pasé casi los últimos meses de décimo y el último año de 11 preguntándole a mis profesoras que tal esa profesión, le preguntaba profe y eso cómo es eso de ser profesor y esto, entonces ya cuando llegó la hora de salir del colegio, pues yo dije, yo ya sabía que quería ir a la universidad, era mi meta, yo creo que si no hubiera pasado a la Universidad, me hubiera deprimido muchísimo porque en ese momento sí era como mi meta y pues también una meta para mi mamá porque ante todo era como la primera de la familia que llegaba a una universidad pública y llegaba a una universidad como tal, por ejemplo soy la primera nieta de mi abuela que llega la universidad, entonces eso fue como muy significativo con las ciencias sociales y pensar que yo quería estudiar biología, pero en las ciencias sociales encontraba eso que no se encontraba en la biología, por eso me quede con esa carrera.

Asimismo, yo estaba muy inmersa en estas reflexiones sobre el medio ambiente, y yo dije, pero pues en

ciencias sociales está geografía y eso se habla también en las Ciencias sociales. Aunque yo tenía más intenciones con la historia y con otros temas también. Yo me presenté en la Universidad Distrital y a la pedagógica al mismo tiempo, y yo dije pues en alguna tengo que quedar y que en las dos universidades, bueno, y pues cuando yo conocí la Universidad Pedagógica pues en verdad me gustó mucho y también tuve el apoyo de mi mamá que me decía que yo iba a salir muy preparada de allá porque esa universidad era de solo profesores, además de que la Universidad Distrital que era en la Macarena pues me queda muy apartada, entonces mi mamá por seguridad también me dijo no tranquila, vaya mejor la Universidad Pedagógica porque me queda cerca de la estación de Transmilenio.

Y pues sí me ha gustado muchísimo la pedagógica en ese sentido y yo creo que es del primer momento que la conocí me pareció una universidad muy amena, con los grafitis, con sus paredes y sus luchas diarias, todo eso fue lo que me atrajo, porque pues ante todo eso es lo que habitamos como gente del común que viene ahorita, por ejemplo un espacio tan conflictivo como va a ser el espacio económico que nos rodea, y pues eso siempre ha causado conflictivo, porque nosotros como estudiantes decidimos habitar la universidad en todo sentido, siempre me gustó como la pedagógica en eso, porque también estar acá es resistir porque nos quieren sacar y por eso es que yo digo estamos resistiendo acá y hay que seguir resistiendo.

**EC:** Qué increíble trayectoria, es increíble y muy interesante que ha pensado por ejemplo o el día que tu mamá estuvo contigo acá conociendo la universidad que la primera hija, la primera neta de tu familia, estaba oficialmente ingresando en la universidad.

**VM:** Sí, Pues muy bonito, mi mamá creo que ha sido una de esas a veces me ha dado mucha lata claro, eso de todos los papás y las mamás, dicen, usted como que se va a morir de hambre, y yo digo ¿cómo así?, y sí es que eso de ser el profesora no es rentable, y pues mi mamá a veces si sale con esos comentarios, y además, mi hermana que es la chiquita entro a la Universidad este año, y mi hermana si está estudiando Ingeniería Ambiental entonces ya dice que ella si va a poder ayudar ya que yo no, pero bueno, igualmente yo fui ante todo la primera en entrar a la universidad así no le gusta a ella.

Pero igualmente mi mamá también me ha apoya mucho, por ejemplo hace poquito empecé a hacer prácticas en el mismo colegio donde me gradué, es muy chévere, porque llegan a verlo a uno ya no como estudiante, sino ahora como futura docente y entonces mi mama por eso es una de las mujeres más felices que yo esté haciendo prácticas, que ya está en campo futura hacer una profesora, ella está muy feliz de verme en esa posición, así me de palo a veces, ella sabe que me da palo chistoso. de igual manera ella está muy orgullosa de que yo ya este por terminal y que me convierta en una profesora, y que además yo le hubiera abierto paso a mi hermana para que fuera a la universidad, puesto que entrar a la

universidad es necesario, por ejemplo en mi caso como mujer negra que habita Bogotá también se me hace importante habitar esos otros espacios que están dentro de la ciudad, por ejemplo los espacios académicos que son tan peleados, la posición de mi hermana en la universidad solo es la posición de una estudiante, sino que además es una posición política en donde ella está habitando espacios que no nos permitían.

De igual manera yo estoy habitando la universidad claro desde una posición académica del estudiante con unos deberes y unos derechos, pero también desde una posición política en donde yo sé que este es un espacio negado para las comunidades étnicas, para los indígenas, para el pueblo negro a los cuales se les dificulta avanzar en procesos educativos, y pues yo siempre he dejado esta cuestión encima de la mesa con mis compañeros, con mi grupo de amigos, puesto que es muy importante y siempre he dicho como que me alegra que mi hermana también esté habitando esos espacios y que lo sigamos habitando poquito a poquito y lleguemos con más gente acá, porque pues sí ante todo la comunidad negra por ejemplo en la universidad aún es muy mínima todavía, en donde muchos estudiantes también tienen que hacer un esfuerzo muy grande, porque además yo no solamente estudio sino también soy trabajadora al mismo tiempo, entonces he tenido que habitar otros espacios para sostener mis estudios. Asimismo aquí en la universidad he tenido que habitar ciertos espacio racista propiciados por compañeros que se creen chis-

tosos pero literalmente son unos racistas educándose para ser profesores.

**EC:** Valentina tú como una mujer negra intelectual, casi concluyendo el curso de formación de profesor, en poco tiempo estarás siendo una profesora, desde tu posición epistemológica ¿cómo percibes la importancia de la enseñanza de la historia?

**VM:** Y creo que la enseñanza de la historia por ejemplo en los Colegios se quedó en un campo cerrado de contar acontecimientos históricos muy lineales, entonces uno le dice a los estudiantes: niños, esto pasó, esto primero y la Edad Media después, el Renacimiento, pero pues, entender que la Historia no es solo eso y que Historia hay que mirarla con pinzas porque es un campo muy importante para entender las realidades sociales del pasado pero que siguen ahora por ejemplo desde otros lenguajes habitando el presente. Entonces yo creo que es muy importante pues entender que la historia no es solamente esa como que esa historiografía lineal sino que también es como muy secuencial en lo que ha pasado y sigue pasando en la actualidad, y que esto tiene una influencia de pasado que va a evitar ciertos acontecimientos que pueden pasar en el presente, por tal razón uno tiene que aprender del pasado para no repetir, un ejemplo de esto es vivir el racismo contemporáneo, puesto que lo racial es algo netamente histórico, y esto me parece muy chévere, como que esa Historia conceptual por ejemplo y cosas

como por ejemplo hablar de la mujer, hablar del concepto mujer.

Pero además ahora como una categoría también es muy importante para los estudiantes, así suene muy complicado pero yo siento que como desde la educación el profesor puede llevar esas discusiones al aula, por ejemplo en Colombia se ha vivido el conflicto armado, entonces a veces como que solamente la escuela nos quedamos con un análisis Histórico muy riguroso, por tal razón creo que es necesario empezar a abordar la historia desde otra forma de enseñanza, entonces las podemos volver a narrar, pero desde otros espacios por ejemplo desde las experiencias del esclavo, de las mujeres, comunidades negras que quería buscar libertad a partir de las guerras de independencia, de conocimientos que también son muy importante. Yo creo que el profesor tiene que ir más allá de los acontecimientos de líneas de tiempo que no está mal, pero pues se puede problematizar esa misma enseñanza.

**EC:** Valentina para ir terminando quisiera saber qué fue lo que te marcó más en la pandemia.

**VM:** Creo que la pandemia pues me marcó en el hecho de que tuve que iniciar mis estudios durante la pandemia, eso fue una frustración muy grande, porque yo no esperaba vivir mi educación de esa manera, una educación virtual a la cual nunca llegue a acoplarme. Fue un momento muy complicado en el cual yo pensé cancelar asignaturas, cancelar hasta semestre porque

yo decía esa no es la educación que yo quería, no es la formación y claro, yo sigo siendo muy irresponsable en muchas cosas, porque por ejemplo pues yo estaba en la comodidad de mi casa, entonces era un poquito vaga. Además, la cuestión de la conectividad también era difícil claro, pues prender el computador a veces hasta era difícil porque pues había un computador para tres estudiantes que era mi hermana, mi hermano y yo, eso también era muy frustrante porque era una limitación en los medios como que no había, pues el Internet era como un problema que se caía a todo momento. Me acuerdo que tuve un problema con un profesor de la Universidad el primer semestre por eso porque se me caía el internet y pues era un solo computador. Entonces, pues me acuerdo de que se me prendió el micrófono y mi hermana va y dice un insulto entonces va y me contesta que “que yo empecé muy mal esta carrera y que la iba a terminar mal”, pero yo después de eso pues me disculpé, claro, pero sí fue muy frustrante en su momento, porque yo viví eso durante cuatro semestres de mi carrera, que es la mitad. Yo no me imaginaba en ese momento que eso fuera a pasar, pero bueno yo siempre lleve mis materias a la par, menos inglés y pues ya estamos a punto de graduarme, porque pues yo si quería habitar más la universidad otros años, por ejemplo, ya que estoy por graduarme, mi mamá, ya me está preguntando y la maestría, y pues ella también quiere que yo conozca otros campos, otras experiencias. Yo ante todo ya viví este espacio académico, universitario y lastimo-

samente dos años virtuales, pero pues ya eso fue, y en verdad pues ya me resigné.

Además, la pandemia permitió pensar en los cuidados, puesto que estamos pasando en una emergencia de los cuidados en casa, es ahí cuando las mujeres tenemos que cargar con el peso los quehaceres del hogar, de cuidar la vida y pues las mujeres de nuevo están habitando la casa, por ejemplo, yo escuchaba muchas experiencias de mujeres que habitan la casa con sus desconocidos, con sus esposos maltratadores, con sus violentadores. Entonces creo que la pandemia también nos puso a reflexionar sobre eso y hasta cierto punto yo también lo reflexioné en casa. Por ejemplo, en el primer año de pandemia, el cual fue el más riesgoso, mi madre estuvo trabajando activamente, mamá salía todos los días a trabajar y yo obviamente me había quedado sin trabajo, porque yo trabajaba en centros comerciales, pero los cerraron, entonces, yo me quedo sin empleo, pero mi mamá sí trabajo todo ese primer año y medio de la pandemia. Ya los últimos meses de 2021, pues la dejaron sin empleo, entonces le tocó ser vendedora ambulante y pues yo a veces le ayudaba. Entonces siempre estuvimos en ese riesgo y claro, ese miedo de que le pasara algo a mi mamá o que, pues nos pasara algo a nosotros, pero, pues, es como evitar eso y creo que la pandemia sí fue muy difícil y hasta ahorita estamos volviendo a salir un poquito cuando volví ya el año pasado, volví a retomar mi trabajo, volver a retomar mis cosas, en la pandemia existían las limitaciones económicas. Yo tuve varias li-

mitaciones, me tocaba hacer trabajos académicos a mis compañeros para ganar dinero, entonces sí fue difícil, pero ahí la seguimos, le seguimos el paso y ya.

**EC:** Valentina solo me queda agradecerte, por compartir un poquito de tu proyecto de vida, es muy valioso todo lo que dijiste, y pues no se si quisieras terminar diciendo algo más.

**VM:** Como mujer negra que habita Bogotá y este espacio universitario, pues también es importante decir que yo además de ser Valentina, estudiante de la pedagógica soy Valentina hija de Luz Arelis y hermana de María Alejandra, y pues también soy amiga, soy compañera. Desde la universidad si he tratado de ser muy incómoda, soy muy cansona a decir verdad, pero pues también yo sé que incomodar tiene un sentido, yo siento que incomodar también nos permite encontrar nuevos espacios de conocimiento de entendimiento con otros y con la diferencia en general. Entonces, pues sí, muchas gracias también por entrevistarme, porque también es un espacio de diálogo.

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional  
conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**TÍTULO: Convergências para o Acesso Aberto:  
políticas, tecnologias e práticas em transformação**

ORGANIZADORES Erinaldo Vicente Cavalcanti  
Raimundo Inácio Souza Araújo

PROJETO GRÁFICO,  
DIAGRAMÇÃO E CAPA Francisco Batista Freire Filho

PÁGINAS 264

TIPOGRAFIA Literata, Platypi



 EDITORA  
ASSOCIADA  
À ABEU  
[abeu.org.br](http://abeu.org.br)

